



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: TEORIA LITERÁRIA
E CRÍTICA DA CULTURA

THAÍS DA SILVEIRA GENEROSO RESENDE

**TRAJETÓRIAS IDENTITÁRIAS DE MULHERES EM *OF
WOMEN AND SALT***

Orientador(a): Profa. Dra. Juliana Borges
Oliveira de Moraes

São João del-Rei
2025

THAIS DA SILVEIRA GENEROSO RESENDE

**TRAJETÓRIAS IDENTITÁRIAS DE MULHERES EM *OF
WOMEN AND SALT***

Versão preliminar de dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Teoria Literária e Crítica da Cultura

Linha de Pesquisa: Literatura e Memória Cultural

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Borges Oliveira de Moraes

**São João del-Rei
2025**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, por ter me dado força e perseverança nessa caminhada.

Agradeço ao meu marido, Jonas; minha mãe, Márcia; meu filho do coração João Guilherme e a minha avó Dona Terezinha pelo apoio e incentivo nas horas difíceis.

À minha orientadora Juliana Borges Oliveira de Moraes por ter me guiado durante a pesquisa. Agradeço pelos encontros, trocas e auxílios que foram imprescindíveis para a minha trajetória no mestrado.

Ao meu querido professor Luiz Manoel da Silva Oliveira, que me orientou e me apresentou à pesquisa, quando eu ainda era graduanda.

Às minhas amigas Nathalia Almeida, Bianca Castro e Bárbara Vitória, por estarem sempre comigo e pelo apoio de sempre.

Ao PROMEL – Programa de Mestrado em Letras da UFSJ – Universidade Federal de São João del-Rei, especialmente ao Michel, pela paciência nos momentos de desespero.

Ao corpo docente do curso de Letras por me despertarem o interesse pela literatura e por ter me formado uma profissional apaixonada pelo labor, seja no meio acadêmico ou na sala de aula.

RESUMO

Of Women and Salt é um romance publicado em 2021 pela autora Gabriela Garcia. Criada em Miami, nos Estados Unidos, Garcia é filha de migrantes do México e de Cuba, e durante toda a sua infância transitou entre esses países. A narrativa centra-se em personagens mulheres, mães e filhas, que vivenciam deslocamentos constantes entre Cuba, El Salvador, México e Estados Unidos. Esta dissertação tem como objetivo analisar como os deslocamentos das personagens são fundamentais para a construção de seus percursos identitários, com foco nos movimentos migratórios das mulheres retratadas no romance. Para tanto, a análise organiza-se em três eixos principais desenvolvidos ao longo dos capítulos: os deslocamentos e experiências diaspóricas que moldam a história de cada mulher; as trajetórias identitárias das mulheres migrantes; e a maternidade como fio condutor das narrativas. Esses elementos fundamentam a perspectiva analítica deste estudo, que se apoia em referenciais teóricos de James Clifford (1994; 1999), Avtar Brah (2010), Sandra Regina Goulart Almeida (2016), Stuart Hall (2003), Homi Bhabha (2013), Lucila Scavone (2001), Marianne Hirsch (1989) e Bonnie Thornton Dill (1988), entre outros, para discutir as inter-relações entre deslocamento e identidade. Essas contribuições teóricas são essenciais para a reflexão sobre questões como deslocamento, identidade e migração, no romance de Garcia.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Diáspora; Maternidade; Deslocamentos; Identidade.

ABSTRACT

Of Women and Salt is a novel published in 2021 by the author Gabriela Garcia. Raised in Miami, United States, Garcia is the daughter of migrants from Mexico and Cuba, and throughout her childhood, she moved between these countries. The narrative focuses on female characters—mothers and daughters—who experience constant displacements between Cuba, El Salvador, Mexico, and the United States. This thesis aims to analyze how the characters' displacements are fundamental to the construction of their identity trajectories, with a focus on the migratory movements of the women portrayed in the novel. To this end, the analysis is organized around three main axes, which are developed throughout the chapters: the displacements and diasporic experiences that shape each woman's story; the identity trajectories of those migrant women; and motherhood as a connecting thread throughout the narratives. These elements underpin the analytical perspective of this study, which draws on theoretical frameworks by James Clifford (1994; 1999), Avtar Brah (2010), Sandra Regina Goulart Almeida (2016), Stuart Hall (2003), Homi Bhabha (2013), Lucila Scavone (2001), Marianne Hirsch (1989), and Bonnie Thornton Dill (1988), among others, to discuss the interrelations between displacement, identity, and migration within the context of diasporic literatures. These theoretical contributions are essential for reflecting on issues such as displacement, identity, and migration in Garcia's novel.

KEY-WORDS: Women; Diaspora; Motherhood; Displacements; Identity.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
Cap. 1 – Deslocamento e diáspora em <i>Of Women and Salt</i>	18
1.1 - Conceitos iniciais.....	19
1.2- Os primeiros percursos das personagens	30
1.3 - Movimentos migratórios por mulheres em <i>Of Women and Salt</i>	34
1.4 - A busca por “melhores chances” em <i>Of Women and Salt</i>	37
Cap. 2- Identidades em trânsito: percursos identitários em <i>Of Women and Salt</i>.....	41
2.1 – A concepção de identidade ao longo do tempo	41
2.2 - A busca por pertencer: os percursos identitários das mulheres em <i>Of Women and Salt</i>	55
2.2.1- Em busca do caminho de casa - Glória.....	56
2.2.2 – Os percursos identitários e o entrelugar discursivo na narrativa de Ana.....	62
2.2.3 – A garota difícil - Jeanette.....	67
Cap. 3- As relações maternas em <i>Of Women and Salt</i>.....	72
3.1 - Entre Expectativas e Experiências - Problematizando as definições tradicionais de maternidade.....	73
3.2 - Maternidade e transnacionalidade.....	79
3.3 - Maternidade e corpo.....	87
Considerações finais.....	95
Referências.....	100

A escrita não é uma técnica e não se constroi um poema ou um conto como se faz uma operação aritmética. A escrita exige sempre a poesia. E a poesia é um outro modo de pensar que está para além da lógica que a escola e o mundo moderno nos ensinam.

Mia Couto

INTRODUÇÃO

Meus estudos acerca dos deslocamentos e da diáspora tiveram início ainda na graduação, a partir do projeto de Iniciação Científica, em que analisei a obra *A Hora da História* (2015), da escritora indiana Thrity Umrigar, na qual tinha como objeto de análise uma personagem mulher. Essa pesquisa foi, posteriormente, ampliada no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), quando realizei um novo recorte, mantendo a mesma obra como objeto de análise, mas me dedicando, dessa vez, às questões de subalternidade, de identidade e de diáspora. Os resultados obtidos foram frutíferos, os quais me levaram a dar continuidade a essa linha de pesquisa no mestrado, analisando, porém, outro romance.

O romance *Of Women and Salt* (2021), de Gabriela Garcia, despertou meu interesse pela pesquisa por abordar temas como deslocamento, migração e diáspora, tendo como protagonistas mulheres em constante movimento. O romance apresenta um material literário ainda pouco explorado nos estudos sobre migrações, principalmente em se tratando do Brasil, o que confere a este trabalho um caráter de ineditismo quanto ao objeto de análise. Apesar de pesquisas realizadas em plataformas e repositórios acadêmicos de destaque, como o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES¹, o Google Acadêmico² e o OpenThesis³, constatamos que, desde a formulação inicial deste projeto de mestrado até o presente momento, os estudos diretamente relacionados à obra de Gabriela Garcia permanecem escassos. Tal constatação evidencia não apenas a insuficiência de investigações que abordem sistematicamente suas narrativas, mas também reforça a pertinência e a originalidade do presente trabalho, ao propor uma análise crítica que contribui para o aprofundamento do conhecimento no campo da literatura migrante contemporânea. Embora as pesquisas dedicadas especificamente ao romance ainda sejam escassas, os temas tratados na narrativa dialogam amplamente com discussões contemporâneas presentes em produções acadêmicas que abordam questões de gênero, migração e identidade.

A narrativa de *Of Women and Salt* (2021) acompanha diferentes gerações de mulheres caribenhas, articulando suas experiências de deslocamento entre El

¹ <https://catalogodeteses.capes.gov.br>

² <https://scholar.google.com.br>

³ <https://www.oatd.org>

Salvador, Cuba e os Estados Unidos e evidenciando os impactos identitários, sociais e afetivos dessas migrações. Garcia constrói uma genealogia de mulheres marcadas por rupturas e violências físicas e institucionais, propondo uma reflexão sobre as complexidades de ser mulher e mãe em contextos de migração.

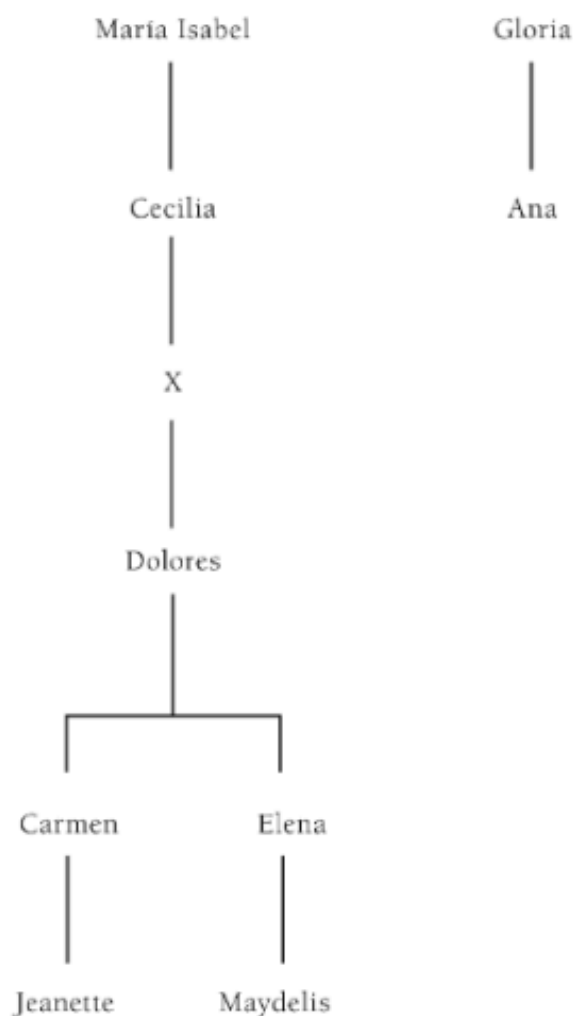
Tendo em vista o cenário precedente da obra, temos como premissa que o deslocamento pode funcionar como chave de leitura para os percursos identitários de personagens, como Glória, Ana, Carmen e Jeanette, personagens presentes na história de Garcia. Esse conceito não diz respeito, somente, a um movimento físico, mas também atua-se como um eixo estruturante das experiências afetivas, sociais e identitárias das personagens.

De forma a contextualizar a autora, começamos por apresentar suas produções e suas premiações. Gabriela Garcia é uma jovem escritora, poeta e jornalista. Filha de migrantes de Cuba e México, cresceu em Miami e mora, atualmente, na Bay Area. Gabriela é bacharel em filosofia pela Fordham University e também mestre em ficção pela Purdue University. Foi bolsista Steinbeck na Universidade Estadual de San Jose e realizou residências na Laghthouse Works, Sarabande Books e Keller Estate. Como reconhecimento pelo seu trabalho como escritora, recebeu o prêmio da Rona Jaffe Foundation Writer's Award⁴ (2020). O trabalho de Garcia foi reconhecido e selecionado para publicação na Best American Poetry, em 2019.

Quanto à obra objeto de estudo desta pesquisa, *Of Women and Salt* (2021), ela possui doze capítulos que se entrelaçam, construindo uma complexa teia de significados e relações entre as mulheres. Para fins desta análise, as personagens Maria Isabel, Dolores, Carmen, Jeanette, Glória e Ana serão contextualizadas a partir da árvore genealógica apresentada a seguir, tomando como ponto de partida a matriarca da família, Maria Isabel. A explanação dessas personagens segue a ordem em que elas são representadas no heredograma, de modo que possamos fazer uma leitura estruturada que evidencia os vínculos familiares, as relações de maternidade, bem como as formas como as experiências de cada mulher influenciam e moldam a vida das demais, constituindo elementos essenciais para a compreensão das dinâmicas familiares presentes na narrativa.

⁴ Disponível em: Disponível em: <https://www.shelf-awareness.com/max-issue.html?issue=399#m8466>
Acesso em: 30 jul. 2024

Figura 1 - Representação genealógica das mulheres em *Of Women and Salt* de Gabriela Garcia (2021)



A primeira personagem presente na árvore genealógica é Maria Isabel, a matriarca da família central do romance. É a partir dela que conhecemos as outras personagens. Nascida em Camaguey, Cuba, em meados do século XIX, a personagem trabalha como operária em uma fábrica de charutos e não possui nenhuma instrução além da tarefa que desenvolvia de enrolar, copiosamente, os cigarros na fábrica. Ao conhecer o marido, Antônio, um viajante que lia livros para os operários nos horários de almoço e dos cafés, ela aprende a ler e admirar os livros, em especial *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, herança material que será repassada à

última mulher de sua geração, sua trineta Jeanette.

Antônio é um homem inteligente, simpaticante da causa dos operários e da independência de Cuba do Império Espanhol. Nesse período, Cuba passava pela Guerra dos Dez Anos (1866), guerra esta liderada pelo empresário Manuel de Céspedes e seus seguidores que buscavam a independência de Cuba. Antônio, após o conflito, é assassinado por sua proximidade às ideias emancipatórias e Maria Isabel precisa sozinha criar a filha única, Cecília. É de Maria Isabel que se inicia a história da família principal da narrativa, representada no lado esquerdo do heredograma.

Maria Isabel, por sua vez, não se desloca fisicamente do seu país de origem; porém, vivencia as ausências do marido em prol da revolução, o que a faz enfrentar os efeitos desses movimentos em sua própria história e as marcas de se viver, sozinha, no século XIX, com uma filha pequena para criar. O desfecho da matriarca não é esclarecido no romance.

A próxima personagem a ser analisada nesta dissertação, pela ordem do heredograma, é Dolores. Ela é neta de Maria Isabel, filha de sua única filha Cecília. No romance, Dolores é apresentada já como uma mulher casada, unida a Daniel Hernández. A relação do casal é marcada por violência doméstica e abandono, uma vez que o marido dedica longo período de sua vida à guerrilha em prol da Revolução Cubana (1959), liderada por Che Guevara e Fidel Castro. Fruto desse casamento, o casal tem duas filhas: Carmen e Elena. Uma diferença significativa entre suas filhas consiste em suas relações com Cuba, uma vez que Carmen logo parte para os Estados Unidos e Elena se mantém em Cuba até sua morte.

Assim como a avó Maria Isabel, Dolores não se desloca fisicamente de Cuba, porém, com os movimentos realizados pelo marido, sofre momentos de abandono e grandes dificuldades na criação de suas filhas. O desfecho da história de Dolores é triste e macabro. Após um longo período viajando com os guerrilheiros, Daniel retorna à sua moradia trazendo a notícia da vitória. Dolores, após enfrentar intensos momentos de fome e miséria ao lado das filhas, planeja abandoná-lo. Embriagado, Daniel tenta forçar a esposa a ter relações sexuais e, diante da recusa dela, reage com extrema violência. Após o momento de violência, Daniel descobre, debaixo do colchão, o dinheiro que Dolores havia guardado para a fuga. A descoberta o enfurece ainda mais, levando-o a espancá-la com maior brutalidade. É importante compreender a sequência de acontecimentos desse episódio na trajetória de

Dolores, pois essa cena define os rumos que Carmen tomará em sua própria narrativa, aspecto que será analisado adiante.

Depois do episódio de agressão, Daniel adormece. Dolores, bastante machucada e temerosa por mais violências, buscou uma faca na cozinha e desferiu golpes pelo corpo do homem. Após notar que o marido está morto, ela o queima no quintal, em meio a pneus.

Aliviada por não ter mais que lidar com a brutalidade do marido e por não ter deixado marcas que comprovem sua responsabilidade, Dolores retorna à sua casa sem perceber que todo seu ato de assassinato foi presenciado pela filha Carmen. Sem deixar que a mãe perceba sua presença, Carmen volta para o quarto onde dormia junto à irmã. Após 15 anos do ocorrido, Carmen migra para os Estados Unidos.

A filha de Dolores, Carmen, possui grande espaço na narrativa de *Of Women and Salt* (2021). Ela é mãe de Jeanette, personagem na qual todas as demais histórias se costuram, até mesmo as que pertencem ao heredograma da família paralela. Nas cenas do romance, Carmen é apresentada como uma mulher fria que deixa Cuba muito cedo para nunca mais retornar. O contato de Carmen com a mãe se encerra por completo com o seu movimento migratório para os Estados Unidos.

Carmen, ao longo do romance, recusa-se a falar do lugar onde nasceu, que é Cuba. Mesmo que a filha Jeanette insista em saber sobre o passado da mãe, a filha jamais obteve respostas sobre Cuba e sobre sua família materna. Como justificativa por nunca ter voltado ao país natal, Carmen sempre se refere à política do país, sem nunca mencionar o que presenciou quando pequena. A relação de Carmen com Cuba reflete a relação que mantém com a mãe, que se encerra após a morte de Daniel, como fica evidenciado na cena a seguir:

Tanto sangue só poderia ter vindo de corte após corte no peito e estômago de Daniel, corte após corte após corte. (...) Buraco. Ela viu as chamas estourarem e crepitam como um milhão de vagalumes recolhidos. (...) Como ela poderia saber que Carmen havia ficado atrás da porta naquela noite? Em quinze anos, Carmen embarcaria em um avião para Miami, e Dolores nunca mais a veria⁵ (Garcia, 2021, p. 168 - tradução nossa)

⁵ No original: "So much blood could only have come from slash after slash into Daniel's chest and stomach, slash after slash after slash. (...) pit. She watched the flames pop and crackle like a million gathered fireflies. (...) How was she to know that Carmen had stood at the back door that night? In fifteen years, Carmen would board a plane to Miami, and Dolores would never see her again (Garcia, 2021, p. 168)

Devido ao fato traumático que ela presencia, Carmen decide guardar segredos de seu passado e da filha Jeanette no intuito de poupá-la do seu sofrimento, como fica evidenciado na cena abaixo que possui narração de Carmen:

Eu parei de falar com a minha própria mãe e eu nunca disse a você a razão pela qual vim para este país, que não é a razão que você pensa que eu vim para este país. Eu nunca disse, eu pensei que se não nomeasse essa emoção ou verdade, eu poderia fazer desaparecer⁶ (Garcia, 2021 p. 2 - tradução nossa)

A partir do deslocamento para Miami, Carmen nunca mais se encontra com sua mãe Dolores nem mesmo busca por notícias sobre seu paradeiro. Quando a Jeanette, já adulta, decide ir à Cuba conhecer a avó, Carmen a repreende e demonstra seu descontentamento por aquela ação. (Garcia, 2021). Mesmo diante do posicionamento da mãe, Jeanette se desloca para Camaguey, no país de origem e residência da avó em busca de conhecer melhor o passado da mãe na esperança de que suas origens possam lhe dar sentimento de pertencimento.

Jeanette, por sua vez, é filha única de Carmen e trineta de Maria Isabel. Sua história possui pontos de encontro com todas as demais personagens no romance, seja de sua própria família ou da família paralela. Ela é a última mulher da linhagem da família central e, pelo fato de não ter tido filhos, a linhagem se encerra com ela.

Jeanette possui uma relação conflituosa com Carmen, uma vez que a comunicação entre as duas é muito difícil desde a infância. A filha esperava da mãe uma reação mais assertiva sobre Cuba, já que ela ansiava por entender sua identidade, os costumes de Cuba e histórias sobre a infância de Carmen. Após repetidas tentativas frustradas de compreender a história da mãe, Jeanette decide conhecer a avó Dolores em Cuba, na esperança de finalmente entender a infância materna e os motivos pelos quais a mãe jamais fala sobre o país. No entanto, o retorno não satisfaz sua busca por compreender seu lugar no mundo. A morte de Jeanette em detrimento de uma overdose acontece após seu retorno para os Estados Unidos.

Em paralelo a essas relações entre mães e filhas, representadas pela família central, é-nos apresentada a história de Glória e Ana. A genealogia dessa pequena

⁶ No original: "I stopped talking to my own mother. And I never told you the reason I came to this country, which is not the reason you think I came to this country. And I never said I thought if I didn't name an emotion or a truth, I could disappear (Garcia, 2021, p. 168)

família, composta apenas por mãe e filha, também aparece no heredograma central no romance. O fato de Glória e Ana estarem presentes no heredograma nos mostra que, mesmo não pertencendo diretamente à família principal, suas histórias também são importantes e possuem ligações com os temas presentes na vida de todas as personagens, principalmente o deslocamento e a ligação materna.

O primeiro momento em que a história de Glória é narrada no romance ocorre em 2014, em um centro para mulheres deportadas no Texas. É nesse ponto que a narrativa introduz a personagem, num momento em que ela escreve à filha, implorando perdão por tê-la deixado nos Estados Unidos sob os cuidados de estranhos. Glória foi retirada de sua residência em Miami sem poder levar quaisquer pertences, deixando a pequena Ana aos cuidados de uma vizinha pouco conhecida, Jeanette. Essa primeira narrativa evidencia as experiências de deslocamento, separação familiar e os impactos da migração sobre a vida de Glória, constituindo o ponto de partida para a compreensão de sua trajetória no romance.

Glória é uma mulher migrante. Ela é natural de El Salvador, uma pequena nação da América Central conhecida pelas suas belas praias no Oceano Pacífico. Ao ser estuprada como pagamento por uma dívida de família, Glória engravida. Após o assassinato do irmão por novas dívidas, ela parte com a pequena Ana para os Estados Unidos em busca de refúgio e de melhores chances para a menina.

Em alguns momentos da narrativa, Glória deseja não ser mãe, pois sabe que o preço de sua escolha, de ter ficado com a filha, concebida de modo forçado e violento, foi muito alto e doloroso para as duas. A violência a que foi submetida não lhe faz desenvolver o papel materno de forma voluntária, uma vez que não houve escolha em ser ou não mãe. Os eventos na história de Glória independem de suas escolhas. Glória não é sequer proprietária de sua vida e decisões; é uma entre as várias mulheres migrantes presentes nos Estados Unidos de forma ilegal e que luta por um desfecho diferente para os filhos.

Durante a primeira infância da filha, Glória é deportada para um centro no Texas, tendo que deixar a filha sob os cuidados da vizinha Jeanette. Glória nem sequer sabe que a menina foi entregue à vizinha pelo ICE, o serviço de fiscalização de Imigração e Alfândega dos Estados Unidos.

Na história de Glória, o deslocamento é fundamental para seu reconhecimento enquanto sujeito e a única forma que ela encontra para viver uma vida melhor. Após a estadia no centro de deportação, Glória é deixada no México,

onde descobre um câncer que custará a sua vida. Após sua morte, Ana, adolescente, ciente de que os deslocamentos são a única forma de sobreviver, reproduz o ciclo de migrações que aprendeu com a mãe. Ela é a última personagem no romance de Gabriela Garcia. É também a última mulher presente na árvore genealógica em *Of Women and Salt* (2021). A história de Ana só acontece no final do romance, quando já está na adolescência, retornando aos Estados Unidos em uma viagem clandestina com outros migrantes.

Ana não pertence a lugar algum, pois esteve, constantemente, em deslocamento com a mãe. Para ela, não existe sentimento de nacionalismo ou de pertencimento, o que se reflete em seu percurso identitário, marcado pelas experiências biculturais nos Estados Unidos e no México.

Por ter vivido em diferentes países ao longo da vida, Ana apresenta em sua linguagem e em seus costumes uma mistura das culturas pelas quais passou, não pertencendo exclusivamente a nenhum deles, mas de certo modo, a todos simultaneamente, como aponta a cena a seguir: "Ana e a mãe ainda estavam no México. Ela conhecia quase tanto a vida em Miami quanto em Irapuato"⁷ (Garcia, 2021, p. 111 - tradução nossa).

Ana retorna para os Estados Unidos, a fim de reproduzir o que a mãe acredita ser uma forma de conseguir melhores chances para uma vida melhor. A partir da migração, Ana busca um lugar para que possa estabelecer moradia e se reconhecer enquanto sujeito.

O deslocamento, a identidade e a maternidade se entrelaçam na construção identitária das personagens e de suas trajetórias. A partir da metodologia proposta, objetiva-se demonstrar, por meio da análise das experiências migratórias das personagens, bem como de suas questões de pertencimento e de suas vivências maternas, que os deslocamentos são chave para a os percursos identitários dessas mulheres.

O romance será analisado a partir de três eixos centrais. O primeiro aborda o deslocamento e a diáspora, examinando como os movimentos migratórios influenciam as trajetórias das personagens e a construção de suas identidades. Para a análise das trajetórias de Carmen, Jeanette, Glória e Ana, recorro às reflexões de Sandra Regina Goulart de Almeida (2015), Stuart Hall (2003), Carole Boyce Davies

⁷ No original: ": Ana and her mother were still in Mexico. She's known almost as much life in Miami as in Irapuato (Garcia, 2021, p. 111)

(2010) e de James Clifford (1994)..

O segundo eixo de análise se concentra nas questões identitárias das personagens, considerando a concepção de identidade ao longo do tempo e os percursos identitários das mulheres em *Of Women and Salt* (2021). Buscamos compreender de que maneira as experiências de deslocamento e os movimentos migratórios perpassam a vida das personagens, influenciando a forma como se reconhecem enquanto sujeitos. Nesse contexto, a identidade não é concebida como algo fixo, mas como um processo contínuo de negociação e reconfiguração, atravessado por fatores históricos, sociais e culturais que moldam as vivências das mulheres. Para sustentar essa análise, fundamenta-se nos estudos de Avtar Brah (2011), Stuart Hall (2006), Rosemary George (1996) e Patrícia Hill Collins (2021), que permitem interpretar a identidade como resultado das interseções entre migração, diáspora, gênero e relações de poder.

O terceiro e último viés diz respeito às relações maternas presentes no romance de Garcia. Nele, discutimos o que significa ser mãe, problematizando os conceitos tradicionais de maternidade. Também analisamos as relações entre maternidade e transnacionalidade, observando como mães transnacionais experimentam o maternar e constroem sua autoimagem materna a partir dessas vivências. Além disso, abordamos a relação entre maternidade e o corpo, tendo em vista as noções sobre poder. Tais experiências influenciam diretamente a forma como essas mulheres se percebem enquanto mães e se refletem nos percursos identitários de cada uma delas.

Os três pilares mencionados, o deslocamento, as questões identitárias e as relações entre maternidade, transnacionalidade e corpo, aparecem de forma interligada ao longo da narrativa, formando uma teia de significados que se entrelaçam nas histórias. Essa articulação reforça a hipótese central de que o deslocamento é integrante dos percursos identitários das mulheres no romance, uma vez que suas experiências e transformações pessoais acontecem justamente mediante os processos de migração, o que se reflete na forma pela qual as mulheres se reconhecem enquanto sujeitos.

A análise de *Of Women and Salt* (2021) tem se expandido desde o lançamento da obra, emblematizando o crescente interesse crítico por sua abordagem sobre dinâmicas familiares, deslocamento e identidades. Alguns estudos acadêmicos, ainda não numerosos, têm explorado a narrativa do

romance, investigando temas como violência, relações maternas e construção identitária. Observamos que todas essas produções que encontramos se situam em outros países e são recentes, demonstrando a atualidade do interesse pela obra de Garcia. A título de exemplo, Firdiani (2024), em *Violence suffered by female characters in Gabriela Garcia's Of Women and Salt*, analisa a violência sofrida pelas personagens femininas; Davoren (2023), em *Mother-Daughter Relationships in Dreaming in Cuban and Of Women and Salt*, discute as relações entre mães e filhas cubanas presentes no romance; Hanif, Hassan, Nawaz e Perveen (2025), em *Identity and Heritage in Garcia's Of Women and Salt: A Diasporic Study*, investigam a construção da identidade e do patrimônio cultural das mulheres latinas na diáspora e Scacchi (2023), em *'Your Story is My Story': Family and Identity in Latino Immigrant Literature in the United States*, aborda as dinâmicas familiares e a formação identitária na literatura de migração, incluindo o romance Garcia.

Por fim, esta pesquisa contribui para o campo da literatura migrante ao mostrar como os deslocamentos estruturam experiências maternas, relações familiares e identidade a partir da narrativa de *Of Women and Salt* (2021). Nosso trabalho também contribui para a inserção do romance de Gabriela Garcia (2021) no campo dos estudos literários no Brasil, uma vez que a obra ainda é pouco explorada no país, ampliando o debate sobre a literatura migrante e oferecendo uma perspectiva crítica sobre as experiências de mulheres, como retratado no romance.

Depois do 'Portal do Não-Retorno', um mapa transformou-se em um conjunto de impossibilidades, um conjunto de locais cambiantes. [...] Um mapa, então, é apenas uma série de conversas ao longo da vida sobre uma lista esquecida de identidades irrecuperáveis. (Brand, 2001, p 100.)

1 DESLOCAMENTOS E DIÁSPORA EM *OF WOMEN AND SALT*

Pessoas com suas malas
mochilas e valises
chegam e se vão
se encontram
se despedem
e se despem
de seus pertences
como se pudessem chegar
a algum lugar
onde elas mesmas
não estivessem.
Ruiz, Santana.

No presente capítulo, abordamos os conceitos teóricos sobre deslocamentos, migrações e diáspora, a fim de que possamos, posteriormente, analisar os percursos das personagens Glória, de Ana, de Carmen e de Jeanette. Para tal, dividimos o capítulo em quatro seções: na primeira, apresentamos e discutimos terminologias empregadas pelos estudos acerca dos deslocamentos e diáspora; na segunda seção, abordamos os deslocamentos dessas mulheres presentes no romance e as implicações desses deslocamentos em seus percursos identitários; na terceira seção, por sua vez, discutimos as questões de gênero e os aspectos particulares dos movimentos migratórios que envolvem mulheres, com o objetivo de evidenciar as especificidades que atravessam a experiência de ser mulher migrante. Por fim, na última seção, analisamos as narrativas de *Of Women and Salt* (2021) no que tange aos deslocamentos das personagens e aos percursos identitários resultantes desses trânsitos.

Para realização de nossa análise, nos ancoramos nos pressupostos teóricos relativos à diáspora, deslocamento e migração à luz de postulados desenvolvidos por de William Safran (1991), James Clifford (1994 - 1999), Paul Gilroy (2001), Avtar Brah (2010), Sandra Regina Goulart Almeida (2016), Elena Palmero González (2017), Aimée G. Bolaños (2010), Sara Ahmed (2010). Por meio desse arcabouço teórico, podemos investigar como os deslocamentos promovidos por essas personagens, mulheres, são a chave para seus percursos identitários, aspecto fundamental para a compreensão do romance.

1.1 Conceitos iniciais

Começamos essa seção nos localizando em Cuba, território de origem de importantes personagens no romance como Maria Isabel e Carmen. A localidade de Cuba, situada no norte do Caribe onde se encontram o Mar do Caribe, o Golfo do México e o Oceano Atlântico, constitui um fator importante para investigar os movimentos geográficos no romance. Em *Of Women and Salt* (2021), esse país tem acentuada importância para a narrativa, uma vez que as personagens centrais dessa história derivam, residem e regressam deste local. Dessa forma, o romance é marcado, principalmente, pelos movimentos de entrada e saída entre Cuba e Estados Unidos.

Para exemplificar a relevância desse país no enredo de Garcia (2021), fazemos uma breve análise de uma personagem da história: Maria Isabel, a matriarca da família. Essa personagem permanece em Cuba durante toda sua vida e mostra, em suas narrações, o sentimento de afeto que possui para com esse lugar. Na passagem seguinte, Maria Isabel, ambientada na fábrica em que trabalha, comenta a importância do trabalho de homens letrados, que dedicam tempo a ler histórias nos intervalos do trabalho para pessoas que não sabem ler e escrever. Homens que se propõem a ensiná-la ciência e literatura, acreditando ser um possível caminho para o progresso do seu país. Ela afirma: “Estes homens de letras expressam uma calorosa afeição pelos trabalhadores cujas aspirações para tal conhecimento, ciência, literatura e princípios morais, alimentam o progresso de Cuba⁸ (Garcia, 2021, p.3 - tradução nossa). Nessa passagem, é possível inferir que a dedicação da matriarca em aprender a ler nos períodos em que deveria estar descansando é uma maneira de cooperar com o sonhado crescimento de seu país, demonstrando seu afeto por Cuba.

Com base nos trânsitos constantes das personagens entre países como Cuba, El Salvador e Estados Unidos, no romance, começamos esta seção por meio do conceito de “deslocamento”. Optamos por usar, neste trabalho, o termo no plural (“deslocamentos”), uma vez que os movimentos das personagens na narrativa são múltiplos, emancipatórios e o principal meio para o reconhecimento identitário dessas mulheres.

⁸No original: These men of letters express a warm foundness for workers whose aspirations to such knowledge - science, literature, and moral principle - fuel Cuba's progress” (Garcia, 2021, p.3).

Os deslocamentos não são fenômenos recentes na literatura e se apresentam como eventos narrativos importantes em diversas obras. A título de ilustração, podemos pensar em *Ilíada* (2011) e em *Odisseia* (2012), ambos escritos pelo poeta épico grego Homero, obras essas consideradas como os documentos literários mais antigos da história do Ocidente. Os deslocamentos em ambas as obras de Homero são o que conduzem a narrativa, sendo os acontecimentos das obras dependentes destes movimentos. Logo, toda história só acontece mediante as viagens do personagem, o que demonstra a centralidade do assunto para o desenrolar dos fatos narrados. Sendo assim, por meio de uma comparação entre as obras de Homero e o romance de Garcia (2021), podemos compreender a pertinência dos movimentos realizados pelas personagens em ambas as literaturas, sendo eles o princípio que conduz e embasa todo o enredo das histórias.

De acordo com Sandra Regina de Almeida Goulart, em *Viagens, deslocamento, espaços: conceitos críticos* (2016), a origem latina do vocábulo “deslocamento” remete à noção de local (*loco*) da mesma forma que retira o sentido de fixidez pelo acréscimo do prefixo *des-*, marcando a desestabilização da própria noção de local. Neste caso, o deslocamento é compreendido como mudança, ou seja, são os movimentos que os sujeitos percorrem pelos locais. Para Goulart (2016):

Refletir sobre um conceito de deslocamento na contemporaneidade pressupõe o enfrentamento de vários impulsos críticos e teóricos que marcam de forma indelével nossa era, tais como as noções de lar e pátria, as questões das filiações nacionais, o exílio e a desterritorialização, o conceito de comunidade e cidadania, o lugar do estrangeiro e do outro, os movimentos midiáticos e virtuais, as identidades e subjetividades móveis e fugidias, os novos espaços do afeto, terror e medo, os muitos cosmopolitismos contemporâneos e, principalmente, a relação entre o espaço transnacional e translocal e as representações e construções identitárias (Goulart, 2016, p. 143).

Refletimos, a partir da afirmação de Goulart (2016), que o sentido atribuído a “deslocamento” se estende para outros níveis de significações que não se baseiam apenas no movimento físico. Para refletir sobre os deslocamentos na atualidade, período no qual trânsitos entre lugares se tornaram mais ágeis com o advento da internet, é necessário considerar a múltipla significação que esse termo apresenta pautado nas novas interações trazidas pela contemporaneidade. Dessa forma,

“deslocamentos” abarcam uma série de questões sociais e culturais, que extrapolam a conceituação somente geográfica. Nessa mesma linha de raciocínio, González (2010), no texto *Deslocamento* (2010), enfatiza que pensar a noção de deslocamento acarreta enxergá-lo de forma ampla, já que esse conceito está associado a outras formas de mobilidade, como diáspora, migrações em geral e valores que fluem em diversos lugares, principalmente nas comunidades virtuais. Em seu verbete preparado para *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos* (2010), organizado por Zilá Bernd, a autora afirma:

Pensar a noção de deslocamento no âmbito das ciências sociais e especificamente na órbita dos estudos da cultura significa remeter a diferentes formas de mobilidade, física, espiritual, linguística; a diversas práticas de emigração, exílio, diáspora, êxodos nomadismo, circulações humanas; é pensar em traslado e em trânsitos de todo tipo, em políticas do movimento e em economias de viagem. Entendido como vivência e prática dos sujeitos, o deslocamento é um conceito fundamental nos estudos sobre imaginário e memória cultural. Entendido como metodologia de trabalho, converte-se em paradigma fundamental para pensar processos culturais (Bernd, 2010, p 109)

Juntamente a essas autoras, compreendemos o conceito de “migração” como uma forma de “deslocamentos”, já que ambos remetem à ideia de locomoção. Por “migração”, entendemos que se trata de um movimento realizado pelos povos dentro de um determinado espaço geográfico. Esse movimento pode acontecer de forma definitiva ou por um período estipulado, como também pode ocorrer por motivos econômicos, políticos, religiosos e pessoais (Bernd, 2010, p 109). Os movimentos migratórios, dessa forma, são cruzamentos de fronteira realizados por pessoas de forma física, constituídos na mudança de um cenário geográfico para outro .

Uma vez que o vocábulo “deslocamento” oferece o mesmo sentido semântico dos termos “movimento” e “locomoção”, podemos associá-lo ao conceito de migração. Segundo *Organização Internacional para as Migrações (OIM)*, a migração:

É um movimento populacional que compreende qualquer deslocação de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desenraizadas e migrantes econômicos (p. 40, 2009).

Para compreendermos os deslocamentos, que são, para além de geográficos, identitários, de personagens nas literaturas, como os que acontecem em *Of Women and Salt* (2021), é preciso abordarmos uma dimensão desse conceito que está para

além da explicação geográfica. Sendo assim, nos fundamentamos nos postulados de Sarah Ahmed (2010), em *Home and Away: Narratives of Migration and Estrangement*, os quais discutem a dualidade do conceito de migração, que oscila entre seus sentidos literal e metafórico. O sentido literal, segundo Ahmed (2010), é aquele que assume a materialidade física de se deslocar e de transitar entre fronteiras. Em outras palavras, refere-se ao movimentar por locais diferentes. Quanto ao sentido metafórico, Ahmed (2010) explica que a humanidade, em sua essência, é migrante. Nesse sentido, o sociologista Ian Chambers afirma:

A migração envolve um movimento em que nem os pontos de partida nem os de chegada são imutáveis ou certos. Exige uma habitação na linguagem, nas histórias, em identidades que estão constantemente sujeitas a mutação. Sempre em trânsito, o processo de regresso a casa — completar a história, domesticar o desvio — torna-se uma impossibilidade (Chambers, 1994, p. 4).

Devido à posição estratégica de Cuba, localizada entre diferentes fluxos migratórios do Caribe e da América, as personagens de *Of Women and Salt* (2021) realizam uma série de deslocamentos, especificamente o que chamamos de “diáspora”, outro conceito fundamental para compreendermos as nuances identitárias no romance de Garcia (2021). A ideia de diáspora está associada, historicamente, ao povo judeu e seu movimento constante e, dessa forma, relaciona-se, também, com os conceitos de “migração” e “deslocamentos”.

Maria Zilda Cury (2010) nos lembra que a palavra “diáspora” vem do grego (*dia*, através; *speirem*, espalhar), cujo significado se apresenta como dispersar ou semear. Todavia, ao longo do tempo, essa ideia sofreu ressignificações, pois teve que se adequar às novas condições de migração que apareceram na contemporaneidade.

O pesquisador William Safran (1991), em *Diáspora em sociedades modernas*⁹ (1991) aponta que as comunidades que se dispersam compartilham entre si um mito comum em relação ao local de origem, o que acarreta o desejo de retorno além do sentimento de nostalgia (Safran, 1991). Tomados por uma idealização do “lar ancestral”, esses sujeitos, segundo Safran (1991), acreditam na restauração do lar originário e, por conseguinte, não conseguem se desvencilhar, simbolicamente, desse local. Esse conceito de diáspora, entendido como experiência de perda e

⁹ Título original: *Diasporas in modern societies* (1991)

relacionado à ideia de que, ao migrar, algo significativo é deixado no país de origem, passou a ser problematizado na contemporaneidade.

O antropólogo estadunidense James Clifford em *Diasporas* (1994) defende que a diáspora não tem somente o sentido de perda. De acordo com o autor, a ideia de apego e o desejo de retorno dos povos diaspóricos são ressignificados, para dar lugar a novas concepções, que surgem a partir da análise das condições de migração (Clifford, 1994). Por exemplo, para um sujeito que migra de países em extrema pobreza ou guerra, o objetivo central é construir um novo lugar para se viver com melhores condições de vida, não existindo o desejo de retorno. Para esses sujeitos, surge a necessidade de ressignificar o lugar de origem, de enxergar o destino como uma nova oportunidade e como esperança de uma vida melhor. Portanto, compreendemos que os motivos pelos quais as pessoas se deslocam são relevantes para a análise da diáspora e desmistificam a ideia de que os processos diaspóricos são homogêneos.

Na mesma linha de raciocínio, Clifford em *Itinerários transculturais* (1994) defende que as diásporas precisam ser pensadas de modo desassociado do nacionalismo, isto é, do sentimento de apego ao país de origem. Dessa maneira, a terra natal não é vista como algo que permanece no imaginário nostálgico, mas como um lugar de apego por memórias que sobrevivem ao longo do tempo. Conforme Clifford:

Os sujeitos diaspóricos constroem lares longe do lar de origem, criando vínculos entre pessoas de origem e histórias semelhantes em diferentes lugares, constituindo identidades que, ao estender pontes, não reproduzem o nacionalismo (Clifford, 1994, p. 302)

Elucidamos, na fala desse autor, a criação de elos entre os sujeitos que passam pelo processo de diáspora, fator esse que também contribui para o esclarecimento de que esse fenômeno não se resume apenas à perda.

Ao encontro de Clifford (1994), Paul Gilroy (2001) também elucida a diáspora enquanto processo que acarreta formação de redes em *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência* (2001). Para ele, a diáspora da população negra ocasionou em um fluxo de ideias, de pessoas e de símbolos negros que se dispersaram por diversos pontos ao redor do mundo (Gilroy, 2001). A formação dessa rede permitiu que as populações africanas negras, na diáspora, criassem uma

cultura incapaz de ser identificada, exclusivamente, como caribenha, britânica ou como qualquer outra, mas sim sendo reconhecida como todas elas ao mesmo tempo. Logo, para Gilroy (2001), a diáspora não significa um movimento traumático ou aniquilador da cultura, mas sim uma fértil troca cultural que redefine todo tempo o sentido de pertencimento. O autor, dessa forma, traz contribuições para os estudos desse fenômeno, uma vez que, em sua obra, a teorização do conceito é posto como um processo dinâmico e interativo.

A pesquisadora Elena Palmero Gonzáles (2017), por sua vez, compreende diáspora como “uma cultura construída num processo dinâmico de trocas culturais que, pelo seu caráter híbrido, não se encontra circunscrita a fronteiras étnicas ou nacionais” (Bernd 2017, p. 74). Já para Brah, em *Cartografias da diáspora* (2011)¹⁰, é necessário pensar a diáspora de forma particular, o que varia de acordo com o momento histórico (Brah, 2011). O sujeito diaspórico, vive a diáspora de forma diferente que varia de acordo com raça, religião, língua, gênero e geração (Brah, 2011). Desta forma, o sujeito nem sempre possui o anseio pelo regresso, o que torna muito importante o lugar de saída como também o lugar de “enraizamento”. Compreender a diáspora, nessa perspectiva, faz com que seja possível pensar em esperança e novos começos para sujeitos que são frutos do cruzamento de múltiplas viagens, de culturas e de vivências.

Pensando, especificamente, sobre a diáspora africana, Colin Palmer (1998) em *Definindo e estudando a Moderna Diáspora Africana*¹¹ afirma que “as diásporas são produtos de vários fluxos migratórios” (Palmer, 1998, p. 216). Ele discorre sobre como seria a diáspora africana, levando em conta a vasta dispersão desses sujeitos ao redor do mundo. Para Palmer:

A diáspora africana moderna, em sua essência, consiste em milhões de povos de ascendência africana que vivem em várias sociedades que estão unidos por um passado baseado significativamente, mas não exclusivamente, na opressão “racial” e nas lutas contra ela; e que, apesar das variações culturais e divisões políticas e outras entre eles, compartilham um vínculo emocional entre si e com seu continente ancestral; e que também, independentemente de sua localização, enfrentam problemas amplamente semelhantes na construção e realização de si mesmos (Palmer, 1998, p. 217).

É importante, neste trabalho, elucidarmos a diferença entre diáspora e exílio.

¹⁰ Título original: *Cartografías de la diáspora: identidades en cuestión* (2015).

¹¹ Título original: *Defining and studying the Modern African Diaspora* (1998)

Para melhor compreensão, a ideia de exílio será aqui exemplificada de modo a pontuar a diferenciação entre esse termo e a diáspora. A palavra exílio origina-se do latim, *exsilium*, e significa “banimento”, “expulsão” e “lugar em que vive o sujeito exilado”. Pensando na história do Brasil, por exemplo, durante a Ditadura Militar (1964-1985), intelectuais e artistas, como Caetano Veloso e Paulo Freire, precisaram deixar o país para se exilar em outros locais, uma vez que suas seguranças estavam em risco. Esse tipo de movimento é comum em governos totalitários que não admitem questionamentos e rivalidades.

No caso do exílio, o que dificulta o retorno do sujeito para o país de origem pode ser passageiro, o que acarreta anseio em retornar para casa. Como aponta Pablo Gasparini (2008), em *Sobre a perda da grandiloquência na literatura hispano-americana pós-noventa: notas sobre a des-representação do exílio em* Lembel e Bolaño (2008): “o exílio introduz uma temporalidade em que o presente, colocado entre parênteses, gera uma falta e cria a expectativa de uma outra realidade, fazendo do futuro um espaço utópico, uma “nostalgia do futuro” (Gasparini, 2008, p. 27). Diferentemente da diáspora, os sujeitos exilados não enxergam o novo lugar como concreto, como lar; eles estão em determinado território por serem proibidos de retornar ao país de origem.

Essa diferenciação entre exílio e diáspora justifica-se pelo fato de que, no caso da diáspora, torna-se fundamental compreender o conceito para analisar certos acontecimentos em *Of Women and Salt* (Garcia, 2021), especialmente no que se refere aos percursos identitários das personagens Glória, Ana e Jeanette.

Retomando a importância de Cuba para o enredo de *Of Women and Salt* (2021), é fundamental abordarmos a diáspora relacionada ao Caribe, uma vez que ela é um fenômeno marcante na vida de personagens importantes no romance.

Ao redor do Mar do Caribe, existem algumas ilhas e Estados Insulares. Cuba é a maior ilha dessa região, possuindo uma área de 110.861 km². No que concerne à população caribenha, os movimentos migratórios se intensificaram a partir de 1960, aumentando os fluxos migratórios dos países pobres para os países desenvolvidos.

Na obra *Sólidas, Dúcteis e Líquidas: noções em manutenção de "lar" e "terra natal" nos estudos de diáspora* (2008), Robin Cohen (2008) reporta que a população principal do Caribe migrou, muitas vezes, e permaneceu com suas tradições migratórias, sejam elas africanas, dentro do próprio território geográfico do Caribe, ou além (Cohen, 2008). Como exemplo, o autor apresenta os povos caraíbas e

arauás, as primeiras populações assentadas do Caribe que morreram em consequência das conquistas, das doenças e da exploração da mão de obra. Dentre os vários povos que compõem o Caribe, há escravizados do Oeste da África, brancos e agricultores vindos da Europa.

A pesquisadora Carole Boyce Davies (2008) em *Mulheres caribenhas escrevem a migração e a diáspora* (2010), disserta sobre dois momentos que constituem a história da diáspora caribenha. Segundo a autora:

As primeiras diásporas trazem consigo a lógica da migração forçada e, portanto, a lógica de uma dialética mais antiga entre terra natal e exílio. Os movimentos subsequentes que rediasporizam ou criam uma diáspora caribenha estão mais de acordo com movimentos dos séculos XX e XXI que têm um caráter mais voluntário, embora haja um ímpeto econômico por trás dessas migrações, que incluem elementos das antigas diásporas africanas e indianas, caracterizadas como migrações voluntárias, forçadas, induzidas ou decorrentes do comércio, e das migrações mais recentes, que produziram uma comunidade diaspórica de povos caribenhos nos principais centros mundiais (Davies, 2008, p. 4).

Os povos caribenhos, como demonstrado por Davies (2008), se espalham ao redor do mundo em busca de melhores condições financeiras e econômicas. Esse fenômeno de migração entre povos do Caribe reforça os padrões da diáspora caribenha como também amplia essas redes de diáspora entre pessoas em diferentes lugares do mundo.

Paralelamente a essa distinção entre o movimento forçado ou voluntário de migração, o sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (2003), em *A Diáspora* (2003), defende que os povos caribenhos são sujeitos diaspóricos, já que as migrações são características primitivas do Caribe (Hall, 2003). Vale ressaltar que, ao escrever sobre isso, Hall (2003) faz uso da primeira pessoa, pois o autor possui a diáspora na história pessoal. Como parte da primeira geração, na década de 1950, o autor foi um dos migrantes caribenhos que se deslocaram para a Grã-Bretanha.

Hall (2003) percebe uma certa tensão em torno do conceito de diáspora em função da dualidade entre a manutenção do pertencimento à terra natal e as novas identidades que surgem à medida que os sujeitos estão em situação diaspórica. O sociólogo afirma que não se sente em “casa” em nenhum dos dois países e, para melhor definir sua noção de pertencimento, prefere fazer uso da noção do “intermediário”; ou seja, aquele que está entre uma coisa e outra (Hall, 2003, p. 197). Ainda de acordo com o autor: “Há, por esses motivos, o interesse pelo fenômeno

das diásporas, pelas hibridizações, bem como pelo que constitui a ‘casa’, essa para a qual nunca se volta efetivamente” (Hall, 2003, p. 197).

Ao se debruçar sobre os fluxos migratórios providos da América Latina e do Caribe para os Estados Unidos, Marizete Peretti, (2018) identifica que eles estão relacionados, primeiro, a uma maior integração econômica entre os países possibilitada pelos acordos regionais de integração e, segundo, pela venda excessiva do “sonho americano”, promulgado após a Revolução Industrial e a consequente ascensão do capitalismo. Complementa a autora: “cumprir apontar brevemente, o pensamento que domina a sociedade contemporânea capitalista sobre migrações, entendendo-se como o deslocamento de alguém pode ‘melhorar sua sorte na vida’” (Peretti, 2018, p. 22), refletindo sobre a busca por melhores condições de vida como um dos motivadores dos deslocamentos.

A título de ilustração, de acordo com dados da Agência Brasil¹², no ano de 2022 foi registrado um número recorde de cubanos que migraram para os Estados Unidos devido a questões políticas e ao regime centralista do atual presidente, Miguel Diaz-Canel. Por volta de 70% dos migrantes latino-americanos e caribenhos residem nos Estados Unidos.

Em *Of Women and Salt* (2021), conseguimos identificar, em uma cena de Jeanette, a existência de um grande número de cubanos que se encontram nos Estados Unidos, os quais compõem seus novos lares desde muito tempo. Jeanette aponta:

É fato: em Miami, cubano é sinônimo de branco. Em Miami, os cubanos zombaram quando você os chamou de latinos. “Não sou latino, sou cubano”, dirão. Com isso eles querem dizer: eu sou branco, outro tipo de branco que você não conhece, estranho ¹³ (Garcia, 2021, p. 140 - tradução nossa)

Nesse momento, a personagem discute acerca dos cubanos em Miami e o fato de como os americanos estão familiarizados com essa presença. Entretanto, como é ressaltado pela Jeanette, existe uma falta de identificação, uma vez que, ao se sentirem integrados em Miami, os cubanos sofrem um processo de embranquecimento

¹² Disponível em: [Maioria dos migrantes da América Latina e do Caribe vai para os Estados Unidos | Agência Brasil](#). Acesso em: 20/02/2024.

¹³No original: “: This is fact. In Miami, Cuban is synonymous with white. In Miami, Cubans will scoff when you call latino. “I am not Latino. I am Cuban”. they will say. By which they mean, I am white another kind of white you don’t know about, outside (Garcia, 2021, p. 140).

Além desse fator, os problemas relacionados à política de Cuba também estão representados no romance de Garcia (2021). Na seguinte cena, Carmen comenta sobre a morte de seu pai, o qual era um aliado da revolução cubana, e sobre as condições de miséria em que viveu no país. Carmen, nessa cena, desabafa sobre a dor que sente por ter perdido pai, o que afetou drasticamente seu relacionamento com Cuba:

Ela não concordava com alguns dos outros cubanos da sua idade que diziam coisas como não somos como eles, o nosso lugar é aqui, somos refugiados políticos. Carmem havia perdido um dos genitores, o pai. E ela conhecia aquele rasgo, aquela lágrima, aquela sensação de vazio como um dente arrancado, para sempre algo fora, para sempre um espaço¹⁴ (Garcia, 2021, p. 100 - tradução nossa).

Percebemos, nessa cena, que a personagem aponta constantemente a política local não só como justificativa para não retornar ao país natal, mas também por ser a causa dos problemas que enfrentou, na infância, juntamente com os pais. De alguma forma, a questão política, segundo Carmen, foi responsável pela morte de seu pai, assim como marcou sua infância por dificuldades.

O capítulo *They like the grimy*, que apresenta a história de Maydelis, já em Cuba, está repleto de descrições dos problemas econômicos do território, tais quais a exploração sexual e a dependência do país em relação ao turismo americano, como fica evidenciado na cena seguinte, apresentada por Maydelis: “Em Cuba, uma *jintera* branca que vende sexo passa fome. São mulheres muito jovens e de pele muito escura que esses homens procuram”¹⁵ (Garcia, 2021, p. 136 - tradução nossa).

Por suas raízes e por afirmar que Cuba detém como principal antepassado o povo africano, Hall (2003) possui, como apresentamos anteriormente, particular interesse em analisar o povo caribenho de pele negra e sua constituição diaspórica. O sociólogo pontua sobre como seriam imaginadas as nações caribenhas que estão em constantes movimentos migratórios. Além disso, o autor também questiona os limites de fronteira para esses povos que possuem o deslocamento como centro de

¹⁴No original: “: She didn't agree with some of the other Cubans her age who said things like we're not like them, we belong here, we're political refugees. Carmen had lost a parent, her father. And she knew that rip, that tear, that hollow feeling like a tooth pulled , forever something off, forever a space (Garcia, 2021, p. 100)

¹⁵No original: “: In Cuba, a white *jintera* selling sex goes hungry. It's the very young, very dark-skinned women theses men are after. Everyone knows this. There are jobs even: *they didn't come here to see themselves* (Garcia, 2021, p. 124)

suas narrativas. Por meio desse ponto, Hall (2003) questiona: quais seriam o começo e o final de um território? Compreendemos, sobretudo, que tal questionamento se trata de uma investigação acerca das limitações de um país e, por conseguinte, de um povo (Hall, 2003, p. 17). “A via para a nossa modernidade” (Hall, 2003, p. 18) escreve o sociólogo, “está marcada pela conquista, expropriação, genocídio, escravidão, pelo sistema de engenho e pela longa tutela da dependência colonial” (Hall, 2003, p. 18). Por meio das observações do autor, inferimos que o Caribe renasceu da violência e através dela (Hall, 2003, p. 18).

Ainda sobre o fator étnico-racial relacionado aos caribenhos, gostaríamos de pontuar que, na narrativa de *Of Women and Salt* (2021), não há afirmações e descrições detalhadas dos aspectos físicos das mulheres. Todavia, algumas passagens do romance nos levam a concluir que a família de Jeanette, em Cuba, não tem a pele branca, assim como sua mãe possui traços representativos do povo negro, como fica evidenciado no momento seguinte:

Eu era ignorante. No Ensino Médio, vi um documentário sobre o Buena Vista Social Club e antes disso não sabia que existiam muitos cubanos negros. E então perguntei à minha mãe: “Como é que há tantos cubanos negros em Cuba e tão poucos em Miami ou há mais, mas moram em outro lugar?” e ela olhou para mim como se a pergunta não fosse uma pergunta, mas beirasse o insulto. (Não pergunte à minha mãe sobre seus cabelos cacheados. Não pergunte a minha mãe sobre algumas de suas características. Não pergunte por que ela odeia se bronzear)¹⁶ (Garcia, 2021, p. 141 - tradução nosta).

Carmen não era uma mulher de traços originalmente americanos porque havia nascido em Cuba e por este motivo possuía traços que transpareciam sua origem. Por mais que ela negasse suas raízes, os elementos constitutivos de sua forma física remetiam ao povo cubano e sua mãe Maria Isabel.

A obra de Garcia (2021) é ambientada em Cuba, El Salvador, Estados Unidos e México, lugares pelos quais as mulheres transitam e constroem suas identidades em deslocamentos. Abordar esses movimentos é imprescindível para o enredo de *Of Women and Salt* (2021), uma vez que os movimentos migratórios e as questões relativas à diáspora interferem e moldam as narrativas das personagens, assim

¹⁶No original: I was ignorant. In high school, I saw a documentary about the Buena Vista Social Club, and before that I hadn't known there were many Black Cubans. And then I asked my mother, “How come there are so many Black Cubans in Cuba and so few in Miami or are there more but they live somewhere else?” and she looked at me like the question wasn't a question at all but bordered on insult. (Don't ask my mother about her curly hair. Don't ask my mother about some of her features. Don't ask her why she hates to tan) (Garcia, 2021, p. 141).

como suas identidades. Como os deslocamentos geográficos, as histórias também se deslocam entre épocas, narrações e cenários distintos. Nessa seção, abordamos alguns estudos realizados acerca dos conceitos de diáspora, migrações e deslocamentos. Apresentamos, de modo subsequente, análise a respeito dos percursos que as personagens realizam na obra de Garcia (2021).

1.2 Os primeiros percursos das personagens

A presente seção visa apontar os deslocamentos das personagens Glória, Ana, Carmen e Jeanette no romance *Of Women and Salt* (2021) e apontar como esses movimentos são importantes para os percursos identitários dessas mulheres. Começaremos por abordar os deslocamentos de Glória, uma vez que ela é a personagem que mais se desloca na narrativa, numericamente falando, transitando entre países como El Salvador, Miami e México.

Os deslocamentos de Glória, ao longo de suas trajetórias, visam encontrar moradia e melhores chances que não foram encontradas em El Salvador, seu país natal. Entretanto, nenhum dos lugares pelos quais transitou se tornaram lares fixos. As deportações e o medo de ser descoberta pela ilegalidade produzem um processo cíclico interminável de idas e voltas.

Por meio de alguns relatos de Glória ao longo do romance, identificamos que a personagem possui lembranças afetuosas de El Salvador. Essas lembranças são memórias que remetem à infância, como evidenciado na seguinte passagem:

Eu me imagino no meio de um campo, um campo como o que fica atrás da minha casa de infância em Sonsonate, em El Salvador, e olho para cima e há centenas de filhotes chovendo sobre mim ¹⁷ (Garcia, 2021, p. 53 - tradução nossa).

Além disso, por mais que haja lembranças afetuosas de Glória pelo país de origem, lugar, inclusive, onde seus pais residem, o desejo de retorno não se faz presente na narrativa da personagem. Voltar a El Salvador, para ela, representa perigo, significa reviver cenas violentas e condições desfavoráveis de vida para ela e

¹⁷No original: I imagine myself standing in the middle of a field, a field like the one behind my childhood home in Sonsonate, in El Salvador, and I look up and there are hundred of baby birds raining down on me (Garcia, 2021, p. 53).

para sua filha Ana. No enredo, descobrimos que Glória foi estuprada em vingança a uma dívida de família e, caso retorne ao país de origem, algo pior poderia acontecer a ela e a sua filha. Sendo assim, o desejo por retorno, defendido por teóricos da diáspora, como Safran (1991), cede lugar ao medo e à aversão pelo regresso.

A necessidade de construir “lares fora de seu lar” de origem é indispensável para a narrativa de Glória, o que confere a essa personagem o caráter diaspórico de sua vivência. Esse novo lugar, imaginável, não representa somente um novo lar, ou seja, um lugar físico-geográfico, mas também a esperança de que a filha dela poderia ter um desfecho diferente do da mãe. Os deslocamentos, para a personagem, atuam como uma chance de um novo começo. Mesmo que Glória tenha passado por inúmeras situações, como a deportação, o abandono da filha e a ilegalidade, seus movimentos geográficos só se findam devido à doença e à morte.

Já se tratando de Ana, única filha de Glória, elucidamos o fato de que ela desconhece outro cenário de vida que não esteja atrelado aos movimentos constantes de migrações. A menina experiência diversos episódios envolvem viagens ou mudanças, pois, desde a infância, sua mãe, Glória, por meio de constantes deslocamentos em busca de melhores condições de vida, influencia a filha a migrar. Esse padrão torna-se evidente na cena em que Ana, sozinha, decide retornar aos Estados Unidos, como evidenciado na cena seguinte que mostra o primeiro pensamento de Ana após a morte da mãe: “Ana pensou primeiro em voltar para os Estados Unidos, onde não tinha família, isso **inexplicavelmente** surgiu em sua mente”¹⁸ (Garcia, 2021, p. 196, grifos da autora).

É importante destacar que Ana não herda de sua mãe apenas o DNA, mas também a condição diaspórica. Essa herança manifesta-se no modo de vida transmitido de mãe para filha, caracterizado por constantes movimentos e trânsitos entre diferentes países. De certa forma, a esperança cultivada por Glória em buscar segurança e oportunidades que seu país de origem não proporcionou também se reflete na trajetória de Ana.

De modo semelhante à Glória e, conseqüentemente, à Ana, Carmen também enxerga a migração como salvação para sua história. Ainda jovem, decide partir de Cuba para recomeçar a vida nos Estados Unidos. O deslocamento, nesse caso, é uma atitude desesperada não só para esquecer o passado e apagar sua origem

¹⁸No original: Ana first thought of returning to the United States, where she had no family, this stranger had inexplicably popped into her mind (Garcia, 2021, p. 196).

cubana, mas também para se livrar de imagens do assassinato do pai.

Há uma semelhança marcante entre Glória e Carmen, na medida em que ambas jamais retornam a Cuba devido às violências associadas às condições políticas e econômicas do país, como guerras civis e o tráfico de drogas. Outro ponto de convergência entre as duas personagens é a preocupação em proteger suas filhas das experiências traumáticas do passado. O vínculo materno que compartilham aproxima suas trajetórias, mesmo na ausência de qualquer ligação narrativa direta entre elas.

A relação de proteção à filha se manifesta na trajetória de Carmen, quando Jeanette decide retornar a Cuba para conhecer a avó. Nesse episódio, Carmen posiciona-se totalmente contrária à decisão da filha. O repúdio de Carmen em relação à própria mãe, Dolores, e, por consequência, a Cuba, é tão marcante que se evidencia na forma como ela evita chamar a progenitora de “mãe”, utilizando seu próprio nome para se referir a ela, como fica explícito no seguinte momento: “Ouça, Carmen interrompeu. Dolores só quer causar problemas - você quer dizer sua mãe - eu quero dizer Dolores”¹⁹ (Garcia, 2021, p. 97 - tradução nossa).

Notamos, desse modo, que todas as experiências de vida das personagens culminam em deslocamentos. Jeanette, ao contrário de Ana, não é uma menina que precisa buscar, em outro país, uma segurança, porém ela precisa ir até a avó em busca de se reconhecer enquanto sujeito. Já para Carmen, voltar a Cuba pode colocar em risco todo um passado que ela se esforçou em esconder. De todo modo, Jeanette decide ir a Cuba com o intuito de compreender como o movimento migratório de Cuba para os EUA modificou a mãe a ponto de fazê-la esconder as verdadeiras raízes. Para essas personagens, enfim, os movimentos migratórios são, também, movimentos emancipatórios dos países, das histórias, do passado e das mães.

Ao contrário de Carmen, Jeanette, Glória e Ana, algumas mulheres não se deslocam fisicamente no romance, mas possuem o deslocamento presente em suas vidas de forma indireta, a saber, Dolores e Maria Isabel. O deslocamento, para elas, acontece de forma secundária, pois são os maridos que se deslocam em suas constantes viagens a trabalho ou por motivos políticos. Por mais que elas não tenham se deslocado de forma física, os efeitos destes movimentos são sofridos e

¹⁹No original: Listen, Carmen interrupted. "Dolores just means to make trouble - " you mean your mother" - I mean Dolores (Garcia, 2021, p. 97).

vivenciados por elas, como a fome, a pobreza e a solidão, como evidenciado na cena abaixo:

Dolores não sabia em quanto tempo ele iria embora ou quanto viveria. Apenas alguns dias de trabalho perdido significava que ela teria que alimentar as meninas com o que estivesse maduro em seu pequeno terreno, algumas bananas cozidas ou malanga ou, pior, um punhado de nísperos, copos de água com açúcar (Garcia, 2021, p. 153 - tradução nossa).²⁰

Gostaríamos de ressaltar, com menor ênfase, a personagem Maydelis, que também está presente no heredograma da primeira página, pertencente à família central da narrativa. Maydelis é filha de Elena, sobrinha de Carmen, prima de Jeanette e também possui o desejo de se deslocar para os Estados Unidos em busca de melhorias de vida, porém não o concretiza, pois há um apego pela família com quem reside em Cuba

Apesar de não se deslocar para outro país, Maydelis alimenta o desejo por uma viagem aos EUA. Ela sonha, também, em morar em outro lugar por um curto período; quem sabe tempo suficiente para conseguir algum dinheiro e, assim, melhorar as condições de vida quando retornar. Trata-se de um desejo que emerge como marca da pobreza e da subalternidade, instanciado pelas condições de vida no país, como fica evidenciado no episódio seguinte: “O salário médio de um funcionário do governo cubano é de dez dólares mensais. ‘Dez dólares!’”²¹ (Garcia, 2021, p. 141 - tradução nossa). Maydelis também procura formas de se livrar da pobreza do país no qual vive, e sonha, como tantos, encontrar nos Estados Unidos a tão idealizada ascensão social.

Pensando sobre a importância dos deslocamentos para as histórias no romance, na próxima seção, analisamos os deslocamentos das personagens Ana, Glória, Carmen e Jeanette, no intuito de melhor compreender os percursos dessas personagens no romance de Gabriela Garcia (2021).

²⁰No original: Dolores didn't know hoe long he'd be gone or If he'd live. Just a few days of missed work meant she would have to feed the girls whatever was ripe on their little plot - some boiled plantains or malanga or, worse, a handful of nísperos, glasses of sugar water (Garcia, 2021, p. 153).

²¹No original: The everage salary for Cuban government employee is ten dollars a month. "Ten dollars!" she says (Garcia, 2021, p. 141).

1.3 Movimentos migratórios em *Of Women and Salt*

Como já foi mencionado, *Of Women and Salt* (2021) tem como temática principal os movimentos migratórios realizados pelas personagens Carmen, Jeanette, Glória e Ana. Com base nisso, abordamos, nesta seção, os deslocamentos dessas personagens e os aspectos específicos desses movimentos para mulheres.

Estudos desenvolvidos por Bonnie Thornton Dill (1988), Rosemary George (1996) e Roberta Alencar Rodrigues (2010) ressaltam o papel da mulher em contextos de migração. Todavia, é importante dizer que as mulheres nem sempre foram vistas como sujeitos ativos no processo de migração. No texto *Marcas do gênero nas migrações internacionais das mulheres* (2010) as autoras Roberta Alencar Rodrigues, Marlene Neves e Leonor Cantera, apontam:

A invisibilidade das mulheres nas pesquisas sobre migrações internacionais não reside somente no seu ocultamento nesse fenômeno, mas também no retratá-las como coadjuvantes na posição de membro da família, conferindo um sentido estereotipado às suas experiências. Desse modo, investigações capturadas pelo discurso patriarcal deixam de dar voz às percepções das mulheres imigrantes em relação ao seu mundo, negligenciando o fato da imigração ser vivenciada de forma diferenciada por homens e mulheres (Kosminsky, 2004, p. 279 *apud* Rodrigues, 2010, p. 2).

As autoras Madalena Duarte e Ana Oliveira em *Mulheres nas margens: a violência doméstica e as mulheres migrantes* (2014) denunciam que as questões relacionadas a gênero nas migrações não estão presentes nas políticas de migração, nem mesmo nos programas de apoio aos/às migrantes (Duarte, Oliveira, 2014). Isso torna a mulher subalterna em processos de deslocamentos, ocasionando condições inapropriadas de vida e estadia. Ainda nesse sentido, as autoras relatam que a mulher não foi relevante, por muito tempo, para as pesquisas de migrações por terem histórias de deslocamento, geralmente, relacionadas ao homem (Duarte, Oliveira, 2014). Em função disso, as pesquisadoras apontam:

Embora as mulheres venham, desde há muito tempo, se assumindo, progressivamente, como sujeitos ativos de estratégias migratórias e não apenas como os suportes que as viabilizam, no Norte, sobretudo na Europa Ocidental, o rosto do migrante persiste em ser o rosto de um operário e, portanto, de um homem” (Duarte, Oliveira, 2014, p. 225)

Além das mulheres serem vistas de forma inferior pelo gênero, elas também

são menosprezadas por serem migrantes. Toda essa visão que as coloca em situação de subalternidade tornará suas experiências de vida mais difíceis e propensas à violência e à exclusão. Segundo Duarte e Oliveira (2014), os casos de violência nas relações de intimidade se agravam devido a fatores como o estatuto legal, a classe social e a cultura ou etnicidade (Duarte, Oliveira, 2014). Outros fatores importantes se devem à pouca familiaridade com a língua, acesso a empregos inadequados, falta de conhecimento sobre os direitos, isolamento e distanciamento das redes sociais e dos familiares que prestam apoio. Essas condições provocam a diminuição da capacidade das mulheres migrantes de se defenderem em situações de abusos.

A autora Dill (1988) analisa as questões relativas à família para mulheres afro-americanas e latinas, tendo como foco seus movimentos migratórios. De acordo com Dill: “as mulheres latinas e ázio-americanas foram excluídas do culto dominante da domesticidade” (Dill, 1988, p. 17). Portanto, o interesse por essas mulheres se dava por elas constituírem mão de obra barata e de fácil acesso. Dessa forma, não havia preocupação em preservar a vida familiar ou em promover o desenvolvimento cultural e econômico dessa população.

Em relação ao romance, Maria Isabel, matriarca da família central na narrativa, é uma mulher fabril em um século em que as mulheres dependiam e pertenciam aos homens. É possível analisar, pela narrativa da personagem, que já era possível o trabalho nas fábricas para mulheres pobres, como evidenciado pelo momento seguinte: “Apenas entre em uma oficina que emprega duzentas pessoas, e você ficará surpreso ao observar a máxima ordem, você vê que todos são encorajados por um objetivo comum: cumprir suas obrigações²²” (Garcia, 2021, p. 4 - tradução nossa).

Outro aspecto que cerca a vida de mulheres migrantes é o fato de algumas residirem ilegalmente no país de destino. Esse fator torna ainda mais difícil o dia a dia dessas mulheres, tanto para conseguir emprego, visto a lei de imigração que proíbe a contratação de migrantes ilegais, como para ter acesso à saúde e a questões básicas do cotidiano. De acordo com Emília Coutinho e Vitória Parreira em *Outra forma de olhar a mãe imigrante numa situação de transição* (2011), a

²² No original: Just go into a workshop that employs two hundred, and you will be astonished to observe the utmost order, you see that all are encouraged by a common goal: to fulfill their obligation (Garcia, 2021, p. 4)

imigração se associa à precariedade em vários níveis (Coutinho, Pereira, 2011). Os migrantes fazem parte de um grupo de vulnerabilidade na área da saúde devido a questões diversas, incluindo uma situação econômica precária, uma vez que não possuem conhecimento sobre os serviços sociais disponíveis, além de sofrerem com as barreiras legais, linguísticas e culturais.

Pensando nas mulheres do romance de García (2021), principalmente em Glória, percebemos que ser migrante tornou a vida dessa personagem mais difícil e propensa a violências físicas e estruturais. Glória, desde sempre, trabalha em empregos subalternos, nos quais ela aceita determinadas condições por ser migrante e por ter uma filha pequena. Por exemplo, Glória trabalha como doméstica na casa de outras pessoas em troca de casa e comida. Um momento que denuncia a precarização de sua vida e de suas relações está presente na cena em que ela é deportada. Glória é arrancada de casa e obrigada a deixar a filha pequena sozinha, sem ter o direito de direcioná-la para os cuidados de pessoas de sua confiança. Ela é presa de pijamas, sem ter o direito de se vestir antes da prisão, como é fica evidenciado na seguinte cena:

As letras nas jaquetas vistas para soletrar a sensação da noite: ICE. Jeanette aperta seu roupão de banho com força. A vizinha sai algemada, de pijama. Em suas calças, Minnie Mouse fica na ponta dos pés com os dedos entrelaçados em seu rosto²³ (Garcia, 2021, p. 27)

Sendo assim, observamos que, por ser uma mulher historicamente vista como inferior, os processos enfrentados por Glória em *Of Women and Salt* (2021) estão constantemente sujeitos a violências e visões inferiores. Essa vulnerabilidade se manifesta não apenas fisicamente, mas também em dimensões sociais e simbólicas, evidenciando como sua condição enquanto mulher e migrante atravessam sua vida e moldam suas experiências.

Após percorrermos os estudos acerca dos deslocamentos, tratamos, por fim, na última seção do capítulo, do motivo que leva as personagens a migrar: a busca por melhores condições de vida em outros países. Essa seção é fundamental para compreender como as experiências migratórias se articulam às dimensões econômicas e sociais que atravessam a trajetória dessas mulheres.

²³No original: The letters on the jacketes seen to spell out the feeling of the night: ICE. Jeanette clutches her bathrobe tight. The neighbor woman is walked out in handcuffs, wearing pajamas. On her pants, Minnie Mouse stands on tiptoe with fingers clasped at her face (Garcia, 2021, p. 27)

1.4 A busca por “melhores chances” em *Of Women and Salt*

Nesta seção, apontamos como as personagens do romance de Garcia (2021) buscam “melhores chances”²⁴, especificamente nos Estados Unidos da América, sendo os deslocamentos para elas possíveis portas para novas oportunidades.

Pensando sobre a história de Glória, no momento da deportação, a personagem indaga a respeito da decisão de ter saído do país de origem visando melhores condições nos EUA. Glória questiona se todo o caminho percorrido tornou sua vida pior. O desejo de buscar melhores condições em um país estrangeiro levou-a a desconsiderar as possíveis experiências negativas que a filha poderia enfrentar em caso de deportação da mãe, como a ausência de uma rede de apoio e de um lar fixo. Assim, a criança permaneceria sozinha em um país onde os migrantes, especialmente mulheres e oriundos de nações subdesenvolvidas, como mencionado anteriormente, são frequentemente percebidos de maneira inferior.

A separação de Glória e Ana após a deportação foi ocasionada por Glória ter optado pelo deslocamento junto à filha. Na seguinte cena, Glória faz um apelo à filha para que a perdoe, pois ela não sabe se piorou sua vida quando escolheu migrar:

Querida Ana, sinto muito. Eu tentei te salvar. Querida Ana, sinto muito. Achei que poderia lhe dar uma chance melhor. Querida Ana, não sei se piorei a sua vida. Eu não escrevo nada disso” (Garcia, 2021, p. 50)²⁵.

É possível destacar, a partir da cena anterior, que a mãe faz, repetidamente, um apelo e, de forma simultânea, um pedido de perdão por suas escolhas, ciente de que ao ter escolhido migrar, provocou experiências dolorosas à filha. É importante frisar, no entanto, que Glória nunca pôde, de fato, escolher os desfechos da vida da filha e da sua própria, começando pela gravidez como fruto de uma imposição violenta, tendo em vista que o modo de concepção da filha foi por meio de um estupro. Por fim, deixar os Estados Unidos também não se caracterizava como uma escolha, já que a deportação seria forçada e imediata.

²⁴ O termo foi usado entre aspas porque é uma reprodução do romance.

²⁵No original: “Dear Ana, I am sorry. I tried to save you. Dear Ana, I am sorry. I thought I could give you a better chance. Dear Ana, I do not know if I made your life worse. I do not write any of this” (Garcia, 2021, p. 50).

Além do mais, uma vez tendo sido violentada na terra natal, sair de El Salvador permitia a Glória uma falsa sensação de alívio, de esperança por encontrar segurança. No episódio subsequente, ela conta para Ana o episódio no qual foi estuprada pelo seu progenitor, com o objetivo de explicar à filha as razões pelas quais não quer retornar ao país de origem:

O homem que fez você e acabou comigo veio como um aviso. Seu tio, meu irmão, tinha uma lojinha e pagava as dívidas. Mas então houve alguns meses difíceis. Não havia dinheiro. Ele havia perdido dois meses de pagamento. Quando chegou no terceiro mês, bateram nele. Eu era o único aviso que restava. Você não é (igual) o homem que me estuprou (Garcia, 2021, p. 88)²⁶.

A partir dos aspectos abordados, percebemos que Ana reproduz o movimento da mãe em busca de “melhores chances”²⁷. Por isso, encontram-se em constante ressignificação e criação de novas condições de sobrevivência sempre que são rejeitadas ou deportadas, o que fica evidenciado na cena abaixo no momento em que Ana retorna aos Estados Unidos de maneira perigosa e ilegal:

O *pollero* os guiou até uma grande van preta na praia, escondida no mato. Agora ele abriu as portas traseiras para vários pneus presos com corda. Ele segurava uma lanterna entre os dentes enquanto acenava para o grupo. Ele queria que cada um arrastasse um pneu, para ajudar as crianças. Ele havia repassado isso antes (Garcia, 2021, p. 189).²⁸

Outra personagem que também migra do seu país de origem é Carmen. Ela encontrou nos EUA um lugar no qual pôde criar a filha Jeanette. Para ela, afastar a filha de Cuba foi uma forma de garantir que a menina estivesse segura e livre de enfrentar episódios traumáticos, como ela enfrentou na infância. Em contrapartida, Jeanette tomou a decisão de retornar para Cuba à procura de um lugar que a fizesse sentir segura, já que os EUA, para ela, associava-se ao uso de drogas, abandono e solidão.

A partir do princípio norteador que conduz esta dissertação acerca dos

²⁶No original: “The man who made you, and undid me, came as warning. Your uncle, my brother, had a little store and he paid dues. But the there were some rough months. There was no money. He'd missed two months of payment. When they came the third month, they beat him up. I was the only warning left. You are not of the man who raped me” (Garcia, 2021, p. 88).

²⁷ O termo foi usado entre aspas porque é reproduzido da mesma forma que o romance o coloca.

²⁸No original: “The pollero had guided them to a large black van by the shore hidden in the scrub. Now he opened the back doors to several tires secured with rope. He held a flashlight in his teeth as he motioned to the group. He wanted them to drag a tire each, to help the little kids. He'd gone over it earlier” (Garcia, 2021, p. 189).

deslocamentos como chave para os percursos identitários das mulheres no romance, identificamos como o conceito de deslocamento está inerentemente ligado à construção identitária das mulheres no romance. A maneira pela qual uma personagem se reconhece e se identifica está ligada ao seu local de origem que, ao ser modificado, provoca quebras em sua identidade. De acordo com Gabriela Garcia, sobre sua própria vivência:

Minha mãe era imigrante cubana, numa época em que os cubanos (majoritariamente os cubanos brancos) eram recebidos de braços abertos e recebiam garantia automática de cidadania e muita ajuda ao longo do caminho. Meu pai veio do México e só se tornou cidadão quando eu tinha quase 20 anos. Ele foi submetido à xenofobia e ao racismo desenfreados, muitas vezes nas mãos de outras pessoas latinas. Cresci consciente de como o rótulo serviu para apagar os negros e indígenas, esconder as desigualdades, a supremacia branca e o colorismo em nossas comunidades²⁹ (Informação verbal).

Essa reflexão exposta por Garcia evidencia, portanto, como processos migratórios e políticas de recepção diferenciam experiências dentro de comunidades latinas, impactando identidades, pertencimento e relações de poder.

Por fim, destacamos que as questões de identidade para povos que migram são constituídas a partir de “fragmentos” que são formados nos distintos lugares em que residem. No caso do sujeito diaspórico, a dualidade terra natal/terra de chegada provoca a constituição de identidades múltiplas que acontecem a partir dos deslocamentos promovidos pelas personagens.

No próximo capítulo, serão abordados os percursos identitários das mulheres em migração no romance. O objetivo é demonstrar como os deslocamentos são chave para os percursos identitários de Glória, Ana e Jeanette. A análise se concentra em compreender de que maneira os movimentos migratórios atravessam suas vidas, moldam suas experiências afetivas e culturais, e contribuem para a construção de identidades fragmentadas, evidenciando a complexidade das trajetórias diaspóricas no contexto do romance.

²⁹No original: My mother was a Cuban immigrant at a time when Cubans (overwhelmingly white Cubans) were welcomed with open arms and received an automatic guarantee of citizenship and a lot of help along the way. My father came from Mexico and didn't become a citizen until I was well into my 20s. He was subjected to rampant xenophobia and racism, often at the hands of other Latinx people. I grew up acutely aware of how the label served to erase Black and Indigenous people, hide inequalities and allow white Latinxs not to have to interrogate white supremacy and colorism within our communities.[Entrevistadidaa]MelissaFirman.ShelfAwareness.Seattle,september,2020.Disponível em:<https://www.shelf-awareness.com/max-issue.html?issue=399#m846>. Acesso em: 30 jul. 2024.)

2 IDENTIDADES EM TRÂNSITO: PERCURSOS IDENTITÁRIOS EM *OF WOMEN AND SALT*

*A identidade, como a pele,
renova-se, perde-se de sete
em sete anos, muda no mesmo
corpo, torna diferente
a permanência humana.
A identidade é a soma
das intenções, uma foto
instantânea para um propósito
imediatos que não dura.
A identidade é um equívoco
para camuflar o coração.
A identidade, Pedro Mexia. (1999)*

Ao percorrer os versos do poeta português Pedro Mexia (1999), na epígrafe deste capítulo, somos convidados a analisar a ideia de identidade sob diferentes formas. Uma das possibilidades de análise parte da noção de identidade como a pele, presente no primeiro verso do poema em que se diz: “a identidade, como a pele, renova-se, perde-se de sete em sete anos” (Mexia, 1999, p. 53). Essa maneira cria a imagética de identidade como algo corrente, fluido e que se constrói e reconstrói a partir de novos contatos e de novas vivências.

Outra possibilidade de análise trazida pelo poema compara identidade a uma “foto instantânea” (Mexia, 1999, p. 53), que só existe no momento exato da captura da imagem, pois, logo no momento seguinte, altera-se, para produzir uma nova ilustração. Identidade, então, flui via aspectos que perpassam nossa existência enquanto sujeitos, aspectos que nos modificam e nos ressignificam em cada instância do viver. Com base nas perspectivas de identidade trazidas pelo poema de Mexia, analisaremos, neste capítulo, como as mulheres em *Of Women and Salt* (2021) vão se percebendo ao longo de suas histórias. Em um momento de grande mobilidade cultural, serão observados como os deslocamentos são constituintes dos percursos identitários das personagens.

2.1 A concepção de identidade ao longo do tempo

Nesta seção, percorremos o conceito de identidade, pois é fundamental

entendermos as ressignificações dessa noção ao longo do tempo, a fim de analisarmos os percursos identitários das personagens que acontecem a partir de seus deslocamentos. Personagens migrantes, como Ana e Glória, possuem, em suas histórias, variados episódios de migração ao longo do romance, o que causou impactos em seus percursos identitários e provocaram uma crise identitária, que tem como efeito, por exemplo, a falta de um lugar em que pudessem se pertencer, causando uma busca incessante por um lugar de pertencimento.

Partiremos do conceito denotativo de identidade trazido pelo dicionário Michaelis³⁰, para percebermos as possibilidades distintas de entender essa noção. A escolha por iniciar a discussão desse conceito por meio da definição ofertada pelo dicionário se justifica pelo fácil acesso em sites de busca. Etimologicamente, identidade, do latim *identitate*, denota: 1) Qualidade daquilo que é idêntico; 2) Conjunto dos caracteres próprios de uma pessoa, tais como nome, profissão, sexo, impressões digitais etc.

O conceito de identidade é transversal, uma vez que pode ser analisado em diferentes áreas de conhecimento, como a psicologia e a sociologia, o que confere a ele diferentes possibilidades de análise. Para o professor Alberto Albuquerque Gomes, “do ponto de vista sociológico, define-se identidade como um conjunto de características pelas quais alguém ou um grupo pode ser reconhecido” (Gomes, 2018, p. 2). Logo, nesse sentido, a identidade é compreendida como a forma pela qual o sujeito se identifica e se percebe em relação ao meio no qual está inserido.

Já Stuart Hall (2006), conhecido por seus estudos sobre migração e diáspora, compreende as identidades como “os nomes que damos às diferentes formas como somos posicionados pelas narrativas do passado e como nos posicionamos dentro delas” (Hall, 2006, p. 24).

No decorrer da história, identifica-se diferentes maneiras de conceber a ideia de identidade, conforme postulado por Hall em *Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (2006). O autor elenca três concepções importantes para o entendimento da ideia de identidade, sendo elas: *Identidade do sujeito do iluminismo*, *identidade do sujeito sociológico* e *identidade do sujeito pós-moderno*.

³⁰ Disponível em: Dicionário Michaelis – UOL. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Consultado em 01/03/2025.

A primeira ponderação de Hall diz respeito à *identidade do sujeito do iluminismo* (Hall, 2006, p. 10). Segundo o estudioso, essa maneira de compreender o sujeito está relacionada a uma visão individualista e unificada. Essa concepção é pautada no sujeito em que prevalece a consciência e razão. Dessa forma, identidade seria inerente ao nascimento e acompanharia o sujeito pelo resto de sua vida, sem sofrer mudanças e interferências ao longo do tempo, mantendo-se engessada e inabalada. De acordo com Hall, “o sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado” (Hall, 2006, p. 9). Nessa noção, dessa forma, a identidade é fixa e inalterada, incapaz de sofrer modificações, mesmo quando o sujeito se expõe a novas vivências e novas culturas.

A *identidade do sujeito sociológico* (Hall, 2006, p. 11), a segunda concepção de Hall, considera a modernidade como um fenômeno complexo em que o núcleo do sujeito é algo constituído a partir de sua relação com o outro. O sujeito sociológico é aquele que interage com a sociedade, dialogando entre o mundo interno e externo, constituindo-se como parte de um todo (Hall, 2006, p. 11). Nessa concepção, a ideia de identidade é compreendida como fruto da interação do sujeito com o meio, mesmo que ainda exista a premissa de que o sujeito possua um núcleo interior, inerente a ele. Essa definição acredita que o núcleo do sujeito já não é mais soberano e inalterado, uma vez que ele é interpelado pelo meio que está inserido e pelas relações que estabelece com os demais sujeitos. De acordo com Hall, “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (Hall, 2006, p. 11). O teórico, ainda, afirma:

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele (Hall., 2006, p. 10).

A definição mais corrente até os dias atuais está presente na classificação *identidade do sujeito pós-moderno*. Segundo Hall, o sujeito concebido por fragmentações é “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (Hall, 2006, p.12). Essas trocas entre sujeito e sociedade provocam lacunas e fragmentações no entendimento de identidade do

sujeito pós-moderno, anulando as possibilidades de uma constituição identitária unívoca, inerente e permanente. Hall afirma que a identidade é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 1987 *apud* Hall, 2006, p. 12).”

Hall conclui, em seu trabalho, que a ideia de uma identidade unificada, inalterada e completa é uma fantasia (Hall, 2006, p. 12). Ao contrário, quanto mais os sistemas de representação cultural se multiplicam, mais somos confrontados por identidades múltiplas possíveis, podendo nos identificar, ao menos temporariamente, com cada uma delas (Hall, 2006, p. 12). Em um momento de grande mobilidade cultural e extensas trocas do sujeito com diferentes representações culturais, maiores são os contatos entre o indivíduo e o meio, o que fabrica uma extensão de possíveis identidades. Essas exposições e interpelações com o meio podem se tornar integrantes dos percursos identitários, o que torna cambiante a noção de identidade.

Percebendo essas formas tão diversas de conceber identidades e analisando os impactos das interpelações culturais nos percursos identitários, as personagens no romance de Gabriela Garcia estabelecem inúmeros contatos com representações culturais distintas ao longo de suas histórias, pois estão em deslocamento. As intercessões entre culturas díspares interferem em seus percursos identitários, tornando-os fragmentados e construídos por identidades plurais. As personagens Ana e Glória possuem características que pertencem à culturas diferentes e que estão presentes em seus discursos. Esses traços são marcas que demonstram o caráter de deslocamento presentes em suas histórias.

Pensando nas constantes interações entre o sujeito e o meio ao qual pertence, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2005) afirma que a modernidade faz com que o sujeito passe por escolhas contínuas, haja vista a presença constante e massiva de diferentes ideias. Isso fará com que ele se construa frequentemente. Para Bauman, na modernidade, a identidade não é uma simples “construção social”; “ter uma ou várias identidades é uma tarefa ou, mais precisamente, uma tarefa política” (Bauman, 2005, p. 91). Bauman ainda afirma que as identidades sociais são constantemente construídas e reconstruídas a partir das práticas discursivas nas quais os sujeitos se engajam (Bauman, 2003, p. 25).

Ampliando os estudos de Bauman (2003; 2005) e associando a modernidade

aos dias contemporâneos, podemos pensar em como as mobilidades culturais cresceram com o advento da *internet*, o que possibilitou trocas rápidas e extensos contatos entre sujeitos e culturas diferentes. Diante do “bombardeio” de informações rápidas e facilmente acessadas, tornou-se possível o contato entre culturas em apenas um clique. Todas essas informações culturais, políticas e sociais interpelam o sujeito, que recebe um misto de informações, as quais se refletem nos percursos identitários dele.

Diante das discussões sobre identidade, pensar em seu conceito de forma fixa e autônoma torna-se inviável para os estudos contemporâneos, principalmente quando consideramos as mobilidades culturais. Essa noção de identidade em construção é preponderante para este trabalho, pois analisamos as personagens em tela mediante suas interações com o meio e como seus percursos identitários acontecem a partir dos deslocamentos e dos contatos com culturas diferentes. Tendo em vista a importância da relação entre cultura e identidade para a análise das mulheres no romance de Garcia (2021), faremos um percurso sobre os significados de cultura.

De acordo com os teóricos Terry Eagleton (2005) e Denys Cuche (2002), o termo “cultura” possui caráter de difícil definição. Eagleton (2005) afirma que “cultura” é considerada uma das palavras mais complexas de nossa língua, uma vez que seu significado sofreu consideráveis mudanças ao longo do tempo (Eagleton, 2005, p. 9).

Partindo do significado etimológico do termo, encontramos que, pioneiramente, o termo “cultura” foi atrelado à natureza, uma vez que sua semântica original relacionava-se à lavoura e “deriva de trabalho e agricultura, colheita e cultivo” (Eagleton, 2005, p. 10). O pesquisador Denys Cuche (2002, p. 20) afirma que a palavra “cultura” já era antiga no vocabulário Francês e provinha “do latim *cultura* que significa o cuidado dispensado ao campo ou ao gado”.

Cuche (2002) ainda explica que o termo “cultura” começou a ser utilizado com maior frequência no século XVIII, com a chegada do iluminismo. Nesse período, o termo passou a ser usado pelos filósofos em relação à educação. Esse desdobramento semântico acompanha a própria história de mudança da humanidade, da transição do campo para a cidade e, metaforicamente, do cultivo do campo para o mundo moderno (Cuche, 2002, p. 20). De acordo com o autor:

No século XVIII “cultura” é sempre usado no singular, o que reflete o universalismo e o humanismo dos filósofos: a cultura é própria do Homem além de toda distinção de povos ou de classes. “Cultura” se inscreve então plenamente na ideologia do Iluminismo: a palavra é associada às ideias de progresso, de evolução, de educação, de razão que estão no centro do pensamento da época (Cuche, 2002, p. 21).

Conforme John Thompson (2009), o conceito clássico de cultura diz respeito ao “processo de desenvolvimento e enobrecimento das faculdades humanas, facilitado pela assimilação de trabalhos acadêmicos e artísticos e ligado ao caráter progressista da era moderna” (Thompson, p. 169, 170). Nesse sentido, a cultura se estabelece como o contato do sujeito com obras acadêmicas e literárias que auxiliam na construção de seu intelecto e progresso humano.

Pensando na presença dos estudos culturais e na sua importância para os estudos sociais, Hall (1997) afirma que “toda ação social é cultural, todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação” (Hall, 1997, p. 16). Diante desses estudos, examinamos o sujeito considerando seu caráter cultural, sujeito esse que é interpelado pelas significações produzidas pela cultura. Essas significações se refletem na forma como agimos, como entendemos o mundo e como nos conduzimos em relação ao outro e à sociedade, como também na forma na qual nos percebemos enquanto sujeito. Logo, os percursos identitários são constituídos a partir da cultura, das representações culturais que produzem significados e interpelam o sujeito.

Tendo em vista a relação entre identidades e cultura, a socióloga ugandense-britânica Avtar Brah, em seu texto *Cartografias da diáspora: identidades em questão* (2011), afirma haver estreita relação entre os conceitos de cultura e identidade. Para ela, o processo de formação das identidades nunca será algo acabado e inalterado, justamente por estar relacionado à identidade que é algo movente. De acordo com Brah: “as identidades se escrevem através de experiências construídas culturalmente em suas relações sociais”³¹ (Brah, 2011, p. 152, tradução nossa). As identidades, dessa forma, são uma multiplicidade de produtos das relações sociais e estão em constante transformação.

A ideia de identidade em interação com a cultura converge com o sujeito pós-moderno de Hall (1997), o qual é constantemente interpelado pelas

³¹No original: “Las identidades se inscriben através de experiencias construidas culturalmente en las relaciones sociales” (Brah, 2011, p. 152)

representações culturais em que tem contato. De acordo com o autor, a cultura possui centralidade na “constituição da subjetividade, da própria identidade e da pessoa como um ator social” (Hall, 1997, p. 23). Dessa forma, chega-se, nesta dissertação, na abordagem fundacional para análise das personagens em tela, que é a identidade cultural.

Hall afirma que “existem pelo menos duas formas diferentes de pensar a “identidade cultural”” (Hall, 2006, p. 26). A primeira delas considera identidade cultural como algo que pode ser compartilhado entre sujeitos que possuem uma história de ancestralidade comum e que não pode ser dividida e fragmentada, visto seu caráter estável e imutável (Hall, 2006, p. 24). Essa noção acarreta a ideia de “povo uno”, unificado pela semelhança histórica, o que corrobora a noção de existência de “um verdadeiro modo de ser”, que é imposto de maneira artificial e que não condiz com a essência dos povos caribenhos (Hall, 2006, p. 24).

Para Hall (2006), essa essência caribenha mora justamente no caráter “indivisível” da identidade cultural que deve ser descoberta, revisitada e reproduzida. Esse autêntico modo de ser, que unifica povos diaspóricos com ancestralidades comuns e que produz a ideia de identidade cultural indivisa é imaginária, visto o caráter plural de sua história. Ainda de acordo com Hall:

As nossas identidades culturais refletiriam as experiências históricas comuns e os códigos culturais partilhados que nos forneceria, enquanto “povo uno”; um quadro de referências e de sentido que, sob a mutabilidade das divisões e vicissitudes da nossa história concreta, se caracterizaria pela estabilidade, imutabilidade e continuidade (Hall, 2006, p. 22).

A segunda concepção de Hall reconhece a identidade cultural como um processo de “tornar-se”. Por mais que haja semelhanças entre povos que compartilham ancestralidade, “existem pontos críticos de profunda e significativa diferença que constituem ‘aquilo que somos realmente’, ou melhor - considerando que a história intervém no processo - , ‘aquilo em que nos tornamos’” (Hall, 2006, p. 24). A identidade cultural é construída ao longo do tempo, considerando as intervenções das vivências do sujeito no processo de constituição de sua identidade cultural (Hall, 2006, p. 27). Hall ainda afirma:

É impossível falarmos durante algum tempo e com exactidão sobre “a experiência indivisa, a identidade indivisa” sem nos apercebermos

do reverso deste conceito - das rupturas e descontinuidades que constituem, precisamente, a "singularidade" caribenha. Nesta segunda acepção, identidade cultural é um "tornar- -se" e não apenas um "ser". Pertence tanto ao futuro como ao passado. Não é algo que já exista e transcenda lugar, tempo, história e cultura. (...) tal como acontece com tudo o que é histórico, também elas sofrem transformações constantes (Hall, 2006, p. 24).

Essa segunda concepção combina com a ideia de identidade fluida, pois acredita-se que "identidade cultural não é, de modo algum, uma essência fixa, que existe inalterada aquém da história e da cultura" (Hall, 2006, p. 24). A cultura tem acentuada importância para as identidades culturais, pois são constituintes de seu processo de formação. As identidades culturais são "pontos de identificação que se concretizam dentro dos discursos da história e da cultura" (Hall, 2006, p. 24).

Diante dos estudos de Hall, entende-se como identidade cultural um sistema de representação das relações entre os indivíduos e o grupo, que trocam e compartilham seus patrimônios culturais, ou seja, todos os elementos que chamamos de cultura. Para Hall, as identidades culturais são "aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso 'pertencimento' a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais" (Hall, 2026, p.1).

As personagens no romance *Of Women and Salt* (2021) estão em constante interação com sujeitos de outras localidades, principalmente Glória e Ana, que são deportadas e precisam viver em um centro de deportação repletos de mulheres de origens e culturas diferentes. Pelo contato e trocas de suas experiências, elas vão criando uma relação de partilha em que linguagem, cultura e costumes se misturam. Logo, os percursos identitários dessas personagens são constituídos de forma plural e reconstituídos a cada novo contato e/ou novo deslocamento.

Pensando em sujeitos em deslocamentos, como as personagens de Garcia (2021), Hall afirma que podemos entender o deslocamento como um processo que abala as noções de pertencimento do sujeito, uma vez que a passagem do local de origem para um novo território provoca fraturas nas noções de pertencimento daquele que se desloca (Hall, 2006, p. 9). Esse contato com diferentes culturas provoca, no sujeito, um farto processo de aquisição de marcas culturais, como, por exemplo, a linguagem e os costumes. As noções de pertencimento, aqui consideradas como constituintes do percurso identitário, são importantes para essa investigação, uma vez que estamos analisando personagens que possuem lacunas em suas próprias noções de pertencer.

Quando se trata de sujeitos diaspóricos, as noções de pertencimento podem ser conflitantes, o que também influencia nas noções de identidade desses sujeitos. O trânsito por diferentes localidades aniquila a noção de lugar “fixo”, de estadia, principalmente quando se trata de migrações ilegais, como é o caso das personagens Ana e Glória. Em suma, estabelecendo uma estreita relação entre os conceitos de pertencimento e lar, partiremos das noções de “lar” para, posteriormente, dialogarmos sobre as noções de pertencimento, a fim de observar como esse sentimento se insere nas narrativas das personagens em tela.

A ressignificação do que seria “lar” é constantemente pautada em narrativas de deslocamento. A pesquisadora indiana Rosemary George, em *Politics Of Home* (1996), afirma que o termo “lar” tem sentido conotativo. George aponta que “a esfera privada da hierarquia patriarcal, da autoidentidade gendrada, do abrigo, do conforto, da nutrição e da proteção” (George, 1996, p. 1, tradução nossa). George ainda argumenta:

Lar é uma forma de estabelecer a diferença. Lares e países de origem são exclusivos. Lar, atua como um determinante ideológico do sujeito. O termo “pátria de origem” expressa, em si, uma complexa articulação de aparatos ideológicos considerados necessários à existência dos sujeitos: a noção de pertencimento, de ter um lar e um lugar próprio. E, no entanto, na própria referência a um “país de origem” reside a indicação de que o falante está longe de casa³² (George, 1996, p. 14 - tradução nossa).

George afirma que quando se trata de obras ficcionais, lar “é normalmente representado como fixo, enraizado e estável, a antítese exata da viagem”³³ (George, 1996, p. 2, tradução minha). Pensando sobre as personagens do romance de Garcia (2021), a noção de lar é conflituosa, pois não existe um lugar fixo em suas narrativas. Os acontecimentos em suas histórias sempre introduzem novos deslocamentos. A viagem é parte importante de seu percurso identitário, o que produz um vácuo em suas noções de pertencimento e lar.

Avtar Brah (2005), afirma que a questão do lar está inerentemente ligada à

³² No original: Home is a way of establishing difference. Homes and home-countries are exclusive. Home, I will argue, along with gender/sexuality, race, and class, acts as an ideological determinant of the subject. The term “home-country” in itself expresses a complex yoking of ideological apparatuses considered necessary for the existence of subjects: the notion of belonging, of having a home, and a place of one’s own. And yet, in the very reference to a “home-country” lies the indication that the speaker is away from home (George, 1996, p. 14)

³³ No original: As such, “home” moves along several axes, and yet it is usually represented as fixed, rooted, stable — the very antithesis of travel (George, 1996, p. 2)

maneira como os processos de exclusão ou inclusão operam e são vivenciados de forma subjetiva em determinadas circunstâncias. De acordo com a autora, “trata-se centralmente de nossas lutas políticas e pessoais pela regulação social do “pertencimento”” (Brah, 2005, p. 192). Em se tratando de sujeitos em diáspora, Brah afirma:

O conceito de diáspora coloca o discurso de “lar” e “dispersão” em tensão criativa, inscrevendo um desejo de retorno ao lar enquanto, simultaneamente, critica discursos de origens fixas. A problemática de “lar” e pertencimento pode ser parte integrante da condição diaspórica, mas como, quando e de que forma as questões surgem, ou como são abordadas, é específico da história particular da diáspora de um indivíduo. Nem todas as diásporas inscrevem o desejo de retorno ao lar por meio de um desejo de retornar a um local de “origem”³⁴ (Brah, 2005, p. 193, tradução nossa).

Em relação ao pertencimento, Rosemary George discorre sobre como gênero, classe, raça, e lar “atuam como um determinante ideológico do sujeito”³⁵ (George, 1996, p.2, tradução nossa). A noção de pertencimento, de ter um lugar, um próprio lar, é um aparato ideológico necessário para a existência do sujeito. A autora, ainda, afirma que “o termo ‘país de origem’ expressa, em si, uma complexa articulação de aparatos ideológicos considerados necessários à existência dos sujeitos: a noção de pertencimento, de ter um lar e um lugar próprio”³⁶ (George, 1996, p. 2, tradução nossa). Quando há um afastamento do “país de origem”, comum em narrativas migrantes, há um abalo na articulação desses aparatos ideológicos e, principalmente, nas noções de lar e de pertencimento.

Em *Of Women and Salt* (2021), a personagem Ana não reconhece, de fato, seu pertencimento a seu país de origem, pois as migrações constantes durante sua infância resultaram em uma lacuna em suas noções de originalidade. Entre tantos deslocamentos e estadias momentâneas entre países diferentes, não há nenhuma passagem no romance em que ela consiga citar seu país de origem, como Glória o

³⁴ No original: The concept of diaspora places the discourse of ‘home’ and ‘dispersion’ in creative tension, inscribing a homing desire while simultaneously critiquing discourses of fixed origins. The problematic of ‘home’ and belonging may be integral to the diasporic condition, but how, when, and in what form questions surface, or how they are-addressed, is specific to the history of a particular diaspora. Not all diasporas inscribe homing desire through a wish to return to a place of ‘origin’ (Brah, 2005, p. 193).

³⁵ No original: Home, I will argue, along with gender/sexuality, race, and class, acts as an ideological determinant of the subject. (George, 1996, p. 2).

³⁶ No original: The term “home-country” in itself expresses a complex yoking of ideological apparatuses considered necessary for the existence of subjects: the notion of belonging, of having a home, and a place of one’s own. (George, 1996, p. 2)

faz de forma nostálgica a sua infância. Esse aparato ideológico, que constitui identidade, não faz parte da narrativa da primeira personagem, o que demonstra o caráter de seu sentimento de pertencimento e de sua crise identitária.

George disserta que “lar é um dado assimilado, um lugar já delimitado nas dimensões simbólicas do sujeito” (George, 1996, p. 21). O simbolismo presente na noção do lar se relaciona, também, ao afeto e à família. Glória e Ana, além de não possuírem uma casa em nenhum lugar que moraram, também perderam o lar afetivo e simbólico, pois foram, constantemente, separadas. Essa questão também pode ser analisada na narrativa de Carmen que, ao partir de Cuba e se separar da mãe, perde, também, suas referências de casa e de lar.

Avtar Brah (2005) narra um episódio que nos faz refletir sobre as relações entre a noção de pertencimento e identidade cultural. De acordo com a autora, em 1970, as famílias asiáticas, após constituírem fortuna e estabilidade na Grã-Bretanha, aceitaram, conseqüentemente, o “mito do retorno” propriamente como tal (Brah, 2005, p. 36, tradução nossa). Ao perceberem a natureza etnocêntrica do currículo educacional e as práticas racializadas das escolas, essas famílias começaram a se preocupar que seus filhos pudessem minar seriamente o senso de pertencimento. Diante disso, tomaram a iniciativa de ensinar para as crianças suas origens e também sua língua materna, evitando o apagamento de suas marcas culturais de origem que poderiam acabar mediante o contato com a outra cultura (Brah, 2005). A preocupação com a cultura natal e com as noções de pertencimento demonstra a importância da cultura original na construção do sujeito, assim como do sentimento de pertencer a algum lugar original. As novas identidades, as quais surgem por meio do contato com novas culturas, são frutos do movimento de deslocamento entre os países. Nesse ponto, as culturas não se sobressaem, mas dialogam na formação de uma identidade cultural que é plural e formada pelo contato com o outro.

Uma das principais fontes de identidade cultural, de acordo com Hall, é a identidade nacional (Hall, 2006). Ele defende que a identidade cultural possui acentuada relação com as noções de identidade nacional, pois as culturas nacionais em que nascemos são integrantes da identidade cultural (Hall, 2006). De acordo com Hall, as identidades nacionais:

São compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso - um

modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (Hall, 2006, p. 50).

Ainda em relação à identidade nacional, Ernest Gellner afirma que, “sem um sentimento de identidade nacional, o sujeito da modernidade experimentaria uma sensação de perda subjetiva” (Gellner, 1983, p. 6 , tradução nossa) Para o sujeito que sai de seu local de origem, onde, possivelmente, reside sua noção de identidade nacional e migra, constantemente, para países distintos, distanciando-se dessas noções, sempre haverá uma crise identitária, o que tornará seus próprios percursos identitários mais difíceis. De acordo com Gellner:

A ideia de um homem sem uma nação parece impor uma (grande) tensão à imaginação moderna. (...) Um homem deve ter uma nacionalidade, assim como deve ter um nariz e duas orelhas. Tudo isso parece óbvio, embora, sinto, não seja verdade. Mas que isso viesse a parecer tão obviamente verdadeiro é, de fato, um aspecto, talvez o mais central, do problema do nacionalismo. Ter uma nação não é um atributo inerente da humanidade, mas aparece, agora, como tal³⁷ (Gellner, 1983, p.6 - tradução nossa).

As noções de identidade nacional podem ser conflituosas para os sujeitos em deslocamentos por haver uma junção de outras marcas culturais provindas de outros países em seus percursos identitários, o que pode afastá-los de uma ideia unitária de país de origem. Identidades migrantes são compostas pelas trocas entre culturas diferentes, gerando múltiplas identificações.

No caso da personagem Carmen, o trauma de ter presenciado o assassinato do pai em Cuba resulta na necessidade de apagar as lembranças de seu país natal. A própria negação de Cuba enquanto seu país de origem demonstra sua natureza cubana. Cuba sempre estará presente em seu percurso identitário, mesmo que seja no ódio e na aversão pelo país em que ela nasceu.

As identidades culturais são pautadas no contexto atual em que nos encontramos. Cada contexto gera um discurso, que influencia o sujeito na sua constituição identitária. As identidades culturais são identidades históricas e, como acontece com tudo o que é histórico, “também sofrem transformações constantes”

³⁷ No original: The idea of a man without a nation seems to impose a far greater strain on the modern imagination. (...) A man must have a nationality as he must have a nose and two ears. All this seems obvious, though, alas, it is not true. But that it should have come to seem so very obviously true is indeed an aspect, or perhaps the very core, of the problem of nationalism. Having a nation is not an inherent attribute of humanity, but it has now come to appear as such (Gellner, 1983, p. 6)

(Hall, 2006, p. 24). No romance de Garcia, as personagens são influenciadas não apenas pelas identidades nacionais, mas também por todos os demais fatores que integram identidade e que estão presentes em suas histórias. Essa questão relaciona-se ao caráter diaspórico das personagens que abalam as noções de identidades nacionais.

Visto a importância do Caribe para a narrativa de *Of Women and Salt* (2021), país natal da personagem matriarca Maria Isabel e que se constitui enquanto um espaço diaspórico por excelência, pensemos sobre a constituição dos povos caribenhos que possuem em sua história uma colonização marcada por povos de origens e culturas diferentes.

Em relação ao Caribe, a professora caribenha-americana Caroles Boyce Davies, em *Mulheres caribenhas escrevem a migração e a diáspora* (2010), explica como essa região é um misto de culturas oriundas de sua história colonial e de seus vários colonizadores – franceses, ingleses, holandeses e dinamarqueses. Esses encontros entre culturas criaram linguagens e identidades diferentes. Por mais que sejam provenientes de um mesmo local, não se é possível pensar em unicidade para os povos caribenhos, já que idiomas, costumes e tradições se misturaram e variaram de acordo com a região e com o país colonizador. Identidades caribenhas corroboram com a ideia de identidade como algo fluente e interativo. Nesse sentido, a autora afirma:

As identidades caribenhas nos permitem entender definições pós-modernas de identidade como fluidas, construídas, moldadas tanto pela história e pelas forças globais e econômicas da contemporaneidade como pelo que acontece nos contextos dos estados-nação caribenhos (Davies, 2010, p. 2).

Diante das discussões sobre identidade e de seu caráter interativo, um termo que estabelece sinonímia e pode ser observado nesse contexto é a “interseccionalidade”. Esse termo, usado por Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge em *Interseccionalidade* (2021), denota a intercessão de diferentes fatores para a constituição de um fenômeno. Collins e Bilge afirmam que há uma relação entre “interseccionalidade” e identidade, atribuindo a ela a ideia de “identidades interseccionais” (Collins, Bilge, 2021, p. 211).

Os estudos sobre interseccionalidade e sobre identidade dialogam com a concepção de identidades culturais, pois ambos analisam as interferências sociais,

étnicas, religiosas, políticas e sociais na constituição identitária do sujeito. Sobre a origem do termo, Bruna Jaquetto Pereira, em *“Sobre usos e possibilidades da interseccionalidade (2021)”*, aponta:

O termo “interseccionalidade” foi cunhado em 1989 pela jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw, como crítica do feminismo negro à tendência a se abordar “raça e gênero como categorias mutuamente exclusivas de experiência e análise” (Crenshaw, 1989, p. 139 apud Pereira, 2021, p. 3)

Pensando nessas intercessões que acontecem entre o sujeito e o meio, Collins e Birge (2021) afirmam que os estudos sobre interseccionalidade provocaram mudanças, até mesmo na ideia de identidades individuais, à medida que enxergam identidade como interseccionais e performativas (Collins, P. e Bilge S., 2021). Dessa forma, há uma mudança na perspectiva de identidade como algo que se possui para algo que está em constante construção. As autoras afirmam:

Em vez de uma essência fixa que a pessoa carrega de uma situação para a outra, entende-se agora que as identidades individuais se aplicam diferentemente de um contexto social para outro. E esses contextos sociais são moldados pelas relações de poder interseccionais (Collins, P. e Bilge S., 2021, p. 211).

As trocas entre as culturas, as quais os sujeitos, em sociedade, estão expostos, são capazes de gerar identidades fluidas, internacionalizadas por vários constituintes. Essas interações fazem com que os percursos identitários sejam fluidos, capazes de se remodelar a partir dos contatos sociais.

Identidades interseccionais, assim como identidades culturais, surgem a partir da vida em sociedade. Com os movimentos migratórios e os deslocamentos, essas identidades estão em constante evolução, uma vez que os contatos entre os sujeitos e entre os diferentes territórios são mais assíduos, criando maiores redes de interação entre culturas.

As representações culturais presentes na história de Ana são provenientes das interseções das culturas em que esteve em contato. Essas interações fabricaram um sujeito único, que não pertence puramente a nenhuma cultura, mas é um aglomerado de todas. Para Collins e Bilge, a interseção entre identidade e experiências é reflexo dos jogos de poder que acontecem nos domínios estruturais,

culturais etc., fabricando identidades que transparecem tanto nas interações sociais cotidianas como na imagem pública (Collins, P. e Bilge S., 2021).

As discussões acerca do conceito de identidade são imprescindíveis para esta dissertação, uma vez que os deslocamentos das personagens são constituintes de seus percursos identitários no romance. Tendo em vista mulheres em migração, a pesquisadora cubana Aimée G. Bolaños, em *Diáspora* (2010), demonstra o potencial do sujeito diaspórico de constituir identidades a partir de seus deslocamentos quando afirma:

As identidades diaspóricas tendem a unir idiomas, tradições, imaginários, sempre de maneira criativa, articulando pátrias em combate, forças da memória, estilos de transgressão, em ambígua relação com as estruturas nacionais e transnacionais” (Bernd, 2010, p. 169).

Todos os conceitos aqui relacionados à identidade, dialogam que as experiências do sujeito delimitam seus percursos identitários, demonstrando seu caráter plural de formação. Para melhor compreender os percursos identitários das personagens no romance de Garcia (2021), como também para diferenciá-los pelas histórias das personagens, analisaremos como as identidades das mulheres são influenciadas pelos deslocamentos.

2.2 – A busca por pertencer – os percursos identitários das mulheres em *Of Women and Salt*

Os percursos identitários das personagens em tela, no romance de Garcia, foram trilhados a partir dos contatos entre as culturas, nas quais elas estiveram em convivência durante a vida, pois várias são as marcas culturais presentes nas falas e nos costumes dessas mulheres. Essas marcas culturais distintas se entrelaçam, constituindo personagens como Ana, Glória e Jeanette, mulheres que possuem um caráter multicultural em suas constituições.

As personagens em tela serão analisadas em conjunto, estabelecendo uma relação entre mães e filhas, pois as suas histórias se entrelaçam e aparecem, constantemente, nos momentos vividos pelas mães ou pelas filhas. Só é possível conhecer, a fundo, a personagem Ana a partir das narrações de Glória. Em diversos

momentos no romance, como os episódios no centro de deportação, em que Glória dedica seu tempo para escrever cartas para a filha, essas missivas expõem as predileções de Ana e suas experiências com os deslocamentos. É a partir dessas falas que conhecemos a personagem de maneira mais profunda. O desfecho de Glória, que se encerra com a morte devido um câncer, nos é apresentado no momento em que a história de Ana está sendo narrada.

Um dos momentos presentes nas descrições de Glória é o processo de alfabetização da filha. Esse processo acontece, em parte, nos Estados Unidos e termina no México, onde se mesclam ambos os idiomas. Esse caráter multicultural nas falas da personagem gera um entrelugar discursivo que será analisado à luz dos postulados de Homi Bhabha (2013).

Nas histórias de Carmen e Jeanette, por sua vez, deparamo-nos com a forte ligação materna que existe entre essas mulheres. Consciente da importância da mãe para seu reconhecimento enquanto sujeito, Jeanette viaja para Cuba em busca de entender a infância e as relações pessoais de Carmen, confiante de que seu entendimento enquanto sujeito dependia do percurso trilhado pela mãe.

2.2.1 - Em busca do caminho de casa - Glória

Glória é a personagem que coleciona maior número de deslocamentos no romance, pois ela migra para três países diferentes ao longo de sua história. Nos momentos de sua história, Glória passa por El Salvador, México e Estados Unidos em busca de um lugar para viver com a filha. Sua história se movimenta entre o país natal, El Salvador, e os episódios de deportação, que acarretam novas migrações, até a descoberta de um câncer, resultando em sua morte. No discurso de Glória, estão presentes diversos momentos que falam sobre sua filha, Ana, fruto de uma violência sexual que sofreu em seu país natal. Ao escolher manter a gravidez, Glória decide abandonar seu país de origem e procurar por um lugar que possa oferecer melhores condições de vida para filha, dedicando sua vida, integralmente, ao bem-estar de Ana, o que fica evidenciado no romance, uma vez que não há muitas passagens que se refiram diretamente a Glória. No momento seguinte, essa

personagem fala sobre a necessidade de conter até mesmo suas emoções em prol de encontrar um lugar seguro para filha:

Eu quero minha filha segura. Se segurança fosse um lugar, não pareceria com nenhuma das opções, e eu quero gritar, mas engulo, quero arranhar, mas sorrio, porque preciso parecer boa. Porque preciso parecer digna de algo, algo, alguma solução³⁸ (Garcia, 2021, p. 54 - tradução nossa).

Glória é uma personagem marcada pelas violências, as quais estão presentes em vários episódios de sua história. Um desses momentos acontece na violência sexual que a faz engravidar e sair de seu local de origem, o estupro. Outros momentos de violência estão presentes em suas deportações, por não conseguir se estabelecer em um lugar, o que acarreta medo constante de ser descoberta e, mais uma vez, deportada.

Outro episódio violento na história de Glória, acontece na separação de sua pequena filha, Ana. Após ser deportada para um centro de deportação no Texas, Glória não sabe o paradeiro da filha, o que torna seus dias agonizantes. Em um momento, no centro de deportação, a mãe afirma: “Eu não sei onde minha filha está, eu espero que ainda esteja na Flórida, de alguma forma segura... Eu rezo por ela todas as noites³⁹ (Garcia, 2021, p. 49, tradução nossa). Essa passagem demonstra o desespero de uma mãe, afastada de tudo aquilo que conhece, temerosa pelo desfecho da filha e de sua segurança física, moral e alimentar.

No centro de deportação, no Texas, Glória recorre à leitura de enciclopédias sobre pássaros para tornar seu tempo menos ocioso. À medida que ela avança nas leituras, algumas colocações metafóricas sobre a vida das aves vão sendo apontadas no discurso dela. Por exemplo, Glória diz que:

O papagaio das tocas, também conhecido como periquito das tocas, é a única espécie com cílios. Se você separar dois papagaios das tocas, em pouco tempo o que ficou para trás morrerá. Ele morrerá de solidão⁴⁰ (Garcia, 2021, p. 48 - tradução nossa)

Esses apontamentos em relação aos pássaros se transformam em analogias

³⁸ No original: I want my child safe. If safe were a place, it would look nothing like any of the options, and I want to scream but I swallow, I want to claw but I smile, because I need to seem good. Because I need to seem worthy of something, something, some solution. (Garica, 2021, p. 54).

³⁹ No original: “I don’t know where my daughter is - I hope stiiil in Florida, safe somehow ... I pray for her every nighth.” (Garcia, 2021, p. 49)

⁴⁰ No original: The burrowing parrot also known as the burrowing parakeet is the only species with eyelashes. (...) If you separate two burrowing parrots, in shorter order the one left behind will die. She will die of loneliness. (Garcia, 2021. p. 48)

que a personagem faz como sua própria história. Glória é como o papagaio que morre ao ser separado de seu par; no caso dela, de sua filha. Em outra metáfora, ela conta como a ave Curruíra constrói o caminho para seus filhotes por meio de seixos e fragmentos de pedras que culminam em um ninho farto de filhotes. Separada da filha, Glória se sente como um seixo à distância, em busca de poder trilhar o caminho para encontrar seu ninho. A personagem expressa:

No início, eu não conseguia parar de falar sobre a Corruíra do cânion da América do Norte. A Corruíra do cânion constroi um caminho para seu ninho com milhares de pedras. Imagine isso, um caminho de pedras de seixos serpenteando pelos cânions, pelo deserto, e no final um ninho cheio de filhotes se contorcendo, chorando por sua mãe, sua mãe que está pulando a distância, de seixo a seixo a seixo. Eu sou uma mãe. Eu sou um seixo à distância. Eu sou um seixo⁴¹ (Garcia, 2021, p. 51- tradução nossa).

Ao longo do romance, não há falas diretas sobre como Glória se sente em relação à sua condição de mulher deportada, nem mesmo sobre as violências presentes nas histórias dela. O que podemos inferir por meio das associações metafóricas presentes nas leituras e nas cartas escritas à filha, as quais apresentam pedidos de perdão, é que Glória abdicou de seus sentimentos e de sua própria história para buscar melhorias para a filha, para evitar o destino da filha fosse como o dela própria: marcado por violências e por experiências dolorosas. Entretanto, com as intercorrências da migração, ela questiona se migrar com a filha foi a melhor opção. Isso fica evidenciado em uma carta em que Glória escreve: “Sinto muito. Pensei que poderia te dar uma chance melhor. Querida Ana, não sei se eu tornei sua vida pior”⁴² (Garcia, 2021, p. 49 - tradução nossa).

No discurso de Glória, é possível identificar predominância de determinadas questões, as quais são recorrentes nas histórias de sujeitos em migração, como é o caso das marcas culturais dos lugares em que esteve ao longo da vida. O primeiro momento em que a personagem apresenta sua história acontece em 2014, no Texas, em um abrigo para mulheres deportadas. Glória fala sobre o contato que estabelece com as demais mulheres que residem nesse mesmo local. Ela afirma:

⁴¹ No original: At first, I couldn't stop talking about the canyon wren of North America. The canyon wren builds a pathway to its nest with thousands of stones. Imagine it, a pebble stone path winding through the canyons, the desert, and at the end a nest full of wriggling baby birds crying out for their mother, their mother who is hopping in the distance, pebble to pebble to pebble. I am a mother. I am a pebble in the distance (Garcia, 2021, p. 51).

⁴² No original: I am sorry. I thought I could give you a better chance. Dear Ana, I do not know if I made your life worse (Garcia, 2021, p. 49)

“Eu sou amiga de todas as mulheres. Eu não sei todos os seus nomes, mas eu sei qual delas tem um filho doente, quais delas perderam um marido no deserto ao longo do caminho” (Garcia, 2021, p. 48 - tradução nossa). Essa fala demonstra que a relação entre essas mulheres, no centro, é íntima e marcada pela sororidade, pois demonstra como elas se relacionam e criam vínculos de amizade por suas histórias semelhantes.

Esse contato estabelecido entre mulheres com histórias semelhantes busca tornar o dia a dia menos triste, mais cômodo e afetuoso, como evidenciado nessa passagem: “Eu sei a quem abraçar periodicamente, a quem dar rações extras de comida”⁴³ (Garcia, 2021, p. 48 - tradução nossa). Esses tipos de centros, nos quais residem, temporariamente, mulheres que aguardam a deportação, são locais de grande compartilhamento de costumes e de culturas. Essas culturas particulares se misturam e se influenciam, sendo integrantes dos percursos identitários de cada uma delas.

Levando-se em conta os postulados de Hall (2006) sobre as identidades culturais, os percursos identitários de Glória se constituem a partir dos contatos com várias culturas. Esses diálogos se dão não só pelo seu movimento entre os países como também pelo contato e trocas culturais entre as mulheres no centro de deportação. Nessa vivência, elas compartilham idiomas, costumes e culturas que passam a fazer parte da vida de Glória e que serão reproduzidas por ela como pertencentes a sua identidade. Na próxima cena, Glória discorre sobre as diversas origens das mulheres que estão no abrigo:

Ao lado do parquinho, há um espaço aberto de “recreação” para os adultos. Muitas vezes, as mulheres vão lá quando as crianças estão na escola. Ou às vezes, algumas mulheres se revezam para cuidar de várias crianças no parquinho e as outras vão sozinhas. Sento-me em uma mesa com as outras mulheres salvadorenhas. Ao nosso lado, outra mesa, guatemaltecas. Ao lado delas, uma mesa com menos mulheres: metade haitianas e a outra metade, não tenho certeza. Acho que chinesas⁴⁴ (Garcia, 2021, p. 55- tradução nossa)

Esses lugares de “recreação” promovem encontros entre mulheres de

⁴³ No original: I know whom to hug periodically, whom to give extra rations of food (Garcia, 2021, p. 48).

⁴⁴ No original: Beside the playground there is an open “recreation” space for the adults. Often the women will go there when the children are in school. Or sometimes a few women will take turns watching several of the childrens at the playground and the others will go on their own. I sit at a table with the other Salvadoran women. Beside us, another table, Guatemalans. Beside them, a table with fewer women: half Haitians and the other Half I’m not sure. I think Chinese (Garcia, 2021, p. 55)

diversas culturas que aguardam seu destino e sua próxima viagem. São momentos de grandes trocas que não se compartilham apenas histórias de vida mas também culturas que se misturam e aparecem nos idiomas, religiões e culturas.

Glória afirma que os lugares destinados às crianças no centro de deportação são lugares de contato multicultural, pois estão presentes crianças que pertencem a várias localidades diferentes e que estão juntas com o intuito de se divertirem. Ela afirma:

É engraçado como um lugar pode parecer tão diferente quando você corta as bordas. Eu gostaria que você brincasse com as outras crianças naquele *playground* de aparência industrial, todas aquelas risadas, todas aquelas corridas e pulos. Exceto pelo muro e tela de arame pairando além deste frio, seja qualquer *playground* multicultural em qualquer cidade multicultural cheia de crianças felizes e prósperas⁴⁵ (Garcia, 2021, p. 85 - tradução nossa)

Em um momento específico de sororidade entre Glória e uma outra mulher que está para ser deportada, a primeira se encontra cabisbaixa e temerosa pelo desfecho da filha Ana que ficou sozinha nos Estados Unidos. Ela demonstra como os idiomas se misturam pelos quartos do abrigo, onde mulheres falam suas próprias línguas, como fica evidenciado no trecho seguinte: “*Ánimo*, diz outra mulher, *Alegra*, que sobreviveu a um tiro nas costas” (Garcia, 2021, p. 56 - tradução nossa). O uso do idioma natural parece a essas mulheres ser uma forma mais pessoal de se identificarem, uma forma afetiva, como se usando sua linguagem natal estivesse inscrito sua verdadeira essência.

Com a chegada aos Estados Unidos, Glória precisa se adaptar às condições do país, que são diferentes do lugar onde nasceu, El Salvador. O Inglês de Glória, no centro de deportação, apenas é compreensível e suficiente para que ela consiga se comunicar o básico com as pessoas. Em um momento de comunicação com o guarda do local, ela não entende o significado de uma palavra e requisita o significado em Espanhol, sua língua natal. Nesse momento, percebemos que sua linguagem é composta e interpelada por duas culturas diferentes: a de sua terra natal, a qual sofre intercessão do Inglês dos Estados Unidos.

A relação entre variadas culturas faz com que o percurso identitário em que

⁴⁵ No original: It's funny, how a place can look so different when you crop the edges. I'd watch you play with the other kids in the industrial-looking playground, all that laughter, all that running and jumping. Except for the wall and chicken wire looming beyond, this could be any multicultural playground in any multicultural city full of happy, thriving kids (Garcia, 2021, p. 85)

Glória percorra seja um misto de contatos entre as localidades em que esteve desde a infância. Por mais que não haja falas diretas sobre como ela se sinta e se perceba, essas marcas presentes em sua linguagem demonstram como o deslocamento influenciou seus percursos identitários. Pensando sobre a premissa defendida por Gellner (1983), de que o afastamento da nacionalidade provoca, no sujeito, uma crise identitária (Gellner, 1983, p. 6); na história de Glória, cada episódio de deportação intensifica o afastamento da cultura local devido às novas interpelações que acontecem com as culturas diferentes. Em seus deslocamentos, cada vez mais Glória se distancia de El Salvador e mantém contato com novas culturas, línguas e tradições.

O silêncio em sua fala sobre sua percepção de si mesma também demonstra o caráter de sua identidade em crise, pois o apagamento de suas percepções e sentimentos em relação a sua história corrobora o seu próprio esquecimento. O que Stuart Hall (2003) elenca sobre os sujeitos migratórios serem um misto de culturas (Hall, 2003 p. 12) se faz presente na história de Glória. Seus percursos interpelados por idiomas, culturas e costumes de países diferentes vão, também, se refletir na criação de sua filha, a pequena Ana. Por se tratar de uma personagem diaspórica e em busca de um lugar para viver, Glória pode ser inconsciente das questões multiculturais que interpelam seu processo identitário, porém elas sempre estarão presentes nas suas marcas linguísticas e culturais.

Pensando sobre as questões de pertencimento e considerando suas noções quanto integrantes dos percursos identitários, os deslocamentos de Glória resultaram em um acentuado abalo em suas noções, uma vez que, ao ter saído de El Salvador, ela também abandona sua família, sua casa e seu lar, onde residiam suas noções primárias de pertencimento. Os momentos de deportação que marcam sua trajetória provocam lacunas em suas noções de pertencimento, pois Glória não consegue identificar um lar fixo, sempre com medo de que uma próxima viagem possa abalar sua relação com a filha. Recorrendo aos postulados de George (1992), que afirma que um lar e um lugar de pertencimento é um aparato ideológico do sujeito (George, 1996, p. 2 - tradução nossa), Glória se encontra privada de noções importantes para sua percepção enquanto sujeito, provocando uma crise em seus percursos.

Considerando o “lar” como uma noção mais simbólica, atrelado ao conforto, proteção e amor (George, 1996, p. 1), ao ser separada da filha, Glória, novamente,

experimenta a perda de suas noções de “lar”. Na história da personagem, tanto o lar físico se perde com os deslocamentos quanto o lar atrelado à família, causando profunda tristeza e solidão, como evidenciado na fala de Glória “eu estou sozinha e rezando para um deus que não tenho certeza se existe; mas, se ele existe, com certeza é um pássaro, um pássaro migratório lutando, com certeza ele vai quebrar essas paredes⁴⁶ (Garcia, 2021, p. 49 - tradução minha). Na seção seguinte, analiso como a identidade cultural e as noções de pertencimento estão presentes na história de Ana que em diversos momentos atravessam a história da mãe.

2.2.2 – Os percursos identitários e o entrelugar discursivo na narrativa de Ana

Ana é migrante desde pequena quando, acompanhada da mãe, deixou El Salvador em busca de melhores condições de vida e segurança. A personagem é fruto de um estupro que Glória sofreu por uma dívida de seu irmão. Após seis meses do nascimento de Ana, seu tio é assassinado e, temerosa pela segurança da filha, Glória decide deixar o país.

Quando criança, Ana precisou se adaptar a Miami, México e Texas, lugares nos quais viveu após deportações com sua mãe e novas migrações. O primeiro movimento narrado em sua história é de El Salvador para o Estados Unidos, no qual ela e a mãe compartilham uma pequena casa com mais três famílias de migrantes, dormindo nas mesmas camas e usando os mesmos utensílios pessoais. Após uma vaga de emprego oferecida a Glória, elas se mudam para um apartamento em Miami, onde residem até a deportação para o Texas.

A partir da deportação da mãe, no primeiro momento, Ana é deixada sob os cuidados da vizinha Jeanette. Após um pedido de Glória por um processo de deportação acelerada, Ana é enviada para junto da mãe. Para Ana, sua estadia nos Estados Unidos é sua lembrança mais feliz, pois é nesse lugar que ela consegue se lembrar de breves momentos de lazer e de contatos que fez na escola, momentos interrompidos pela deportação de sua mãe.

Após a chegada de Ana no centro de deportação, no Texas, Glória acredita

⁴⁶ No original: I am alone and I am praying to a god I'm not sure exists but if she exists she is surely a bird, surely a migrating bird doing battle, surely she will break these walls (Garcia, 2021, p. 49).

que será enviada de volta para seu país de origem, El Salvador. Porém, as autoridades decidem levá-las para o México, como evidenciado no momento seguinte:

Eles nos colocaram em um ônibus com grades nas janelas e nos deixaram no México. Éramos salvadorenhos de nacionalidade, mas o México estava a apenas algumas horas de distância, e foi de lá que viemos, então foi lá que nos deixaram. Disseram, encontre o seu caminho de volta para casa. Deveríamos ter sido entregues aos oficiais da imigração mexicana, mas acho que eles não apareceram⁴⁷ (Garcia, 2021, p. 86 - tradução nossa).

Já no México, Ana frequenta a casa onde a mãe oferece trabalho doméstico. Lá ela é alfabetizada pelos patrões, Dona Nancy e Sr. Roberto, que decidem ensiná-la a se comunicar em sua língua nativa, o espanhol. Durante as aulas, eles partem do Inglês para ensiná-la o espanhol, como fica evidenciado na seguinte passagem que demonstra como seu processo de formação de linguagem é interpelado pelo Inglês e o espanhol, tornando sua forma de falar expressiva dos lugares em que viveu:

O México transformou seu idioma. Um *chele* virou *güero*, um *güero*, transformado em *plátano*. Seu espanhol ficou mais forte que o inglês novamente, mas seu sotaque começou a mudar⁴⁸ (Garcia, 2021, p. 111 - tradução nossa)

Por ter estado na escola enquanto morou em Miami e ter sido alfabetizada também em inglês, o espanhol torna-se um segundo idioma que será desenvolvido enquanto Ana está no México. Isso acarreta, em sua linguagem, traços de ambas as línguas.

Ana é a personagem no romance que possui maior quantidade de passagens que mostram a forma em que ela fala, sendo possível identificar as marcas culturais presentes nos idiomas que aprendeu e que se fizeram latentes em seu processo de formação. Ela é um sujeito diaspórico que constitui seus percursos identitários a partir da dispersão. Aimée G. Bolaños discorre sobre o fato das identidades diaspóricas serem capazes de unir idiomas (Bernd, 2010, p. 169). Assim, percebemos que Ana uniu as duas culturas em que estivera em contato para formar

⁴⁷ No original: They boarded us onto a bus with bars on the windows and dropped us off in Mexico. We were Salvadoran by nationality but Mexico was just a few hours away, and that's where we'd come from, so there they left us. Said, Find your way home. We were supposed to be turned over to Mexican immigration officials, but I guess they didn't show up (Garcia, 2021, p. 86)

⁴⁸ No original: "Mexico morphed her language. A chele became a guero, a guineo transformed into a platano. Her Spanish grew stronger than her English again but her accent began to change (Garcia, 2021, p. 111,)

sua linguagem, como fica evidenciado no trecho abaixo:

Seu espanhol ficou mais forte do que seu inglês novamente, mas seu sotaque começou a mudar. Tentando mexicanizar uma língua teimosa para se encaixar. Ouvindo os comentários depreciativos. Gente de *afuera* falando sobre a cidade, trazendo crime, tirando empregos, beliscando farros, chamando os *Migra*, mandando-os para casa. Alguns mexicanos gentis, acolhedores. Nem todos. Mais fácil de tentar misturar, mais fácil de experimentar uma nova camuflagem (também pintada)⁴⁹ (Garcia, 2021, p.111 - tradução nossa).

Tendo em vista os deslocamentos recorrentes na história de Ana, assim como sua constituição identitária a partir da articulação entre culturas diferentes, abordaremos sobre o conceito de “terceiro espaço” e “entrelugar” teorizados por Homi K. Bhabha (2012) e como é possível associá-los na narrativa da personagem.

Bhabha (2012) diz que “os processos que surgem na articulação de diferentes culturas” são chamados de entrelugares (Bhabha, 2012, p. 20). Esses “entrelugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. (Bhabha, 2012, p. 20).

O entre lugar discursivo está presente no discurso de sujeitos como Ana, que são tangenciados por diferentes culturas que influenciam suas constituições enquanto sujeito. A pesquisadora Luiza Baptista Oliveira (2012), em *PROEJA: um ‘Entre-Lugar’ na Relação Educação Profissional e Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos*, afirma que:

De acordo com Homi Bhabha, a ideia de entre-lugar transita pela relação entre a cultura imposta e a cultura primitiva, constituindo o hibridismo, que “propõe o local da cultura como o entre-lugar deslizante, marginal e estranho, que, por resultar do confronto de dois ou mais sistemas culturais que dialogam (...) O entre-lugar seria um terceiro lugar (Oliveira, L. T. B., 2012, p. 187).

Os sujeitos migrantes estão em contato com grande diversidade cultural, o que resulta em uma nova identidade enunciativa que será fruto do que foi

⁴⁹No original: Her Spanish grew stronger than her English again but her accent began to change. Trying to Mexicanize a stubborn tongue to fit in. Hearing the derogatory comments. *Gente de afuera* talking over the city, bringing crime, taking jobs, pinches carotes, call the Migra, sen them home. Some Mexicans kind, welcoming. Not all. Easier to try to blend in, easier to try on new camouflage (also painful) (Garcia, 2021, p. 111).

interpelado pelo sujeito no contato com o outro: uma nova forma de enunciação. Esses contatos criam um novo lugar de existência, o entrelugar, um lugar que está entre a cultura original do país de origem e a bagagem cultural provinda de outros lugares, culminando, assim, num entrelugar discursivo.

Em relação à linguagem da personagem Ana, constituída na articulação entre dois idiomas provindos de culturas diferentes, pertencem a esse entrelugar discursivo que surgiu em sua história pela articulação do inglês e do espanhol, ou seja, das culturas pertencentes ao México e aos Estados Unidos, lugares pelos quais a personagem transita ao longo de sua história. Bhabha afirma que:

É teoricamente inovador e politicamente crucial a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses "entre-lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (Bhabha, 2013, p. 20).

Os choques culturais presentes na narrativa de Ana podem ser observados no episódio em que Glória fala sobre as dificuldades da filha para se acostumar com a cultura do México, como, por exemplo, a estrutura escolar e a comida local, como se observa na seguinte passagem: "Você também não gostou da comida, mas foi mais fácil se acostumar com isso"⁵⁰ (Garcia, 2021, p. 84 - tradução nossa). Nesse momento, Ana precisa se acostumar à cultura do México no que tange à alimentação. Naquele momento, Ana sofreu um choque cultural, pois já estava acostumada com a cultura dos Estados Unidos. Glória diz, a esse respeito, que "Os anos mais felizes de sua vida (da vida de Ana) de que ela conseguia se lembrar (...) são fins de semana brincando na piscina de bolinhas e um McDonald's do outro lado da rua"⁵¹ (Garcia, 2021, p. 202 - tradução nossa). As barreiras culturais existentes no primeiro contato com a cultura do México são superadas para dar lugar a um espaço que soa familiar. Ana ainda tem um longo caminho a ser percorrido, pois, no final da história, ela ainda é uma adolescente, mas sua identidade cultural já é rica e problematizada, haja vista os deslocamentos em sua história até então. Pela pouca idade, outros deslocamentos irão acontecer em sua história, o que irá refletir em sua

⁵⁰ No original: "You didn't like the food either but this was easier to get used to (Garcia, 2021, p. 84)

⁵¹ No original: "The happiest years of her life that she could remember... weekends playing in the ball pit of a McDonald's across (Garcia, 2021, p. 202)

identidade cultural.

No último momento de Ana no romance, após a morte da mãe, a personagem decide retornar para os Estados Unidos. Essa “escolha” mostra que, por mais que ela tenha vivido em outros lugares, como no México, e tido parentes no país natal de sua mãe, El Salvador, Ana ainda acredita que suas melhores chances estão nos Estados Unidos e se arrisca, em meio uma travessia perigosa e clandestina, para adentrar o país novamente. Ana acredita que os Estados Unidos seja um bom lugar para viver, porque, mesmo sendo pequena, suas lembranças felizes residem lá, com a mãe, a escola e a morada em Miami.

Tendo em vista os deslocamentos da mãe, Ana também tem, em sua história, a migração como fator constitutivo de sua identidade. A forma como a personagem se compreende enquanto sujeito está sempre em construção, haja vista os contatos entre culturas diferentes, que se articulam e influenciam sua percepção de si. Seguindo os passos da mãe, Ana encontra, na migração, um caminho para sua vida, propenso a mais deslocamentos em decorrência do risco de deportação por ser uma migrante ilegal. Esses deslocamentos afetam não somente a constituição identitária da personagem, sua identidade cultural e sua linguagem, mas também delimitam os episódios de sua vida. Um ciclo é traçado, assim como os dos pássaros migrantes que Glória se dedicava a associar a sua narrativa, que estão sempre em busca de um novo lugar para voar e migrar, quando a situação não é favorável para sua permanência onde se encontram, sendo esses movimentos cíclicos e inacabados.

Pensando sobre as questões de pertencimento, a história de Ana é semelhante à de Glória. Por ter crescido ao mesmo tempo em que se deslocava por países diferentes e por ter lembranças afetuosas pelos Estados Unidos, Ana acredita que, ao retornar, se sentirá, enfim, em casa. Entretanto, não é o que acontece, como evidenciado no seguinte momento: “nada parecia familiar para Ana. Ela esperava uma sensação de lar, um lugar no mundo?, mas isso não veio. Tudo o que ela sentia era cansaço”⁵² (Garcia, 2021, p. 210 - tradução nossa). Após a morte da mãe, Ana decide ir em busca da vizinha Jeanette, que cuidou dela após o primeiro episódio de deportação em sua história, mesmo não tendo estabelecido nenhum contato com ela após aquele momento. Isso demonstra o quanto Ana estava sozinha, sem nenhuma referência de afeto e de cuidado. A crise identitária, o

⁵² No original: Nothing struck her as familiar. She had expected a feeling—of home, a place in the world?—but it didn’t come. All she felt was tired (Garcia, 2021, p. 210)

abalo nas noções de lar e de pertencimento são características constituintes da percepção da personagem. Ana, assim como a mãe, também é como um pássaro migratório que estará sempre voando por territórios diferentes.

Na próxima seção, discorro sobre a personagem Jeanette e como sua história se assemelha à de Ana e Glória, mesmo ela não tendo vivido deslocamentos físico-geográficos diretamente.

2.2.3 – A garota difícil - Jeanette

Jeanette, a priori, nos parece a personagem principal da narrativa devido a todas as demais mulheres apresentarem algum tipo de ligação com ela, seja por um laço sanguíneo, seja por estabelecerem contato com ela ao longo da história. Glória e Ana são mulheres que não estão presentes na árvore genealógica de Jeanette. O contato entre elas acontece porque, ao mudar para Miami, Glória consegue um apartamento ao lado do de Jeanette, o que as torna vizinhas. Por mais que o contato diário entre as duas seja escasso, é Jeanette quem fica responsável por Ana após Glória ser enviada ao centro de deportação.

A análise da personagem Jeanette se constitui de forma particular, uma vez que ela não vivenciou a migração direta em sua história. A forma pela qual ela se reconhece enquanto sujeito é fortemente influenciada pela mãe, Carmen, que, nascida em Cuba, migrou para os Estados Unidos ainda adolescente. Esse deslocamento da mãe influencia a percepção de Jeanette sobre ela mesma e delimita os acontecimentos de sua história, o que a faz viajar para Cuba em busca de conhecer a avó e as origens da mãe.

Jeanette está representada na árvore genealógica expressa no romance na última linhagem da família de Maria Isabel. Ela é filha única de Carmen. Jeanette nasce quando a mãe já está morando nos Estados Unidos. Desde jovem, a personagem enfrenta um vício em remédios e entre idas e vindas da reabilitação decide, como já foi mencionado anteriormente, ir em busca de sua família materna, a avó Dolores, em Cuba. Em alguns momentos da narrativa, a personagem expressa seu descontentamento por não saber nenhuma informação sobre as raízes da mãe, como também sua indecisão sobre os caminhos que sua vida irá trilhar. Para Jeanette, Cuba é um importante território, pois, além de ser o país natal da

mãe, é onde irá se encontrar enquanto sujeito identitário. A personagem reconhece que o local originário de suas raízes é constitutivo para que ela possa se entender e se identificar enquanto sujeito.

Em direção ao desfecho de sua narrativa, a morte por overdose, Jeanette mostra, em alguns momentos de seu percurso, sua depressão e melancolia, que ficam evidenciadas a seguir:

Eu nunca precisei do emprego. Eu digo a ele. Não estou em uma loja de departamentos pelo dinheiro. Meus pais pagam o aluguel. Eles me dão dinheiro para quase tudo o que queremos (...) Não sei mais o que fazer e arruinei minhas chances na faculdade exatamente como meus pais disseram que eu arruinaria minhas chances na faculdade. Porque se eu ficar em casa, quero desaparecer (Garcia, 2021, p. 170 - tradução nossa).⁵³

Sua decisão pelo retorno à Cuba é uma forma de procurar se conhecer e identificar-se, de alguma forma, já que ela aparenta estar perdida. A personagem acredita que só irá se encontrar identitariamente quando tiver contato com a cultura de Cuba e com a avó materna. Para ela, saber sobre o passado de sua família, que ainda está em Cuba, é também uma forma de entender quem ela é. Jeanette reconhece que seu conhecimento de si não é formado apenas pelos Estados Unidos, mas também por Cuba, de modo que anseia estar em contato com a cultura natural da mãe para, enfim, se entender.

Desde pequena, Jeanette sempre teve interesse na história de Carmen e dos familiares que residiam em Cuba, porém não obtinha respostas quando questionava a mãe, o que a frustrava. A personagem é consciente de que sua identidade é fragmentada e construída com a influência dos dois países. A identidade cultural de Jeanette acontece mediante o contato com a mãe cubana e com os Estados Unidos. Na passagem a seguir, fica evidenciada a forma pela qual Jeanette julgava importante conhecer a história da mãe, para enfim saber quem ela era:

Jeanette não entendia por que sua mãe nunca dizia uma palavra e quase surtava se ela perguntasse sobre seu passado. Jeanette nunca havia falado com sua avó materna em Cuba. E mesmo quando criança, Jeanette entendeu que outra narrativa que ela não conseguia acessar havia moldado sua vida. Ela não tinha vocabulário

⁵³No original: "I've never need the job. I tell him. I'm not at department store for the money. My parents pay the rent. They give me money for almost anything we want (...) I don't know what else to do and I ruined my chances at college exactly as my parents said I would ruin my chances at college. Because If I sit at home, I want to disappear" (Garcia, 2021, p. 170).

para dizer, eu quero saber quem eu sou, então eu preciso saber quem você foi⁵⁴ (Garcia, 2021, p. 36 - tradução nossa).

Jeanette sente os efeitos do deslocamento indireto derivado da história de migração de Carmen, já que não consegue saber seu lugar, um lugar ao qual possa pertencer e com que se identificar. Diferentemente da mãe de Glória e de Ana, Jeanette não precisa buscar em outro país estabilidade ou moradia. Por mais que a personagem tenha nascido nos Estados Unidos, ela não se reconhece como, unicamente pertencente ao país, pois considera Cuba constituinte de quem ela é. Sua identidade é formada a partir de duas localidades, de duas culturas, sendo uma delas uma grande incógnita.

Em Cuba, Jeanette acreditava que iria encontrar a família da mãe, sua felicidade e um sentimento de pertencimento, porém não é isso o que acontece, como fica evidenciado a seguir, no momento após a estadia de Jeanette na casa da avó: “Eu estava errada em pensar que havia algo aqui (em Cuba) para mim, um pedaço reconhecível de mim⁵⁵ (Garcia, 2021, p. 137 - tradução nossa). O fim de Jeanette se dá após seu retorno de Cuba, quando ela morre de overdose (Garcia, 2021, p. 201). Seu fim trágico pode ser explicado pelo desespero que a personagem sentia em não se reconhecer e/ou pertencer a algo ou a algum lugar. Jeanette, por ser uma personagem que sente os efeitos da migração, também é perpassada por condições particulares de povos migrantes, como o abalo nas noções de pertencimento e a crise identitária.

A história de Jeanette se assemelha à de Ana e Glória, uma vez que ela também não possui um local em que se sinta pertencente, mesmo tendo nascido e permanecido, por grande parte de sua vida, nos Estados Unidos. Ela acredita que os cruzamentos entre as culturas de Cuba e Estados Unidos são constituintes de sua identidade e, desta forma, decide ir ao país de origem da mãe, para buscar um lugar para pertencer, como já foi abordado.

Uma semelhança entre a história de Jeanette e Ana é que ambas reproduzem ou se espelham nas histórias de suas mães. Ana se desloca, no romance, por ter sido influenciada por sua mãe e por seus próprios deslocamentos; Jeanette viaja em

⁵⁴ No original: Jeanette hadn't understood why her mother never said a word and would almost snap if she asked about her past. Jeanette had never even spoken to her maternal grandmother in Cuba. And even as a child, Jeanette understood that another narrative she couldn't access had shaped her life. She didn't have the vocabulary to say, I want to know who I am, so I need to know who you've been (Garcia, 2021, p. 36)

busca de suas raízes maternas na ilusão de encontrar algo que a aproxime da mãe. Ela diz: “E eu? O que estou fazendo aqui? Eu pensei que Cuba poderia ser algum tipo de tecido conectivo, talvez até mesmo me mostrar minha mãe⁵⁵” (Garcia, 2021, p. 140). Independente de suas razões, todas elas promovem trânsitos entre países. O laço materno que liga essas mulheres também é preponderante para que elas viagem em busca de soluções que não foram dadas pelas suas mães e que, provavelmente, não serão encontradas.

Outro ponto de encontro entre a narrativa dessas personagens são suas ligações maternas. Ana, quando decide voltar aos Estados Unidos, procura por segurança e estabilidade, assim como Glória, quando decidiu sair de El Salvador. Entretanto, isso não foi encontrado por ambas personagens, mesmo depois de muitos deslocamentos. Carmen também decide deixar Cuba em busca de melhores condições de vida para filha, como evidenciado a seguir, no momento em que ela diz a Jeanette os motivos de ter se mudado para os Estados Unidos: ““Jeanette,” ela disse, “eu vim aqui para a liberdade para que você nunca tivesse que roubar⁵⁶” (Garcia, 2021, p. 138).

A história de Ana, buscando, nas migrações, uma solução para seus problemas, já havia sido delimitada por Glória. Jeanette, por sua vez, também reconhece a importância da mãe em seu percurso identitário, quando decide retornar a Cuba e obter informações sobre Carmen, ação vista como ponto de partida para seu próprio reconhecimento enquanto sujeito. Até mesmo Carmen, quando decide nunca mais regressar a Cuba, salienta seu ódio ao país que foi causado por um ato de sua mãe Dolores.

Em vista da importância da ligação entre mães e filhas na narrativa de *Of Women and Salt* (2021), no próximo capítulo, analisaremos as vivências maternas de Maria Isabel e Glória. Para tal, recorreremos a pressupostos teóricos desenvolvidos por Marianne Hirsch (1989), Carla Cerqueira, Paula Galvão e Lucivanda Borges (2024), Lucila Scavone (2001), Teresa de Lauretis (1987), Evelyn Nakano Glenn (1994), Manuela Carpenedo e Henrique Nardi (2017), Pierrette Sotelo e Ernestine Avila (1997) e María Pineros, Laura Yao, Aroub Yousuf e Gabrielle Oliveira (2021). O objetivo do capítulo consiste em evidenciar como cada mãe em análise vivencia a

⁵⁵ No original: And me? What am I doing here? I thought Cuba could be some kind of connective tissue, maybe even show me my mother (Garcia, 2021, p. 140)

⁵⁶ No original: Jeanette,” she said, “I came here to freedom so you’d never have to steal (Garcia, 2021, p. 138)

maternidade a partir de seu respectivo contexto social, demonstrando que essa experiência assume formas plurais, sendo atravessada por questões como classe e cultura. No caso da personagem Glória, analisamos de que maneira sua condição enquanto mulher migrante influencia suas experiências maternas e como as relações de poder se configuram em sua trajetória.

3 AS RELAÇÕES MATERNAS EM *OF WOMEN AND SALT*

Os deslocamentos em *Of Women and Salt* (2021) se apresentam como elementos constitutivos dos percursos identitários de Ana, Glória, Carmen e Jeannette. Assim como os trânsitos influenciam a forma na qual essas mulheres se reconhecem enquanto sujeitos, os laços maternos presentes em suas histórias também são integrantes para a construção do “eu” identitário de cada uma delas. Isso acontece porque as trajetórias das filhas entrelaçam-se às de suas mães, estabelecendo relações de continuidades e rupturas.

As mães abordadas neste capítulo, são mulheres que exercem grande influência sobre as vivências de suas filhas. A partir de suas próprias histórias, elas delimitam parte dos caminhos trilhados por suas descendentes. Nesse sentido, analisamos as trajetórias de maternidade das personagens Maria Isabel, Dolores, Carmen e Glória, bem como a forma como as marcas dessas maternidades se manifestam nas vidas de suas filhas, Ana, Carmen e Jeanette, respectivamente. No caso de Carmen, sua presença no romance manifesta-se simultaneamente nos papéis de mãe e de filha, permitindo observar como sua vivência materna é atravessada e moldada pela experiência anterior de ser filha.

Tendo em vista as relações entre mães e filhas no romance, este capítulo se propõe a demonstrar como as relações maternas acontecem, sendo estas interações elemento fundamental para que as personagens possam se entender enquanto sujeitos. As análises desenvolvidas, neste capítulo, estão ancoradas na crítica feminista, tais como as reflexões de Mariannne Hirsch (1989), uma vez que cada mãe apresentada no romance é, a priori, uma mulher, aspecto importante para a análise de suas experiências. Para organizar a análise deste capítulo, o bloco foi dividido em três seções. A primeira aborda a questão “O que é ser mãe?”, trazendo problematizações sobre as definições tradicionais de maternidade e suas implicações. A segunda trata da maternidade no contexto da transnacionalidade, discutindo como os deslocamentos geográficos e as experiências migratórias influenciam as práticas e percepções maternas. Por fim, a terceira seção dedica-se à relação entre maternidade e corpo, investigando como o corpo é atravessado por normas culturais, violências institucionais e mecanismos de poder. A partir desses

eixos, nos propomos a analisar como as relações maternas no romance interferem nos percursos identitários das personagens.

3.1 Entre Expectativas e Experiências - Problematizando as definições tradicionais de maternidade

O ato de maternar tem sido, ao longo do tempo, atravessado por diferentes concepções culturais, sociais e políticas, que em certos contextos o naturalizaram como destino biológico das mulheres e, em outros, o reconheceram como construção histórica e prática social. Nesse sentido, a pesquisadora Marianne Hirsch, em *The Mother/Daughter Plot* (1989), aponta que o conceito de maternidade pode assumir diversas interpretações. Essas interpretações, por sua vez, questionam elementos como a biologia e a cultura, porque problematizam as visões sobre o “maternar” e a experiência materna. Marianne Hirsch aponta:

Certamente, o termo “mãe” e o discurso sobre/da maternidade são objetos de divisão, por vezes radical, dentro da análise feminista. A questão que precisa ser enfrentada é uma questão de definição: “O que é uma mãe? O que é maternal?”. É uma questão que se situa no ponto de ruptura entre várias posições feministas: entre presença e ausência, discurso e silêncio, essencialismo e construtivismo, materialismo e psicanálise. A maternidade é “experiência” ou “instituição”? É biológica ou cultural? A mãe está presente ou ausente, solteira ou dividida, em conluio com o patriarcado ou em desacordo com ele, conformista ou subversiva? Uma análise da maternidade pode apontar para a libertação ou inevitavelmente aprisiona as feministas em estereótipos culturais restritivos?⁵⁷ (Hirsch, 1989, p. 163 - tradução nossa).

Segundo Hirsch (1989), a maternidade é um fenômeno complexo, abrangendo diferentes perspectivas sobre experiência, biologia, cultura e relações de poder (Hirsch, 1989). Isso indica que não existe uma única forma de vivenciar a maternidade, nem mesmo um modelo correto de ser mãe, uma vez que esse

⁵⁷ No original: To be sure, the term “mother” and the discourse about/of mothering are objects of sometimes radical division within feminist analysis. The question that needs to be confronted is a question of definition: “What is a mother? What is maternal?” It is a question that situates itself at the breaking point between various feminist positions: between presence and absence, speech and silence, essentialism and constructivism, materialism and psychoanalysis. Is motherhood “experience” or “institution?” Is it biological or cultural? Is the mother present or absent, single or divided, in collusion with patriarchy or at odds with it, conformist or subversive? Can an analysis of motherhood point toward liberation or does it inevitably ensconce feminists in constraining cultural stereotypes? (Hirsch, 1989, p. 163)

fenômeno pode ser entendido como uma experiência capaz de produzir vínculos e relações de subjetividade, como aponta Hirsch (1989).

Os estudos feministas a partir do século XIX, entendem a maternidade como experiência plural, recusando definições unívocas ou fechadas (Hirsch, 1989). No entanto, historicamente, desenvolveu-se uma visão padronizada que delimitou modos “corretos” de exercer a maternidade, delimitando às mulheres formas normativas de vivenciar e organizar sua experiência materna (Hirsch, 1989).

De acordo com as pesquisadoras Carla Cerqueira, Paula Galvão e Lucivanda Borges (2024), nos séculos XVIII e XIX, “a maternidade começou a ser vista como uma vocação destinada às mulheres, por meio do ideal branco de maternidade e da perspectiva do instinto materno, colocando-as diante de uma ideia de naturalização de sua ocupação do papel social de mãe” (Santos, Galvão & Sousa, 2024, p.6). Essa perspectiva reforça a naturalização da maternidade e a redução da mulher ao papel materno, pois associa a experiência materna a algo inerente ao corpo feminino, restringindo sua função à reprodução.

A noção de que a maternidade constitui um papel “natural” da mulher foi perpassada ao longo do tempo por diversos fatores, como as pressões sociais e culturais e as relações de classe (Santos, Galvão & Sousa, 2024). Além disso, outro fator contribuinte para a ideia da maternidade enquanto elemento “natural” foi a ideia do amor romântico. A pesquisadora Lucila Scavone (2001) que aponta a ideia do amor romântico, que se consolidou na Europa medieval e renascentista entre os séculos XVIII e XIX com o Iluminismo e o Romantismo e teve grande influência na imagem da mulher associada ao lar, ao cuidado e à maternidade (Scavone, 2001). De acordo com ela, “o modelo romântico consolidou-se em uma ideologia que passou a exaltar o papel natural da mulher como mãe, atribuindo-lhe todos os deveres e obrigações na criação dos filhos e limitando a função social feminina à realização da maternidade” (Scavone, 2001, p. 49). Assim, observa-se que a maternidade foi historicamente construída para ser compreendida como uma condição “natural” da mulher, associada a uma suposta predisposição biológica para o cuidado e a reprodução. Essa ideia também foi perpassada por influências culturais, sociais e históricas, como a ideia do amor romântico, que reforça a ligação da mãe com o lar e com o cuidado dos filhos.

A partir das reflexões trazidas por Scavone (2001), é possível concluir, de forma propositalmente reiterativa, que as ideias patriarcais provocaram uma visão a

respeito da maternidade como destino inevitável da mulher, limitando sua identidade e sua função social ao papel de mãe. Ao associar a maternidade como essência da mulher, intensifica-se a desigualdade de gênero e reforça-se a estrutura patriarcal.

Pensando na padronização dos papéis de gênero que limitam a mulher ao espaço doméstico para a criação dos filhos, é possível observar como certas expectativas sociais definem o que seria uma “forma adequada” de matinar. Em relação a essas diferenciações de gênero, a pesquisadora Teresa de Lauretis (1987) observa que a constituição dos gêneros e suas definições delimitam os papéis das mulheres na sociedade. Pautada em Foucault, a autora discute a polaridade entre “masculino e feminino” e afirma que todos os discursos sobre sexualidade se fundamentam nessa diferenciação (Lauretis, 1987, p. 223). A partir dessa perspectiva, De Lauretis evidencia que as relações de poder estruturam os papéis de gênero, atribuindo às mulheres o espaço do lar, dos cuidados e da submissão, enquanto aos homens cabe a ideologia do poder, do sustento e da dominação (Lauretis, 1987). Ainda de acordo com Lauretis:

A polaridade masculino/feminino tem sido e continua sendo um tema central em quase todas as representações da sexualidade. Para o “senso comum”, a sexualidade masculina e a feminina se erguem como distintas: a sexualidade masculina é entendida como ativa, espontânea, genital, facilmente estimulada por “objetos” e fantasias, enquanto a feminina é pensada em termos de sua relação com a sexualidade masculina, basicamente como expressão e resposta ao homem (Lauretis, 1987, p. 223)

A forma como a sexualidade feminina foi historicamente construída como passiva e voltada para a servidão do homem (Lauretis, 1987), reforça a ideia de que a mulher deve considerar, primeiramente, a família, especialmente os filhos e o marido. Dessa maneira, foi atribuída à mãe a visão de um destino natural e essencialmente da mulher, ligado ao cuidado, à dedicação e às responsabilidades domésticas. Isso mostra como os papéis de gênero influenciam e limitam a maneira como as mulheres devem viver a experiência de ser mãe.

De forma a complementar o que foi falado por De Lauretis (1987), recorreremos aos postulados da pesquisadora Evelyn Nakano Glenn (1994) que afirmam que “a maternidade e o gênero estão intimamente interligados: cada um é um elemento constitutivo do outro” (Glenn, 1994, p. 41 - tradução nossa). Observando essa relação presente na afirmação da autora, percebemos que a maternidade é

constitutiva do que socialmente se entende sobre os papéis atribuídos à mulher. Ainda de acordo com a autora:

As relações sociais de gênero são fundamentalmente "organizadas" em termos ou em relação à divisão reprodutiva das pessoas em homens e mulheres. Talvez porque a alocação de gênero da maternidade parece fluir inevitavelmente da divisão baseada na função reprodutiva, a maternidade - mais do que qualquer outro aspecto do gênero - tem sido sujeita a interpretações essencialistas: vista como natural, universal e imutável⁵⁸ (Glenn, 1994, p. 41 - tradução nossa)

Essas concepções sobre a maternidade, discutidas por De Lauretis (1987) e Glenn (1994), permitem observar que a sociedade historicamente organiza os papéis de gênero a partir de uma suposta diferença biológica entre homens e mulheres. Desta forma, a maternidade, por estar ligada à reprodução, é vista como algo natural e inevitável, o que induz a interpretações essencialistas sobre o que significa ser mãe, delimitando padrões específicos de vivência materna. Essa essencialização, entretanto, não contempla todas as experiências, uma vez que diferentes camadas de mulheres que se diferenciam por múltiplas questões sociais, culturais, raciais e históricas vivenciam diferentemente a maternidade.

Em *Of Women and Salt* (2021), as mulheres desafiam as noções tradicionais de maternidade ao expressarem de formas diferentes suas identidades maternas em contextos sociais específicos. Suas experiências demonstram que a maternidade é construída de maneira plural, atravessada por desigualdades sociais, econômicas e culturais, questionando qualquer concepção essencial ou naturalizada do que significa ser mãe. Um exemplo claro é a personagem Dolores, que vive sua maternidade de forma solitária, enfrentando fome, abandono e miséria, como evidenciado no momento seguinte:

Dolores não sabia em quanto tempo ele iria embora ou quanto viveria. Apenas alguns dias de trabalho perdido significava que ela teria que alimentar as meninas com o que estivesse maduro em seu pequeno terreno – algumas bananas cozidas ou malanga ou, pior,

⁵⁸ No original: Mothering and gender are closely intertwined: each is a constitutive element of the other. As R. W. Connell notes, social relations of gender are fundamentally "organized" in terms of, or in relation to, the reproductive division of people into male and female." Perhaps because the gendered allocation of mothering appears to flow inevitably from the division based on reproductive function, mothering-more than any other aspect of gender-has been subject to essentialist interpretation: seen as natural, universal, and unchanging (Glenn, 1994 pág 41).

um punhado de nisperos, copos de água com açúcar⁵⁹ (Garcia, 2021, p 154 - tradução nossa)

Pensando sobre as relações maternas que vão ao encontro das noções tradicionais de maternidade, partimos da história de Maria Isabel, matriarca da família central no romance, de modo a observar como ela vivencia sua experiência materna no contexto social e histórico de Cuba, em 1866.

A narrativa do romance *Of Women and Salt* (2021) se inicia a partir da história de Maria Isabel. Logo no início, é descrito seu trabalho de enrolar charutos em uma fábrica em Camagüey, por volta de 1866. Pelas descrições de sua rotina diária, percebe-se o caráter simples de sua vida, como ilustrado na passagem a seguir:

Às seis e meia, quando todos os enroladores de charutos estavam sentados em suas mesas diante de suas pilhas de folhas e o capataz soou o sino, María Isabel inclinou a cabeça, fez o sinal da cruz sobre os ombros e pegou a primeira folha em suas mãos ⁶⁰(Garcia, 2021, p. 3 - tradução nossa).

Na fábrica, Maria Isabel conhece Antônio, que se tornaria seu marido. Naquele período, Cuba vivia o contexto da Guerra de Independência (1866-1878), e Antônio era um dos operários simpatizantes do movimento. Enquanto ele enfrenta o risco constante de ser capturado pelas autoridades, devido ao seu envolvimento político, Maria Isabel descobre que está grávida. Essa experiência se revela difícil, considerando a precariedade de sua vida como operária fabril e o temor constante de que algo possa acontecer a Antônio.

A gravidez acontece em um momento em que Maria Isabel não possui sequer suprimentos para ela. Neste ponto da narrativa, o marido está sendo procurado pela sua participação nos movimentos de independência de Cuba e seu futuro é incerto, como fica evidenciado no momento seguinte:

Mesmo assim, foram dias sombrios para ela, cheios de fome, de pânico e de luto, mesmo enquanto celebrava um segredo: estava grávida, a barriga começando a inchar e a arredondar. Ela já sabia há

⁵⁹ No original: Dolores didn't know how long he'd be gone or if he'd live. Just a few days of missed work meant she would have to feed the girls whatever was ripe on their little plot—some boiled plantains or malanga or, worse, a handful of nisperos, glasses of sugar water. (Garcia, 2021, p. 154)

⁶⁰ No original: At six thirty, when all the cigar rollers sat at their desks before their piles of leaves and the foreman rang the bell, María Isabel bent her head, traced a sign of the cross over her shoulders, and took the first leaf in her hands (Garcia, 2021, p. 3)

meses antes de compartilhar a notícia com Antonio⁶¹ (Garcia, 2021, p. 23 - tradução nossa)

Maria Isabel, como mulher fabril em Cuba em 1866, vivencia uma experiência de maternidade que subverte as concepções tradicionais sobre o papel da mulher, pois ela precisa se dividir entre o cuidado da filha e o emprego. No século XIX, como destacam Santos, Galvão & Sousa (2024), a maternidade era entendida como uma função natural e exclusiva da mulher, intimamente ligada à vida doméstica, enquanto o homem era socialmente definido como provedor e detentor do poder familiar (Santos, Galvão & Sousa, 2024). Ao contrário do que a visão tradicional sobre a maternidade reservava às mulheres, Maria Isabel é uma mulher que não se limita ao espaço doméstico, sendo responsável também pelo provimento da família. No entanto, a experiência de Maria Isabel se distancia dessa percepção, pois ela enfrenta a gravidez e as responsabilidades familiares enquanto lida com a rotina de trabalho fabril, marcada pela exploração, pela situação precária e pelo risco constante, inclusive diante do envolvimento político do marido na Guerra de Independência (1866-1878) (Garcia, 2021, p. 23).

Portanto, sua vivência materna se constrói em um contexto de esforço e insegurança, o que demonstra que a maternidade não acontece, em regra, restrita ao espaço doméstico. A vivência materna de Maria Isabel assume diversas formas, mostrando como suas condições sociais e históricas delimitaram a experiência materna. A maternidade para a personagem é uma experiência socialmente construída, moldada por condições econômicas e sociais, que irão acontecer de acordo com seu contexto de vida.

Pensando nas relações sobre os papéis de gênero, conforme a discussão de De Lauretis (1987), percebemos que, ao assumir funções tradicionalmente atribuídas aos homens, como a responsabilidade financeira pela família, Maria Isabel subverte, também, as normas de gênero que destinam papéis específicos para homens e mulheres. A maneira como ela performa sua identidade materna se desvincula, em certa medida, dos aspectos definidos pelos papéis de gênero. Enquanto aos homens foi atribuída a ideologia do poder, do sustento e da

⁶¹ No original: But still, they were dark days for her, filled with hunger, with panic, with mourning, even as she celebrated a secret; she was pregnant, her belly beginning to swell and round. She'd known for months before she shared the news with Antonio or his mother; she's known even before she walked out of Porteños y Gómez (Garcia, 2021, p.23).

dominação (Lauretis, 1987), Maria Isabel, ao assumir sozinha a responsabilidade pelo sustento da filha, precisa desempenhar, ao mesmo tempo, funções que historicamente foram essencializadas como próprias de cada gênero (Garcia, 2021).

Estendendo a análise para outras relações de mulheres como Glória e Ana no romance que subvertem as noções tradicionais de maternidade, como a matriarca Maria Isabel, na próxima seção, ampliamos as discussões para mães que são migrantes. As experiências dessas mulheres enquanto mães demonstram formas de vivenciar a maternidade em deslocamentos, pela distância geográfica e pela negociação entre cuidado afetivo e responsabilidades financeiras.

3.2 Maternidade e transnacionalidade

A experiência materna, quando atravessada por processos de migração, desafia concepções tradicionais sobre o papel da mulher enquanto mãe. Diante disso, nesta seção, abordamos experiências maternas de mulheres em migrações, examinando como a personagem Glória, em *Of Women and Salt* (2021), experimenta a condição de ser mãe enquanto migra para lugares diferentes, observando as implicações de sua experiência enquanto mãe transnacional em sua identidade materna. Além disso, refletimos sobre a maneira pela qual o deslocamento e a transnacionalidade interferem em sua construção identitária da imagem da “boa mãe”.

O conceito de maternidade transnacional, segundo Mariana Marques (2014), “emerge a partir de um fenômeno que tem sido crescente nos últimos anos, a imigração de mulheres de países pobres e em desenvolvimento para os países ricos, deixando para trás os filhos com outros familiares, amigos (...)” (Marques, 2014, p. 19). Nesse contexto, a maternidade transnacional não envolve apenas a distância física, mas também desafios emocionais e sociais. Essas mulheres precisam conciliar suas responsabilidades como mães e manter os vínculos afetivos com os filhos a distância. Assim, trata-se de uma experiência complexa, marcada pelos deslocamentos, pelas relações familiares e pelo modo como a maternidade se transforma nesse processo.

Os pesquisadores Manoela Carpenedo e Henrique Nardi (2017) apontam que a maternidade transnacional:

Ao desafiar a norma da proximidade entre mãe e suas/eus filhas/os, essa modalidade inaugura outras possibilidades de ser mãe, como por exemplo, a de ser provedora financeira da família. Ao definir uma boa maternidade em termos de cuidado financeiro, essas mulheres ganham legitimidade como mães. Dessa forma, percebemos como o evento migratório pôde reposicioná-las em relação às normas convencionais de maternidade, visto que elas não somente foram capazes de trabalhar sobre si mesmas respondendo aos dilemas relacionados à maternidade transnacional, como também (re)negociaram de forma eficiente suas identidades maternas (Carpenedo; Nardi, 2017, p. 20)

As referências tradicionais da maternidade, geralmente ligadas à presença física constante, ao cuidado afetivo direto e à figura materna restrita ao espaço doméstico, são deslocadas pela ideia da maternidade transnacional que introduz novas formas de exercer o maternar. Enquanto o modelo tradicional valoriza a proximidade e o cuidado cotidiano como critérios principais para definir ser uma “boa mãe”, as experiências das mães migrantes mostram que os esforços para garantir melhores condições de vida para seus filhos também constituem expressões legítimas de cuidado e amor materno.

Com o intuito de evidenciar a importância e a urgência de se refletir sobre a maternidade transnacional como uma experiência social e afetiva que desafia concepções tradicionais de maternidade, abordamos o levantamento publicado pelo *Migration Policy Institute*⁶² (2007). Esse estudo foi realizado com mulheres migrantes oriundas da Guatemala, El Salvador e Honduras e aponta que 87% delas se deslocaram sem seus filhos, revelando a expressividade e a complexidade das maternidades vividas a distância. Além desse estudo apresentar um ponto importante para nossa análise, tendo El Salvador, país natal da personagem Glória, como componente da pesquisa, esse número demonstra que mães em deslocamento, em sua maioria, estão vivenciando a maternidade a distância, um fenômeno que é amplamente estudado e discutido na literatura sobre maternidade migratória e transnacional.

Embora o levantamento em questão tenha mais de uma década, sua atualidade permanece incontestável, uma vez que os fluxos migratórios

⁶²Disponível: https://www.migrationpolicy.org/article/women-migrants-transit-and-detention-mexico/?utm_source=chatgpt.com

contemporâneos tornaram ainda mais evidentes as complexas dinâmicas que envolvem o deslocamento de mulheres e a reconfiguração de suas práticas maternas.

As autoras Pierrette Sotelo e Ernestine Avila (1997) apontam que, nos Estados Unidos, há um longo legado de mulheres caribenhas e afro-americanas do Sul que deixam seus filhos “em casa” para buscar trabalho no Norte” (Avila; Sotelo, 1997, p. 548 - tradução nossa). Essas mulheres deslocam-se em busca de sustento e melhores condições de vida para suas famílias. Muitas delas, optam por esse trajeto de forma solitária, devido às dificuldades iniciais de adaptação e aos choques culturais que poderiam afetar negativamente seus filhos.

Os choques culturais e as dificuldades de adaptação, destacados por Ávila e Sotelo (1997), configuram-se como fatores que podem influenciar a decisão de mães transnacionais de migrar sem seus filhos. Estes fatores são evidenciados na história de Ana que nos é contada por Glória. A mãe relata que a filha estranhou a escola e a alimentação ao chegar nos Estados Unidos, o que contribuiu para que o processo de adaptação da criança fosse ainda mais desafiador. Glória conta:

Você (Ana) não gostou da sua nova escola. (...) você disse que algumas crianças não podiam falar inglês, mas que quando você tentou falar com elas em espanhol, o professor disse que não era permitido. você também não gosta da comida, mas isso foi mais fácil de se acostumar⁶³ (Garcia, 2021, p. 85 - tradução nossa).

Essa cena evidencia as barreiras linguísticas e culturais enfrentadas por Ana ao chegar aos Estados Unidos, mostrando como o processo migratório impacta a construção de sua identidade. As dificuldades vivenciadas por Ana refletem o estranhamento e a tensão resultantes da inserção em um novo contexto social.

Em diálogo com as discussões sobre os fatores que influenciam mães migrantes a migrarem sem os filhos, no romance, somos apresentados aos riscos da travessia entre México e Estados Unidos na história de Ana. Após a morte de Glória no México, Ana decide voltar aos Estados Unidos de forma ilegal, como parte integrante de um grupo composto por outros migrantes de El Salvador, Guatemala e Honduras (Garcia, 2021).

⁶³ No original: You didn't like your new school. (...) you said some of kids couldn't speak English but that when you tried to speak to them in Spanish, the teacher said you weren't allowed. you don't like the food either but this was easier to get used to (Garcia, 2021, p. 85)

No momento de migração de Ana, durante a travessia, nos é mostrado um grupo de pessoas sendo guiadas por um *pollero*, um homem responsável por conduzir o grupo e alertar sobre os perigos da jornada e o risco de captura policial. Essa figura simboliza, ao mesmo tempo, a dependência e a precariedade que marcam essa experiência migratória. Na cena percebemos que:

O pollero os havia guiado até uma grande van preta à beira da praia escondida entre os arbustos. Agora ele abriu as portas traseiras para revelar vários pneus amarrados com corda. Ele segurava uma lanterna nos dentes enquanto fazia sinal para o grupo. Queria que cada um arrastasse um pneu, para ajudar as crianças pequenas. Ele já havia explicado isso mais cedo⁶⁴ (Garcia, 2021, p. 188 - tradução nossa)

Esse momento de migração de Ana destaca a vulnerabilidade dos migrantes e os riscos que enfrentam no deslocamento, o que pode levar muitas mães a optarem por viajar sem seus filhos, como apontado por Avila e Sotelo (1997). A travessia de Ana do México para os Estados Unidos, permeada por violência e pela constante ameaça de morte ou detenção, evidencia como a migração pode representar um desafio significativo, intensificado pelas condições ilegais de migração. Nesse sentido, pensando sobre mães transnacionais que deixam os filhos no país de origem, a separação dos filhos não é um ato de abandono, mas uma atitude de proteção e sobrevivência, que revela tanto a complexidade da maternidade em contextos migratórios quanto o peso emocional que acompanha essas decisões.

Pensando sobre as relações entre maternidade e transnacionalidade, Glória, em *Of Women and Salt* (2021), vivencia sua experiência enquanto mãe em meio à migrações entre El Salvador, Estados Unidos e México, carregando o deslocamento como elemento constituinte para sua identidade, pois sua trajetória é marcada por rupturas, perdas e reconstruções que atravessam fronteiras geográficas, afetivas e simbólicas. Retomando a noção de diáspora defendida por James Clifford (1994) que evidencia a capacidade de sujeitos diaspóricos construir identidades fora do lar (Clifford, 1994) percebemos que Glória constrói sua identidade materna afastada

⁶⁴ No original: The pollero had guided them to a large black van by the shore hidden in the scrub. Now he opened the back doors to several tires secured with rope. He held a flashlight in his teeth as he motioned to the group. He wanted them to drag a tire each, to help the little kids. He'd gone over it earlier (Garcia, 2021, p. 188).

do lar de origem, passando por outros tantos lugares que funcionam como pontes entre territórios e culturas.

Stuart Hall (2018) ressalta que a migração constitui uma prática histórica recorrente no Caribe, configurando-se como elemento estruturante da experiência social e cultural da região. Glória, enquanto mãe e mulher caribenha, insere-se nesse contexto histórico de deslocamentos, nos quais a mobilidade influencia diretamente sua construção de identidade. Nesse sentido, ser mãe em contextos transnacionais implica vivenciar a essa experiência longe dos parâmetros tradicionais da maternidade, pois ela, nesse contexto, acontece como uma experiência plural e dinâmica, atravessada por deslocamentos que ressignificam questões de identidade materna dessas mulheres.

Ao refletir sobre a maneira pela qual a vivência transnacional influencia a autopercepção do papel materno, Escobar (2011) argumenta que a maternidade transnacional subverte as normas sociais tradicionais e as expectativas que regulam a maternidade (Escobar, 2011, p. 11). Essas transgressões podem repercutir de forma negativa na identidade de mães em migrações que se sentem culpadas por não estarem diretamente presentes na criação do filho. Escobar ainda diz que:

Mães transnacionais frequentemente relatam sentimentos de culpa por serem "mães ruins" e que mães que têm seus filhos com elas nos EUA condenam mães transnacionais como "mulheres ruins" por deixarem seus filhos "para trás"⁶⁵ (Escobar, 2011, p. 11 - tradução minha)

Mães transnacionais se julgam inferiores por se perceberem como "mães ruins", justamente porque não cumprem o modelo tradicional de maternidade, que pressupõe presença física constante e dedicação exclusiva aos filhos (Scavone, 2001). De acordo com as pesquisadoras María Pineros, Laura Yao, Aroub Yousuf e Gabrielle Oliveira (2021), a intimidade emocional das mães transnacionais pode ser comprometida pela distância (Pineros et al., 2021). O sentimento de fracasso materno, nesse caso, pode ser associado ao não cumprimento do modelo tradicional de maternidade (Pineros et al., 2021). As autoras evidenciam:

Apesar da quantidade reduzida de pesquisas disponíveis sobre as necessidades de saúde mental de mães transnacionais, a literatura

⁶⁵ No original: latina transnational mothers frequently report feelings of guilt of being "bad mothers and women" for leaving their children "behind" (Escobar, 2011, p. 11).

atual parece sugerir que mães transnacionais experimentam sofrimento emocional significativo após a migração para países hospedeiros. (...) Resultados de estudos de métodos mistos e qualitativos indicam que mães transnacionais experimentam sofrimento emocional consistente com sintomas de depressão maior⁶⁶ (Pineros et al., 2021, p. 10 - tradução nossa).

Em síntese, embora as evidências ainda sejam limitadas, os estudos mostram que a maternidade transnacional está fortemente ligada a experiências de sofrimento emocional, que fazem mães transnacionais questionarem a qualidade de seus papéis enquanto mães.

Em se tratando da personagem Glória, sua experiência no centro de deportação no Texas a coloca diante da realidade da maternidade transnacional, marcada pela separação de sua filha Ana. Para compreendermos de forma mais ampla os acontecimentos que levaram a essa separação, retomamos o panorama de sua trajetória.

Glória é natural de El Salvador, país onde residia com sua família desde pequena. Nesse período, seu irmão mantinha um pequeno comércio local e contraiu dívidas com um grupo criminoso da região. Sem condições financeiras para quitá-las, Glória é violentada sexualmente como forma de pagamento. Posteriormente à violência sofrida, ela descobre estar grávida, em consequência do estupro. Glória conta: “Quando eles vieram no terceiro mês, eles o espancaram. Eu era o único aviso que restava⁶⁷ (Garcia, 2021, p. 210 - tradução nossa).

Após a descoberta da gravidez, Glória fica em El Salvador até o nascimento da filha, Ana. Após novas dívidas contraídas pelo irmão, a milícia local o assassina. Temerosa do que poderia acontecer a ela e à Ana, Glória decide ir para os Estados Unidos em busca de melhores chances (Garcia, 2021). Ela evidencia:

Eles mataram seu tio seis meses depois, você ainda agarrada ao meu peito, ainda dormindo encolhida ao meu lado. Vou poupar-lhe os

⁶⁶ No original: Despite the scarce amount of research available on the mental health needs of transnational mothers, the current literature seems to suggest that transnational mothers experience significant emotional distress after migrating to host countries. (...) Findings from mixed methods and qualitative studies indicate that transnational mothers experience emotional distress that is consistent with symptoms of major depression. The paucity of literature on the mental health needs of transnational mothers indicates the critical need to continue investigating and identifying their needs (Pineros et al., 2021, p. 10).

⁶⁷ No original: When they came the third month, they beat him up. I was the only warning left (Garcia, 2021, p. 210)

detalhes e dizer apenas isto: fiz uma escolha novamente, por você⁶⁸
(Garcia, 2021, p. 89 - tradução nossa)

Após os episódios violentos em El Salvador, Glória decide migrar para outro país julgando ser isto uma forma de garantir segurança e melhores condições de vida para a pequena Ana.

Em sua segunda estadia nos Estados Unidos, Glória aluga um pequeno apartamento no subúrbio de Miami para viver junto a sua filha até ser capturada pelo ICE, o serviço de imigração americano. O momento da deportação de Glória mostra a fragilidade de sua condição enquanto mãe e migrante.

Ao ter a casa invadida no meio da noite, Glória sequer é informada sobre o que seria feito a Ana. Isso demonstra que, para os agentes federais responsáveis pelo cumprimento das leis de migração, não importava a condição de Glória enquanto mãe, como evidenciado no seguinte momento:

Luzes azuis e vermelhas dançando nas paredes a acordam; ela observa da janela do quarto. Uma van branca com um brasão que parece oficial. Dois agentes com jaquetas pretas e letras refletivas. (...) . As letras nas jaquetas parecem soletrar o sentimento da noite: ICE. A vizinha foi retirada algemada, vestindo pijamas⁶⁹ (Garcia, 2021, p. 27 - tradução nossa)

No centro de deportação, Glória expressa angústia por não saber o paradeiro de sua filha, o que intensifica seu sofrimento. Ela diz: “estou sozinha. Não sei onde está minha filha. Espero que ainda esteja na Flórida, segura de alguma forma, ou a caminho daqui, se está segura na Flórida não for uma opção”⁷⁰ (Garcia, 2021, p. 49 - tradução nossa). Essa situação ressalta a sua vulnerabilidade enquanto mãe transnacional, que enfrenta não apenas a distância geográfica, mas também a insegurança sobre o paradeiro da filha. A experiência de Glória também mostra como o sistema de migração, representado nesse espaço ficcional, pode transformar a maternidade em uma experiência marcada pelo medo, pela incerteza e pela violência.

⁶⁸ No original: They killed your uncle six months later, you still latched to my chest, you still sleeping in a bundle by my side. I will spare you the details and say only this: I made a choice again, for you (Garcia, 2021, p. 89)

⁶⁹ No original: Blue and red lights disco-dancing across the walls wake her; she watches from her bedroom window. A white van with an official-looking crest. Two agents in black jackets with reflective letters. (...) The letters on the jackets seem to spell out the feeling of the night: ICE. The neighbor woman is walked out in handcuffs, wearing pajamas (Garcia, 2021, p.27)

⁷⁰ No original: I am alone. I don't know where my daughter is—I hope still in Florida, safe somehow, or on her way here, if safe in Florida is not an option (Garcia, 2021, p. 49).

Enquanto Glória está no centro de deportação, ela escreve cartas pedindo perdão à filha Ana, questionando se tornou a vida da filha pior, como evidenciado no momento de sua narração: “Ana, me desculpe. Eu não sei se tornei sua vida pior”⁷¹ (Garcia, 2021, p. 49 - tradução nossa). Nessa cena, percebemos a presença de um juízo de valor, uma vez que Glória avalia suas próprias ações e escolhas maternas à luz de padrões e expectativas sobre o que significa ser uma “boa mãe”, demonstrando sentimentos de culpa e autoavaliação em relação à experiência de maternidade transnacional.

Percebemos, então, que a experiência de Glória associa-se à vivências de mães transnacionais que experimentam a maternidade afastadas de seus filhos. Essa separação impõe sofrimento emocional e desafia a percepção de Glória enquanto mãe, ou seja, sua identidade materna. O medo, a culpa e a incerteza que ela sente refletem os dilemas enfrentados por muitas mulheres que vivem a transnacionalidade, em que se é necessário optar entre as melhorias de vida e o cuidado afetivo.

Nesse contexto, a visão dessas mulheres em relação a si mesmas é constantemente abalada porque elas precisam pensar em suas imagens enquanto mães com as restrições impostas por sistemas que não oferecem suporte para manter os vínculos familiares. Glória, por sua vez, vivencia a maternidade de maneira a subverter questões tradicionais relacionadas ao cuidado, à presença física e às expectativas sociais sobre o que constitui uma “boa mãe”. Sua experiência transnacional é marcada por situações extremas: ela se separa da filha, permanece em um centro de detenção e enfrenta a incerteza sobre seu destino, sem saber se poderá reencontrar Ana. Essas condições evidenciam como a maternidade, nesse contexto, se redefine, ocorrendo a distância e em meio a vulnerabilidades estruturais, desafiando os parâmetros convencionais de cuidado, proteção e vínculo materno.

Pensando nas condições nas quais Glória se torna mãe, a partir de uma violência sexual, podemos observar como sua vivência materna associa-se a questões relativas à dominação, uma vez que os acontecimentos em sua história são referentes a ações de outras pessoas. Assim como a maternidade transnacional, os eventos violentos da vida de Glória influenciam a forma na qual ela se identifica enquanto mãe. Glória não escolhe engravidar, como também não opta

⁷¹ No original: Ana, I am sorry. I do not know if I made your life worse (Garica, 2021, p. 49)

por maternar distante da filha. Os acontecimentos em sua história são provenientes de práticas institucionais que violam seu poder de decisão. Desta forma, na próxima seção, falaremos sobre maternidade e corpo analisando, sob esse viés, esses acontecimentos na trajetória de Glória.

3.3 - Maternidade e corpo

A história de Glória, em *Of Women and Salt* (2021), mostra como o corpo e a maternidade podem ser marcados por experiências de poder e controle. Ao longo do romance, vemos como as violências físicas e institucionais moldam a vida dessa personagem, influenciando a forma como ela se vê como mãe e como sujeito.

O filósofo Michel Foucault, em *Vigiar e Punir* (1999), aponta como a sociedade moderna controla os corpos a partir de mecanismos de vigilância, disciplina e normalização, que moldam os indivíduos para se tornarem dóceis e úteis às estruturas de poder (Foucault, 1999). Neste capítulo, interessa-nos particularmente o conceito de disciplina, que será explorado e articulado ao longo da discussão. Segundo o autor, o poder não se exerce apenas pela força ou pela repressão, mas por técnicas sutis que moldam comportamentos, produzem corpos dóceis e sujeitos obedientes (Foucault, 1999). Ele explica:

Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo — ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam. (...) É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado (Foucault, 1999, p. 163).

O corpo, durante a época clássica, foi compreendido como alvo de coerção e manipulação, é perpassado pelas estruturas de poder, o que aumenta sua vulnerabilidade e o torna exposto a diversas formas de violência institucional (Foucault, 1999, p. 163). Isso evidencia que o poder atua de modo a construir corpos disciplinados e moldados a obedecer e se adequar às normas sociais e institucionais. A experiência de Glória insere-se nas reflexões de Foucault (1999) sobre o corpo como alvo de coerção e manipulação, permeado por estruturas de

poder que aumentam sua vulnerabilidade e a expõem a diversas formas de violência institucional.

Ao ser levada para um centro de detenção, separada de sua filha Ana e refém de incertezas sobre seu destino, o corpo de Glória torna-se objeto de controle, limitações, proibições e obrigações. Foucault (1999) aponta: “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (Foucault, 1999, p. 163). Nesse sentido, a trajetória de Glória evidencia como o poder institucional reconfigura experiências que serão marcadas pela vulnerabilidade e pela exposição a regimes de controle.

Os métodos que influenciam a coerção dos corpos são chamados por Foucault como “disciplinas”. Segundo o autor, “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas” (Foucault, 1999, p. 164). Ainda de acordo com Foucault em relação às disciplinas:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos (Foucault, 1999, p. 164).

Percebemos, então, que quanto mais o corpo é útil, mais obediente ele se torna, e quanto mais obediente, mais útil ele é. As disciplinas fabricam “corpos submissos e exercitados: corpos “dóceis”” (Foucault, 1999, p. 164). Pensando na história de Glória, as instituições funcionam como uma “disciplina” (1999), pois o medo constante da deportação e de ser separada da filha, funciona como um mecanismo de poder que atinge seus comportamentos e autonomia. A ameaça de ser expulsa do país com uma criança pequena faz com que ela aceite as condições de vulnerabilidade em nome da sobrevivência e da proteção da filha. Isso se reflete na sua estadia no centro de detenção onde Glória segue as regras sem causar problemas e sem questionar sobre sua situação. Assim, o medo torna-se uma estratégia de disciplina, produzindo um corpo dócil e obediente, que obedece a normas e aceita sobre seu destino.

No centro de detenção, o comportamento de Glória mostra o poder disciplinar sobre seu corpo. Diante da separação da filha, ela não reage com violência, não grita nem enfrenta os agentes, nem mesmo quando é capturada em sua casa. Glória se dispõe a rezar, até os joelhos sangrarem, para que possa encontrar a pequena Ana. Na cena seguinte, Glória descreve seu comportamento dócil no centro de detenção. Ela conta:

Rezo por ela todas as noites. Rezo no chão de concreto ao lado do meu beliche até que meus joelhos fiquem crus e doloridos e eu mal consiga ficar de pé. Algumas noites, meus joelhos sangram. Há uma mancha de sangue perto do beliche. (...) Temo que eu também esteja perdendo a mente⁷² (Garcia, 2021, p. 49 - tradução nossa)

Esse comportamento de Glória mostra a docilidade produzida pela disciplina: Glória tem o medo da punição e segue as regras impostas pelo sistema. Seu silêncio não é sinal de aceitação, mas de temor e sobrevivência.

A pesquisadora Susan Bordo (1993), afirma, pautada nos postulados de Foucault (1999), que “o domínio da cultura sobre o corpo é um fato constante e íntimo da vida cotidiana”⁷³ (Bordo, 1993, p. 22 - tradução nossa). De acordo com a autora:

Para Foucault, o poder moderno (em oposição ao soberano) é não autoritário, não conspiratório e, de fato, não orquestrado; ainda assim, ele produz e normaliza corpos para servir às relações prevalentes de domínio e subordinação. Compreender esse novo tipo de poder requer, segundo Foucault, duas mudanças conceituais. Primeiro, devemos deixar de imaginar o “poder” como a posse de indivíduos ou grupos — como algo que as pessoas “têm” — e, em vez disso, vê-lo como uma dinâmica ou rede de forças não centralizadas. Segundo, devemos reconhecer que essas forças não são aleatórias ou arbitrarias, mas se configuram para assumir formas históricas específicas, dentro das quais certos grupos e ideologias realmente têm domínio⁷⁴ (Bordo, 1993, p. 30 - tradução nossa)

⁷² No original: I pray for her every night. I pray on the concrete floor at the side of my bunk until my knees are raw and tender and I can barely stand. Some nights, my knees bleed, There is smear of red beside bunk. (...) I fear I, too, am losing my mind. (Garcia, 2021, p. 49)

⁷³ No original: Culture's grip on the body is a constant, intimate fact of everyday life. (Bordo, 1993, p. 22)

⁷⁴ No original: For Foucault, modern (as opposed to sovereign) power is nonauthoritarian, nonconspiratorial, and indeed nonorchestrated; yet it nonetheless produces and normalizes bodies to serve prevailing relations of dominance and subordination. Understanding this new sort of power requires, according to Foucault, two conceptual changes. First, we must cease to imagine “power” as the possession of individuals or groups—as something people “have”—and instead see it as a dynamic or network of noncentralized forces. Second, we must recognize that these forces are not random or haphazard, but configure to assume particular historical forms, within which certain groups and ideologies do have dominance. (Bordo, 1993, p. 30)

Bordo (1993) mostra, a partir das ideias de Foucault, que o corpo, especialmente o corpo das mulheres, é constantemente moldado e controlado pela cultura e pelas normas sociais. Esse controle não acontece apenas de fora, por meio de regras, mas também de dentro, porque as pessoas acabam seguindo e aceitando essas normas como corretas (Bordo, 1993). O corpo passa, então, a mostrar as forças de poder que o cercam, mostrando como cultura, disciplina e identidade estão ligadas. Esse entendimento ajuda a pensar em personagens como Glória, em que sua experiência revela como o corpo da mulher e a maternidade são alvo de controle social e institucional.

A vivência materna de Glória não se configura como uma escolha pessoal, mas como o resultado de um conjunto de violências físicas, estruturais e institucionais que moldam e restringem sua trajetória. A gravidez, o afastamento do país de origem e, posteriormente, o envio a um centro de detenção sem a filha não decorrem de decisões autônomas, mas de circunstâncias impostas por contextos de vulnerabilidade e desigualdade que interpelam sua existência enquanto mulher migrante.

A personagem decide migrar com o intuito de proteger a filha da violência presente em El Salvador e de lhe proporcionar melhores condições de vida, como expressa sua fala: “Eu tentei te salvar. Querida Ana, me desculpe. Eu pensei que poderia te dar uma chance melhor”⁷⁵ (Garcia, 2021, p. 49, tradução nossa). Essa decisão, contudo, insere Glória em um contexto de vulnerabilidade, no qual o corpo feminino e materno torna-se ainda mais exposto a diferentes formas de violência física e institucional.

No centro de detenção, Glória reflete sobre como gostaria de viver em um universo alternativo no qual ela não seria mãe. Ela evidencia:

Neste universo alternativo, talvez eu não fosse mãe. Se eu for honesta, nem sempre quero ser mãe. Às vezes, quero ser dançarina, na Salsa Rueda às sextas-feiras no meu lugar favorito, aquele perto do aeroporto de Miami. Eu estava aprendendo. Às vezes, quero ser nadadora, em Key Biscayne, onde vivem os salvadorenhos ricos, onde a praia é mais feia que Miami Beach, mas onde menos pessoas se aventuram, assim posso mergulhar na água verde-cinza e

⁷⁵ No original: I try to save you. Dear Ana, I'm sorry. Eu though I could give you a better chance. (Garcia, 2021, p. 49)

observar as nuvens se desfocarem, e ninguém exige nada de mim”⁷⁶
(Garcia, 2021, p. 60 - tradução nossa).

Esse trecho aponta o conflito entre o desejo de ser mãe e a obrigação, o que nos mostra as mazelas de uma vivência materna que, no caso dela, foi imposta por circunstâncias de violência. Ao imaginar possibilidades alternativas para sua vida, como ser dançarina ou nadadora, Glória revela o confronto entre sua identidade pessoal e o papel de mãe que lhe foi atribuído.

Ao revisitar o momento da captura de Glória pelo ICE, compreendendo-o como uma instância de exercício de poder institucional sobre seu corpo, evidencia-se sua condição de vulnerabilidade diante de mecanismos que disciplinam, controlam e punem. Glória é retirada de casa no meio da noite, sem aviso prévio ou qualquer abordagem menos violenta, mesmo tendo sob seus cuidados uma criança pequena. Algemada como uma criminoso, ela não tem escolha sobre deixar a filha aos cuidados de uma desconhecida, nem sobre levá-la para o Texas, e tampouco recebe informações sobre o paradeiro da criança (Garcia, 2021). O momento a seguir narra a ação do ICE na casa de Glória, observado pela vizinha Jeanette: “A vizinha saiu algemada, vestindo pijamas”⁷⁷ (Garcia, 2021, p. 27 - tradução nossa). Essa cena revela, para além da violência física da captura, a violência emocional e institucional, pois a ação do ICE mostra como o poder estatal atua sobre o corpo feminino e migrante de forma coerciva.

A violência praticada pelo órgão responsável pela fiscalização de migrantes, faz com que a vida de Glória seja marcada pelo medo, pela insegurança e pela necessidade de pensar condições que lhe permitissem recuperar a filha, muitas delas se calando e obedecendo. O episódio demonstra que, naquele momento, Glória estava forçada à obediência e à espera das decisões das autoridades, tendo sua vida e seu destino entregues a pessoas que nem sequer a conheciam, evidenciando o controle institucional sobre seu corpo e sua autonomia.

⁷⁶ No original: In this alternate universe, maybe I wouldn't be a mother. If I am being honest, I don't always want to be a mother. Sometimes I want to be a dancer, at Salsa Rueda on Fridays at my favorite spot, the one by the Miami airport. I was learning. Sometimes I want to be a swimmer, in Key Biscayne, where the wealthy Salvadorans live, where the beach is uglier than Miami Beach but where fewer people venture so I can sink beneath the green-gray water and watch the clouds blur and no one asks anything of me (Garcia, 2021, p. 60).

⁷⁷ No original: The neighbor woman is walked out in handcuffs, wearing pajamas (Garcia, 2021, p. 89)

Em uma cena de diálogo entre Glória e um guarda da detenção, nos é apresentada uma situação que evidencia a posição de Glória diante de um sistema que a desumaniza e inibe suas possibilidades de escolha. A cena mostra:

-Eles vão te deportar de qualquer forma. - E quanto à minha filha? - Olhe. Eu gosto de você, Sra. Gloria Ramos, é isso. Eu gosto de você. Estas são perguntas para um advogado. Sra. Ramos. Então vou lhe dar alguns conselhos. Assine este formulário. Faça isso por sua filha. Saíam daqui rapidamente e sigam com suas vidas. - Mas para onde eu vou? Volto para El Salvador? - Bem, eu não sei. Isso eu não sei⁷⁸ (Garcia, 2021, p. 59)

A conversa com o agente revela como o poder institucional atua de forma fria, humilhante e burocrática sobre sua vida, ignorando seus vínculos afetivos com sua filha Ana e sua condição enquanto mãe. A incerteza nas respostas recebidas mostra a ausência de controle que Glória tem sobre o próprio destino, reafirmando sua condição de corpo vulnerável e submisso.

Já no episódio de deportação de Glória, quando ela é enviada ao México, evidencia-se outra forma de violência e coerção institucional, visto que o tratamento dado pelas autoridades reforça sua condição de vulnerabilidade e desamparo. Ana, sua filha, relata que, após a estadia no Texas, Glória esperava que as autoridades a enviassem de volta para El Salvador, como seria o procedimento habitual. No entanto, ela é deixada no México, com a função de encontrar seu próprio caminho de volta para casa, sendo responsabilizada por continuar seu destino em meio a uma situação de vulnerabilidade econômica e cultural, em um país estranho. Ana conta:

Então a detenção em família, uma prisão para mães e bebês. Uma transferência para um centro de detenção diferente, frio, muito frio. Outros oficiais, Patrulha de Fronteira? Difícil de acompanhar. Então, a mãe dela tinha lhe dito, um ônibus que os deixou no México, um agente que disse: “Siga para El Salvador a partir daqui”⁷⁹ (Garcia, 2021, p. 193 - tradução nossa)

Nesta passagem, mostra-se a violência institucional sofrida por Glória por parte dos órgãos federais responsáveis pelo centro de detenção e pelo controle de

⁷⁸ No original: They'll deport you anyways.- And what about my daughter? Look. I like you, Ms. Gloria Ramos, is it. I like you, These are questions for a lawyer. Ms. Ramos. So I'm going to give you some advice. Sign this form. Do it for your daughter. Get yourselves out of here quickly and on with your lives. - But where do I go? Do I go back to El Salvador? - Well, I don't know. That I don't know (Garcia, 2021, p. 59)

⁷⁹ No original: Then family detention, a jail for mothers, babies. A transfer to a different, cold, cold holding center. Other officers, Border Patrol? Hard to keep track of. Then, her mother had told her, a bus that dropped them in Mexico, an agent that said, “Make your way to El Salvador from here”(Garcia, 2021, p. 193).

migrantes. Essas instituições, em que a função seria garantir o retorno seguro de Glória para seu país de origem, El Salvador, atuaram de forma contrária, impondo-lhe maior sofrimento ao deixá-la em um país estranho, sem recursos financeiros para retornar a El Salvador ou mesmo para suprir necessidades básicas.

A vulnerabilidade da situação de Glória piora pelo fato de Ana, sua filha, estar junto a ela nesse processo de deportação, sendo ainda uma criança, o que agrava a pressão emocional e a responsabilidade materna sobre Glória. Tanto Glória quanto Ana estão expostas à dominação e violência, uma vez que compartilham a mesma condição enquanto mulheres e migrantes.

Mulheres migrantes podem enfrentar diversas formas de vulnerabilidade que perpassam seus corpos, suas vidas e suas experiências afetivas, como as dificuldades da migração, viver em um país estrangeiro e desconhecido e, em alguns casos, a separação familiar (Carpenedo; Nardi, 2017). Seus corpos podem se tornar objetos de vigilância, seja por políticas migratórias, exigências legais ou normas culturais, e suas escolhas são muitas vezes limitadas pelo medo de deportação.

As questões de controle sobre o corpo de Glória se tornam ainda mais fortes porque ela é mãe e considera o bem-estar de sua filha Ana. Seu corpo se torna um corpo interpelado por responsabilidades, medos, pressões sociais e institucionais. As decisões e movimentos de Glória são limitados e condicionados pelas normas que conduzem tanto a maternidade quanto os corpos de mulheres migrantes, mostrando como o poder se manifesta de forma mais direta quando há uma criança envolvida.

Em resumo, ser um sujeito vulnerável e constantemente exposto a relações de poder nas quais se está em desvantagem influencia diretamente as experiências de vida das personagens. No caso de Glória, essa vulnerabilidade se reflete de maneira intensa na maternidade, tornando-a mais difícil e sujeita a diferentes formas de violência, sejam elas físicas, simbólicas ou institucionais.

As violências que Glória sofre, tanto físicas quanto institucionais, mostram como sua vida é marcada por desigualdades. Por ser uma mulher migrante e subalternizada, pois ela ocupa uma posição social marcada pela vulnerabilidade e pela exclusão, Glória enfrenta situações de medo, humilhação e insegurança que tornam sua vida mais difícil. Os acontecimentos em sua história não são culpa dela, mas resultado de um sistema que controla e pune corpos como o seu. Mesmo

assim, ela acaba acreditando que falhou como mãe, sentindo-se culpada por ter sido separada da filha e pedindo desculpas copiosamente. Essa culpa mostra como o poder também atua dentro dela, fazendo com que ela pense que tudo o que aconteceu com ela e a filha foram resultados de uma escolha dela, quando, na verdade, são fruto da violência que a cerca.

Tanto Maria Isabel, em 1866, quanto Glória, em *Of Women and Salt* (2021), revelam, em contextos históricos distintos, a potência subversiva da maternidade quando vivida fora dos modelos normativos. Maria Isabel, enquanto mãe fabril, desafia as concepções tradicionais de maternidade ao exercer o maternar de forma solitária e em meio às exigências do trabalho industrial. Já Glória, ao vivenciar a maternidade em um contexto transnacional, também rompe com a noção tradicional de maternidade associada à presença física e ao cuidado contínuo. No caso de Glória, o deslocamento se configura como elemento constitutivo de suas vivências e torna-se um aspecto central para o reconhecimento de sua identidade, pois é através dele que ela ressignifica seu papel materno e sua própria existência enquanto mulher migrante.

Ambas as experiências demonstram que a maternidade não é uma experiência fixa ou universal, mas uma prática interpelada por condições históricas, sociais e econômicas específicas. Assim, compreende-se que os laços maternos, ainda que marcados por separações, deslocamentos e resistências, constituem dimensões fundamentais nos percursos identitários dessas mulheres, pois é também por meio do maternar que elas se reconhecem enquanto sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas neste trabalho evidenciam a relevância do romance *Of Women and Salt* (2021), de Gabriela Garcia, para os estudos sobre literaturas que tratam de migrações, uma vez que a obra aborda, de forma sensível e complexa, as trajetórias de Glória, Ana, Carmen e Jeanette, mulheres cujas vidas são marcadas pelo deslocamento. Ao longo desta dissertação, desenvolvemos um percurso analítico voltado a destacar a centralidade dos deslocamentos para as experiências das personagens.

Cada capítulo organiza-se em torno de ideias centrais, como o deslocamento e diáspora, os percursos identitários das personagens e as relações maternas entre as mulheres, de modo a demonstrar como os movimentos migratórios atravessam as vivências dessas mulheres no romance, constituindo-se como chave para seus percursos identitários.

Somente é possível analisar a forma pela qual as mulheres no romance se reconhecem enquanto sujeitos a partir dos seus deslocamentos, pois esses movimentos implicam mudanças significativas em seus contextos de vida, relações sociais e culturais. Tais deslocamentos perpassam experiências fundamentais, como a maternidade, incidindo diretamente na maneira como elas constroem e reelaboram suas percepções de si mesmas enquanto mães e como sujeitos.

No primeiro capítulo, à luz dos postulados teóricos de William Safran (1991), James Clifford (1994), Sandra Regina Goulart Almeida (2016) e Avtar Brah (2011) refletimos sobre os conceitos de deslocamento e diáspora que nortearam a análise dos percursos de Glória, Ana, Carmen e Jeanette no romance. Conforme discutido nesse capítulo, os deslocamentos, compreendidos por essas mulheres como uma possibilidade de transformação e de busca por melhores condições de vida, constituem um eixo fundamental de suas experiências, refletindo em múltiplas dimensões, como as identidades. As migrações se repercutem diretamente na construção de suas identidades, que se configuram de maneira dinâmica, sendo constantemente (re)elaboradas a cada novo deslocamento e contato cultural.

Apontamos que, os sujeitos diaspóricos possuem identidades fragmentadas. Assim, a diáspora, presente nas histórias de personagens como Glória e Ana, se revela como uma dinâmica de construção de identidades em constante transformação, por meio da qual as personagens elaboram formas de existência

situadas entre fronteiras simbólicas, culturais e emocionais.

Ana, por exemplo, sofre influência de diferentes instâncias em seu percurso identitário advindas do trânsito entre culturas, como as línguas: ela transita entre idiomas diferentes (inglês e espanhol). A língua é um elemento que simboliza, na narrativa, os atravessamentos culturais, de mundo, que fazem parte da trajetória dessa personagem. Como observa Garcia: “o México transformou seu idioma. (...) Seu espanhol ficou mais forte que o inglês novamente, mas seu sotaque começou a mudar”⁸⁰ (Garcia, 2021, p. 111 – tradução nossa).

Para Ana, o deslocamento constitui um elemento central de seu percurso identitário, gerando uma tensão constante entre origem e acolhimento e exigindo que ela reelabore sua percepção de si mesma a cada experiência migratória. Assim, a migração se apresenta não apenas como um movimento físico, mas como uma experiência que atravessa a subjetividade, configurando a forma como Ana se entende, se expressa e se relaciona com o mundo ao seu redor.

Prosseguindo a relação entre deslocamento e identidades, analisamos, no segundo capítulo, os percursos identitários de Glória, Ana e Jeanette, recorrendo aos postulados desenvolvidos por Stuart Hall (2006) sobre identidade e identidade cultural. Hall (2006) problematiza a ideia de identidade unificada, inalterada e completa, considerando-a uma fantasia, e aponta que, à medida que os sistemas de representação cultural se multiplicam, somos confrontados com identidades múltiplas possíveis, com as quais podemos nos identificar, ao menos temporariamente (Hall, 2006, p. 12). No caso de Glória, os trânsitos constantes entre El Salvador, Estados Unidos e México resultam em identidades fragmentadas, compostas por diversos encontros e interações culturais que moldam sua percepção de si mesma. Ao vivenciar momentos de interação com mulheres de diferentes nacionalidades nos centros de detenção, Glória evidencia o caráter plural desses encontros, revelando a diversidade cultural e de origem das mulheres. Glória diz:

Ao lado do parquinho, há um espaço aberto de “recreação” para os adultos. Muitas vezes, as mulheres vão lá quando as crianças estão na escola. Ou às vezes, algumas mulheres se revezam para cuidar de várias crianças no parquinho e as outras vão sozinhas. Sento-me em uma mesa com as outras mulheres salvadorenhas. Ao nosso lado, outra mesa, guatemaltecas. Ao lado delas, uma mesa com menos mulheres: metade haitianas e a outra metade, não tenho certeza. Acho que chinesas⁸¹ (Garcia, 2021, p. 55- tradução

⁸⁰ No original: “Mexico morphed her language. Her Spanish grew stronger than her English again but her accent began to change (Garcia, 2021, p. 111)

⁸¹ No original: Beside the playground there is an open “recreation” space for the adults. Often the

nossa)

Essas interações nos centros de detenção levam Glória a incorporar idiomas, costumes e práticas culturais compartilhados, integrando-os à sua trajetória e aos seus percursos identitários. Para as mulheres no centro de detenção, a experiência de deslocamento e convivência transcultural contribui para a formação de identidades ampliadas, plurais e continuamente transformadas. Assim, os percursos identitários se configuram como processos interativos e em constante construção, moldados pelas experiências de migração e pelos contatos culturais estabelecidos ao longo de suas trajetórias.

Por fim, no terceiro capítulo, analisamos as relações maternas presentes nas histórias de Maria Isabel e Glória, enfatizando os aspectos singulares de suas experiências como mães que criam suas filhas sozinhas e em contextos de migração. Destacamos que a maternidade constitui um fenômeno complexo, abrangendo dimensões relacionadas à experiência, à cultura e às relações de poder (Hirsch, 1989). À luz das contribuições teóricas de Carla Cerqueira, Paula Galvão e Lucivanda Borges (2024), Teresa De Lauretis (1987) e Lucila Scavone (2001), problematizamos como a experiência materna é interpelada por normas e expectativas que a tradicionalizam. Sob essa perspectiva, apontamos como as mães em *Of Women and Salt* (2021) subvertem as concepções tradicionais de maternidade, demonstrando que ser mãe em contextos de transnacionalidade implica negociações contínuas entre laços afetivos e construção identitária.

No romance, a experiência materna de Glória é marcada pelo constante trânsito entre países e por períodos de separação de sua filha, circunstâncias que tensionam e desafiam concepções tradicionais de maternidade centradas no cuidado físico e na presença contínua. Esses desafios levam a personagem a questionar seu papel materno, influenciando a forma como ela se identifica enquanto mãe e sujeito. Glória pede desculpas à filha, evidenciando não apenas o sentimento de culpa pelos acontecimentos na vida de Ana, mas também revelando a forma como ela se percebe enquanto mãe e os dilemas que atravessam sua experiência materna. Ela diz: “Ana, me desculpe. Eu não sei se tornei sua vida pior”⁸² (Garcia,

women will go there when the children are in school. Or sometimes a few women will take turns watching severam of the childrens at the playground and the others will go on their own. I sit at a table with the other Salvadoran women. Beside us, another table, Guatemalans. Beside them, a table with fewer women: half Haitians and the other Half I'm not sure. I think Chinese (Garcia, 2021, p. 55)

⁸² No original: Ana, I am sorry. I do not know if I made your life worse (Garcia, 2021, p. 49)

2021, p. 49 - tradução nossa). Sua trajetória evidencia que a experiência materna é profundamente influenciada pelo contexto social e cultural em que se insere. Além disso, como discutido nos capítulos anteriores desta dissertação, os deslocamentos reorganizam os vínculos afetivos e influenciam a construção identitária de Glória, configurando a maternidade como uma experiência atravessada pelos processos migratórios. Nesse contexto, o exercício da maternidade envolve negociações contínuas que moldam, tensionam e reconstroem os percursos identitários da personagem, demonstrando a complexidade da experiência materna em cenários transnacionais.

Em suma, foi nosso objetivo analisar as histórias de mulheres em *Of Women and Salt* (2021) a partir de três vetores centrais: o deslocamento, os percursos identitários e as relações maternas. Esses elementos se articulam para produzir uma compreensão abrangente de como a migração atravessa as experiências pessoais e coletivas das personagens, delimitando seus percursos identitários, seus vínculos afetivos e as formas pelas quais se percebem enquanto sujeitos em contextos culturais e sociais diversos.

Por fim, nosso trabalho contribui para o campo da literatura migrante ao oferecer uma análise aprofundada das experiências de deslocamento, identidade e maternidade em *Of Women and Salt* (2021). Ao investigar como os deslocamentos são importantes para os percursos identitários das personagens, evidenciamos a centralidade da migração na construção de subjetividades, ampliando a compreensão sobre identidade em contextos migratórios. Também cumpre destacar a importância da literatura sobre migração, como a obra de Garcia, como uma forma de resistência, pois ela dá voz a experiências de mulheres que foram, por muito tempo, ignoradas e silenciadas.

Ao contar as histórias de mulheres migrantes e diaspóricas, Gabriela Garcia revela as dificuldades e as lutas dessas personagens, mostrando, também, o lado complexo das migrações. Sua escrita valoriza vivências de deslocamento. Dessa maneira, *Of Women and Salt* (2021) se torna um espaço de expressão e de resistência, no qual as personagens mulheres conseguem contar suas próprias histórias. A obra mostra como a literatura pode ser um instrumento de transformação, capaz de questionar estruturas de poder e de abrir espaço para novas formas de ver e entender as mulheres e suas experiências no contexto da diáspora.

Logo, apontamos que pesquisas futuras podem se debruçar sobre como o romance de Garcia (2021) dialoga com outras literaturas diaspóricas, investigando, também, de que forma os deslocamentos ressignificam noções de território, lar, pertencimento e cidadania a partir da perspectiva das mulheres.

REFERÊNCIAS

- AHMED, Anya. *Home and away: British women's narratives of community in Spain*. 2010. 282 f. Tese (Doutorado – PhD at the University of Central Lancashire) – University of Central Lancashire, Preston, Reino Unido, 2010. Disponível em: <https://clouk.uclan.ac.uk/id/eprint/19158/>. Acesso em: 14 out. 2025.
- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *Cartografias contemporâneas: espaço, corpo, escrita*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.
- ALENCAR-RODRIGUES, Roberta de; STREY, Marlene Neves; ESPINOSA, Leonor Cantera. Marcas do gênero nas migrações internacionais das mulheres. *Psicologia & Sociedade* (Online), Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 421-430, set./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/TPQwhZHCsjf78f5bFxpT7P/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 ago. 2025.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BERND, Zilá (org.) *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- BRAH, Avtar. *Cartografias de la diáspora: identidades en cuestión*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2011.
- BRAND, Dionne. *Um mapa para a porta do não retorno: notas sobre pertencimento*. Tradução de Jess Oliveira e Floresta. São Paulo: A Bolha Editora, 2022.
- BOLAÑOS, Aimée G. *Las palabras viajeras*. Madrid: Editorial Betania, 2010.
- BORDO, Susan. *Unbearable weight: feminism, Western culture, and the body*. Berkeley: University of California Press, 1993.
- CARPENEDO, Manoela; NARDI, Henrique. Maternidade transnacional e produção de subjetividade: as experiências de mulheres brasileiras imigrantes vivendo em Londres. *Cadernos Pagu*, n. 49, p. 80–114, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201700490012>. Acesso em: 27 ago. 2025.
- CHAMBERS, Iain. *Migrancy, culture and identity*. London; New York: Routledge, 1994.
- CHODOROW, Nancy J. *The reproduction of mothering: psychoanalysis and the sociology of gender*. Berkeley: University of California Press, 2023.
- CLIFFORD, James. Diasporas. *Cultural Anthropology*, v. 9, n. 3, p. 302-338, 1994. Disponível em:

<https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1525/can.1994.9.3.02a00040>. Acesso em: 26 ago. 2025.

CLIFFORD, James. *Itinerarios transculturales*. Barcelona: Gedisa, 1999.

COHEN, Robin. Sólidas, dúcteis e líquidas: noções em mutação de “lar” e “terra natal” nos estudos da diáspora. *Caderno CRH*, v. 21, p. 519-532, 2008. Disponível em:

<http://www.imigracaohistorica.info/posts/solidas-ducteis-e-liquidas-nocoos-em-mutacao-de-lar-e-terra-natal-nos-estudos-da-diaspora-por-robin-cohen>. Acesso em: 15 ago. 2025.

COLLINS, Patricia Hill. *Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. New York: Routledge, 1990.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Intersectionality*. 2. ed. Cambridge: Polity Press, 2021.

COUTINHO, Emília; PARREIRA, Maria Vitória. Outra forma de olhar a mãe imigrante numa situação de transição. *Millenium*, v. 40, p. 83-97, 2011. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/8221>. Acesso em: 12 ago. 2025.

COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano? e outras interinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CURY, Maria Zilda (org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.

DAVIES, Carole Boyce. *Black women, writing and identity: migrations of the subject*. New York; London: Routledge, 1994.

DAVIES, Carole Boyce. Mulheres caribenhas escrevem a migração e a diáspora. *Revista Estudos Feministas*, v. 18, p. 747-763, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/wHdtnsSSBDhhfTtm8TVfs5P/?format=html&lang=pt>.

Acesso em: 01 ago. 2025.

DE LAURETIS, Teresa. *Technologies of gender: essays on theory, film, and fiction*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

DE OLIVEIRA, Natalia Fontes. *Of women bonds: motherhood, sisterhood, and the ethics of care in Toni Morrison's Sula and A Mercy*. 2011. 108 f. Master's Thesis (Mestrado em estudos literários) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

DILL, Bonnie Thornton; ZAMBRANA, Ruth E. Our mothers' grief: racial ethnic women and the maintenance of families. *Journal of Family History*, v. 13, n. 4, p. 415-431, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/036319908801300402>. Acesso em: 27 ago. 2025.

DUARTE, Madalena; OLIVEIRA, Ana. Mulheres nas margens: a violência doméstica e as mulheres imigrantes. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, v. 23, p. 223-237, 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/317471495>. Acesso em: 27 ago. 2025.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Unesp, 2005.

ESCOBAR, Juliana Quintero. *Transnational mothers and the construction of alternative meanings of motherhood*. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — Indiana University-Purdue University Indianapolis, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1805/2497>. Acesso em: 13 out. 2025.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 21. ed. tradução de Rubens Rodrigues Torres. Petrópolis: Vozes, 2019.

GARCIA, Gabriela. Championing stories that center immigrants. Seattle, 2020. Entrevista concedida a Melissa Firman. *Shelf Awareness*, Seattle, sep. 2020. Disponível em: <https://www.shelf-awareness.com/max-issue.html?issue=399#m846>. Acesso em: 30 jul. 2024.

GARCIA, Gabriela. *Of women and salt*. New York: Flatiron Books, 2021.

GASPARINI, Pablo. Sobre a perda da grandiloquência na literatura hispano-americana pós-noventa. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 38, p. 97-107, 201. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/xc9LnCq94ZWVfZMXPjnjVF/abstract/?lang=en>. Acesso em: 10 ago. 2025.

GELLNER, Ernest. Nations and nationalism. 2015. In: BETTS, Richard K. *Conflict after the Cold War*. London: Routledge, 2015. p. 378-389.

GEORGE, Rosemary Marangoly. *The politics of home: postcolonial relocations and twentieth-century fiction*. Berkeley: University of California Press, 1996.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, 2001.

GLENN, Evelyn Nakano. Social constructions of mothering. In: GLENN, Evelyn Nakano; CHANG, Grace; FORCEY, Linda Rennie (orgs.). *Mothering: ideology, experience, and agency*. New York: Routledge, 1994. p. 1-29.

GOMES, Alberto Albuquerque. Conceito de identidades e a identidade profissional docente. *Colloquium Humanarum*, v. 15, n. 3, p. 42-53, 2018. Disponível em: <https://journal.unoeste.br/index.php/ch/article/view/2481>. Acesso em: 27 ago. 2025.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rudiger e Sayonara Amaral. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: UNESCO, 2003..

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. *Comunicação & Cultura*, v. 1, p. 21-35, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIRSCH, Marianne. *The Mother/Daughter Plot: Narrative, Psychoanalysis, Feminism*. Bloomington: Indiana University Press, 1989.

HONDAGNEU, Sottelo, Pierrette; ÁVILA, Ernestine. I'm here, but I'm there: the meanings of Latina transnational motherhood. *Gender & Society*, v. 11, n. 5, p. 548-571, 1997. Disponível em: https://www.academia.edu/8442065/Im_Here_but_Im_There_The_Meanings_of_Latina_Transnational_Motherhood. Acesso em: 27 ago. 2025.

MARQUES, Mariana Araújo. *Maternidade transnacional: o exercício da maternidade por mulheres que migraram sem filhos*. 2014. 52 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2014.

MEXIA, Pedro. *Duplo Império*. Lisboa: edição do autor, 1999.

OLIVEIRA, Luzia Terezinha Baptista. Projeção: um 'entre-lugar' na relação educação profissional e educação básica na modalidade de jovens e adultos. *Educação, Ciência e Cultura*, v. 17, n. 1, p. 183-194, 2012. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/467/334>. Acesso em: 24 out. 2025.

ORGANIZAÇÃO Internacional para as Migrações. *Glossário sobre migração*. Genebra: OIM, 2009. Disponível em: <http://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2024.

PALMER, Colin A. Defining and studying the modern African diaspora. *The Journal of Negro History*, v. 85, n. 1-2, p. 27-32, 2000. Disponível em: <https://www.jpanafrican.org/docs/vol11no2/11.2-16-Palmer.pdf>. Acesso em: 20 set. 2025.

PERETTI, Marizete. *Migrações na América Latina e Caribe: o direito à segurança social do imigrante no Brasil*. 2018. 95 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2018.

PINEROS-LEANO, María *et al.* Depressive Symptoms and Emotional Distress of Transnational Mothers: A Scoping Review. *Frontiers in Psychiatry*, v. 12, art. 574100, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33716806/>. Acesso em: 20 set. 2025.

RUIZ, Antonio. In: SANT'ANNA, Affonso. *Rua Aribau: coletânea de poemas*. Porto Alegre: TAG, 2018.

SAFRAN, William. Diasporas in modern societies: myths of homeland and return. *Diaspora*, v. 1, p. 83-99, 1991. Disponível em: https://www.academia.edu/5029348/Diasporas_in_Modern_Societies_Myths_of_Homeland_and_Return. Acesso em: 01 set. 2025.

SANTOS, Gisele Cerqueira; GALRÃO, Paula da Luz; SOUZA, Lucivanda Cavalcante Borges de. Quem disse que ser mulher é ser mãe? Feminilidade(s) e

maternidade(s). *Saúde e Sociedade*, v. 33, e0220388-pt, p. 1-11, nov. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/wMFNCcvzgTRBPm6XRKk6Kdb/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2025.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. *Cadernos Pagu*, n. 16, p. 137-150, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/3wSKqcsySs8ZV4rHM63K8Lz/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 28 ago. 2025.